

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**KATIUSKA FLORENCIA SERAFIN NIEVES**

**O SENTIDO DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA**  
**EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**

Goiânia

2017

Katiuska Florencia Serafin Nieves

**O SENTIDO DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA  
EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Senso* no Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), para obtenção do grau de mestra em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Teles Lemos.

Goiânia

2017

N682s Nieves, Katuska Florencia Serafin

O sentido da religião na construção de resiliência em contextos de violência contra mulheres [manuscrito] / Katuska Florencia Serafin Nieves . -- 2017.

160 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês e espanhol  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2017.

Inclui referências f.130-136

1.Religião - violência. 2.Violência contra mulheres. 3.Violência – resiliência . I.Lemos, Carolina Teles. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 2:364.632-055.2 (043)

**O SENTIDO DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA EM  
CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 05 de fevereiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás



Prof. Dr. Rezende Bruno de Avelar / UFG

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Gilson Xavier de Azevedo / PUCPR (Suplente)

Dedico este trabalho às mulheres corajosas e àquelas que, mesmo tendo a sua coragem contida, descobriram o sentido da vida no ato mesmo de viver, agir, amar e ter posturas e atitudes resilientes.

Agradeço às mulheres, irmãs do caminho.

Gratidão especial à minha mãe, mulher generosa.

*Sentido não pode ser dado, mas precisa ser encontrado. [...]  
O sentido da vida não pode ser inventado, ele precisa ser descoberto.*

(Viktor Frankl, 1992, p. 66)

## RESUMO

Esta pesquisa de natureza biográfica compreende a análise teórico-empírica de histórias de vida de quatro mulheres que sofreram e ainda se encontram em contexto de violência. Objetivou-se, por meio de entrevista com questionário semi-estruturado e mediante o recorte de noções básicas conceituais de violência, religião e resiliência – *à luz de teorias de Geertz (religião como uma rede de significados), Berger (construção social da realidade e religião), Frankl (religiosidade e sentido de vida), Arent (violência como construção histórico-político-social) e Crenshaw (interseccionalidade como análise de múltiplos fatores da violência)* – identificar, utilizando-se de dados de histórias vividas e narradas, que sentido de vida cada uma das quatro mulheres construiu (constrói) no seu cotidiano e em que medida a importância do significado da religião é tida como desenvolvimento construtor de processos resilientes. De modo qualitativo, avaliou-se que cada mulher possui traços comuns de sentidos interseccionados que fundamentam algum tipo de mística religiosa fundada na busca de sentido, de modo a sustentar as suas atitudes no curso da vida, marcada por preconceito, discriminação, desigualdades, intolerância, exclusão, marginalização, injustiça e silêncio social.

**Palavras-chave:** Violência. Religião. Resiliência.

## ABSTRACT

This research of a biographical nature comprises the theoretical-empirical analysis of life histories of four women who suffered and are still in the context of violence. It was objectively, through an interview with a semi-structured questionnaire and by cutting the basic conceptual notions of violence, religion and resilience – *in the light of Geertz theories (religion as a network of meaning), Berger (Social construction of reality and religion), Frankl (religiosity and sense of life), Arent (violence as historical-political-social construction) and Crenshaw (intersectional as analysis of multiple factors of violence)* – identify, using data from the Stories lived and narrated, what a sense of life each of the four women built (builds) in their daily lives and to what extent the importance of the meaning of religion is considered in the development of resilient processes. Qualitatively, it was assessed that each woman possesses common traces of senses, intersected, which underlie some type of religious mysticism constituted in the search for meaning, thus sustaining their attitudes in the course of life, marked by prejudice, Discrimination, inequalities, intolerance, exclusion, marginalization, injustice and social silence.

**Keywords:** Violence. Religion. Resilience.

## RESUMEN

Esta investigación de naturaleza biográfica comprende el análisis teórico-empírico de historias de vida de cuatro mujeres que sufrieron y aun se encuentran en contexto de violencia. Se objetivó, por medio de entrevista con un cuestionario semi-estructurado y mediante el recorte de las nociones básicas conceptuales de violencia, religión y resiliencia— *a la luz de teorías de Geertz (religión como una red de significado), Berger (construcción social de la realidad y de la religión), Frankl (religiosidad y sentido de vida), Arent (violencia como construcción histórica-política-social) e Crenshaw (interseccionalidad como análisis de múltiples factores de la violencia)* – identificar , utilizando los datos de las historias vividas y narradas, qué sentido de vida cada una de las cuatro mujeres construyó (construye) en su cotidianidad y en qué medida la importancia del significado de la religión es considerada en el desarrollo de procesos resilientes. De modo cualitativo, se evaluó que cada mujer posee trazos comunes de sentidos, interseccionados, que fundamentan algún tipo de mística religiosa constituida en la búsqueda de sentido, sustentando de ese modo sus actitudes en el curso de la vida, marcada por prejuicio, discriminación, desigualdades, intolerancia, exclusión, marginalización, injusticia y silencio social.

**Palabras-clave:** Violencia. Religión. Resiliencia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 BREVE HISTÓRICO ESTATÍSTICO DECENAL DA VIOLÊNCIA NO BRASIL ....</b>	<b>19</b>
2.1 VIOLÊNCIA EM ITABERAÍ, GOIÁS: UM ECO EM FORMA DE DADOS .....	24
2.2 VIOLÊNCIA(S): UMA CATEGORIA MULTIFACETADA .....	29
<b>2.2.1 Normatização universal instituída politicamente: Convenção de Belém do Pará.....</b>	<b>36</b>
2.3 RELIGIÃO (E RELIGIOSIDADES) E EFEITOS DA VIOLÊNCIA.....	40
<b>2.3.1 Resiliência: uma força psíquica e seu duplo valor no cotidiano .....</b>	<b>45</b>
2.4 ENTRE AFIRMAR E NEGAR: A RESILIÊNCIA COMO SENTIDO DE VIDA ...	49
<b>3 QUATRO HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E NARRADAS .....</b>	<b>53</b>
3.1 RELATOS BIOGRÁFICOS E O ENTRECRUZAMENTO DA VIOLÊNCIA .....	59
<b>3.1.1 Sujeito A (SA): uma trajetória de vida marcada pelo sexismo.....</b>	<b>62</b>
<b>3.1.2 Sujeito B (SB): uma <i>excludência</i> estigmatizada pelo social .....</b>	<b>71</b>
<b>3.1.3 Sujeito C (SC) e Sujeito D (SD): duas vítimas dos efeitos das drogas</b>	<b>78</b>
3.2 RECONSTRUÇÕES DE VIDA E A LIMITAÇÃO DO MOVIMENTO SOCIAL ..	90
<b>3.2.1 Gêneses e intersecções da violência e a importância do papel da religião .....</b>	<b>92</b>
<b>4 A DIALÉTICA DO “VOLTAR-SE A” NAS HISTÓRIAS DE VIDA .....</b>	<b>98</b>
4.1 CONSCIÊNCIA: PROCESSO DE RECORDAÇÃO E NARRAÇÃO .....	99
4.2 REALIDADE SOCIAL: UM DISCURSO DE PREVALÊNCIA .....	101
4.3 A RELIGIÃO COMO FATOR DE RESILIÊNCIA: LEGITIMAÇÃO OU NÃO? ..	106
<b>4.3.1 A lógica da existência em contexto rememorado e de ações resistentes.....</b>	<b>112</b>
<b>4.3.2 Perspectivas subjetivas de vidas reconstruídas: autotranscedência .....</b>	<b>116</b>
4.4 A RESILIÊNCIA: UMA PRÁXIS SOCIAL SUBJETIVA E OBJETIVA .....	118
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DE QUATRO ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS .....</b>	<b>138</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No mundo, em diversos locais e espaços, a violência agride, fere, desonra, humilha, ultraja, maltrata, muda, transforma de modo direto ou indireto a vida de indivíduos, famílias e povos inteiros, conduzindo a todos, compulsoriamente, a enfrentar o desafio imposto pela adversidade, dor e sofrimento, ao mesmo tempo em que o imponderável pode possibilitar-lhes novas e inesperadas aberturas para buscar “um sentido da vida”: vida individual, vida coletiva.

Na travessia da existência de cada um, os recursos não são determinantes, simplesmente dados. Os recursos são descobertos. Os enfrentamentos apresentam-se dinâmicos e relacionais. Aí, o trauma e pós-trauma e as consequências da violência passam a ter “outra” forma de sentido em cada biografia, que continuamente reúnem uma ordenação de significados, objetivos e subjetivamente reais.

Na (re)construção da “nova” história de vida, necessariamente, se estabelecem conexões e novas percepções do mundo. É um enfrentar para a frente, sem adoecer ou olvidar o passado. É um escrever o presente ressignificado pelas relações e o movimento da vida! Na experiência do cotidiano, a vida acontece, se reinventa, segue, progride. A vida entrelaça passado, presente e futuro.

Observa-se que, em diversas culturas, a violência compõe as construções simbólicas e essas construções definem, hierarquizam e criam um sistema social onde as diferenças podem se tornar desigualdade e exclusão; daí que as raízes sociais, psicológicas, religiosas, políticas, econômicas e ideológicas se encontram, de algum modo, imbricadas em ações violentas, independentemente de se considerar que a violência é inata ou que ela se constrói culturalmente. A violência, presente na biografia individual ou na estrutura social, tem seu curso na própria antropologia da humanidade.

Nessa realidade, e por uma perspectiva ampla de espaço, percebe-se que a violência, cada dia, se manifesta como um fator e um processo de interiorização nos municípios brasileiros. Ela já não é mais uma identificação dos grandes centros urbanos, encontramos-na nos municípios do interior de diversos Estados brasileiros. No município de Itaberaí, Goiás, a violência vem sendo replicada, e, muitas vezes, ela se apresenta tão cruel quanto a violência praticada nas grandes cidades.

O fenômeno de deslocamento da violência das capitais e zonas metropolitanas para os municípios do interior dos Estados apresenta-se num quadro que sinaliza um aumento expressivo, pelo qual as mortes são tidas como violência provocada por causas externas, como, por exemplo, latrocínio, homicídio, acidente de trânsito, dentre outras.

Segundo as estatísticas da violência no Brasil, Itaberaí<sup>1</sup> ocupa o 70º lugar entre os municípios mais violentos do Estado de Goiás, assim como Goiás ocupa a 7ª posição em relação aos demais Estados da Federação, dado que se refere a diversos tipos de mortes violentas.

A partir de um contexto local, no caso, a cidade de Itaberaí, Goiás, associado a realidades mais amplas, esse trabalho de pesquisa de campo<sup>2</sup> refere-se a quatro histórias de vida de quatro mulheres que tiveram experiências em situações de violência. Para analisar os dados do campo e compreender a dinâmica de sentidos, foram selecionadas duas noções teóricas que também são tidas como categorias de análise: *religião* e *violência*. A articulação consiste na metodologia teórico-qualitativa, descritiva, analítica e explicativa.

A técnica e o procedimento dão-se por meio de entrevistas biográficas orais, considerando-se onze (11) perguntas semiestruturadas para as entrevistadas. Quanto à parte empírica, foram feitas filmagens e, em seguida, realizada a digitação do texto oral (fonte primária, em anexo), pela técnica da transcrição literal das falas e, na medida do que foi percebido, transcrição de gestos e silêncios durante a narrativa de cada mulher entrevistada.

Por *história narrada* e *história vivida*, o exercício interpretativo segue as diretrizes traçadas por Rosenthal, tendo em vista que, na dialética entre o vivido e o narrado, há possibilidades de compreender e interpretar a (re)construção da gênese e da constituição do sentido de vida, pressupondo-se que a *resiliência*, num contexto de violência, produz efeitos que provocam inevitavelmente mudanças para uma busca e um “novo” sentido de vida.

Assim, a noção teórico-empírica de resiliência, apreendida no campo empírico composto de senso comum da realidade, representa uma terceira categoria de análise, que se situa não apenas pela perspectiva subjetiva e psicológica, mas

---

<sup>1</sup> Homicídio por armas de fogo no Brasil, 2016. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>> Acesso em: 23 ago. 2017.

<sup>2</sup> O projeto da pesquisa de campo foi aprovado pelo Comitê de Ética (CEP - PUC Goiás), no dia 5 de maio de 2017. CAAE: 66846817.7.0000.0037

segundo ações subjetivas e objetivas presentes na realidade cotidiana – espaço onde se realiza uma transcendência não apenas simbólica, mas também de caráter substancial e social.

No mundo concreto, as quatro mulheres, vítimas da violência, abarcaram as suas “presenças” vitais (dores, sofrimentos, superações, equilíbrios emocionais, familiares e sociais) na biografia vivida e narrada como uma realidade que desafiou a capacidade de elas transcenderem e descobriram que a vida cotidiana, cruzada de presente, passado e futuro, com as suas aflições e belezas, continua acumulando experiências em suas biografias que se desdobram em um pano de fundo tipificado de acervo de conhecimento que integra e reintegra a rotina diária.

Passado qualquer tipo de experiência na vida, não é razoável alegar ignorância e desconhecimento. A realidade da vida é perpassada de acontecimentos que geram conhecimentos. O que fazer da experiência (boa ou ruim) impõe entrar num novo mundo a ser construído socialmente como biografias individuais alteradas, talvez transformadas, a exemplo do que Peter Berger (2013) explicita na sua teoria da construção social da realidade.

Neste trabalho, o recorte teórico da resiliência consiste na análise feita segundo a concepção empírica da experiência religiosa vivida e explicitada (narrada) por cada uma das mulheres que sofreram e são vítimas das consequências da violência.

Assim, *religião e violência*, como dois fenômenos sociais, são analisadas considerando-se as *relações de gênero (mulheres)*, à luz das perspectivas de Saffioti; Schüssler Fiorenza. Nesse contexto a *resiliência*, num primeiro momento, é tida como elemento de enfrentamento, superação e busca de sentido de vida, ao mesmo tempo em que auxilia a identificar diversos outros caracteres estruturantes da dinâmica de vida – processos resilientes: a religião, o trabalho, a adaptabilidade, o humor, a autoimagem e os meios psicoterápicos, dentre outros.

No desenvolvimento da análise, a noção de resiliência amplia-se para contemplar aspectos imponderáveis que, *a priori*, não são definidos teoricamente por diversas áreas do conhecimento, mas assinalados pelo dado empírico que denuncia uma percepção exclusivamente subjetiva (entre a dor e o amor, ambos entrecruzam e fazem um sentido..., mas o amor se manifesta e dá força a sua própria voz!), como de cunho objetivo, como um aspecto fundante de controle social, porque a

sociedade controla os atos antissociais, mesmo que realizados de modo resiliente, em momentos de anormalidade.

Assim sendo, a definição de resiliência é dada *prima face* pela visão psicossocial, a exemplo de Viktor Frankl, Koller, Yunes, Silveria, Mahfoud, mas o campo empírico observado remete a outras interpretações associadas, não apenas às representações psicológicas, tendo em vista as variáveis subjetivas dos relatos das histórias de vida que transpassam o meramente objetivado. Há entrecruzamentos na socialização das ações e sentimentos significativamente humanos.

Portanto, a resiliência, num sentido bergerniano, constitui-se na noção social a partir da biografia individual (a coletividade) de um “pôr-se em equilíbrio”. Cruzando-se com a teoria de Viktor Frankl, a resiliência realiza outras exigências associadas à dimensão interna, isto é, o ser humano é responsável pela sua vida, como também deve atender a outros ditames na rotina da vida: ato de transcender ou auto transcender, como forma de respeito e de cumprimento daquilo que a vida coloca para cada um em seu sentido máximo ou em seu sentido último.

O conceito de religião como sistema cultural simbólico ou uma teia de significados, origina-se da teoria interpretativa de Geertz; e, em Weber, o aspecto da racionalidade dá suporte para identificar subjetivamente, na oferta de sentidos, as escolhas de expressões religiosas.

Em articulação com Berger, referente à teoria da construção da realidade social, o sagrado – elemento fundante da religião –, tido como princípio ordenador da vida, constitui-se como uma construção social significativamente humana. Já a tese de Luckmann, num aspecto particular em relação a Berger, tem por finalidade, ao lado da noção da religião, explicar as formas não institucionalizadas do fenômeno religioso e a possibilitar a apreensão do sentido da religiosidade considerada pelas quatro mulheres: religiosidade sem instituição, como um fenômeno igualmente social.

Relativamente à fundamentação entre categorias teóricas e dados empíricos, a religião é abordada, portanto, pela perspectiva antropológica, cultural, social e simbólica. A *violência*, como outra categoria de análise, é explicada considerando-se as noções construídas por Arent, Young-Bruehl, D' Adesk, Alves, Saffiotti, Bastos e outros teóricos da linha das relações sociais, a fim de identificar marcadores empíricos, pela leitura da *interseccionalidade* - uma teoria

transdisciplinar que permite realizar a análise de caracteres geradores das desigualdades, opressão, hierarquização e diferenciação social, segundo concepções elaboradas por Kimberlé Williams Crenshaw, Avtar Brah.

Assim, a perspectiva da investigação empírica compreende um ideário fenomenológico baseado em fonte primária oriunda de uma história de vida relacionada a questões da práxis social, tendo sido aplicados critérios de análise qualitativa por meio da reconstrução da história de vida (narrada e vivida), a fim de identificar os traços ontológicos e sociais da violência, compreender e interpretar o papel da religião nos processos de construção de resiliência diante da violência; Quer-se verificar como as mulheres entrevistadas se organizam no tempo e no espaço, entre sua biografia vivenciada e narrada por meio da reconstrução de um sentido de vida, tendo na religião um mecanismo construtor de resiliência, podendo a resiliência se constituir num processo de proteção, defesa, prevenção, resistência e ação em contexto de movimentos sociais.

Os fenômenos da violência, da resiliência e da religião, por se situarem originariamente em diferentes campos de conhecimento (Antropologia, Sociologia, Psicologia, Religião), são questões complexas que merecem uma discussão no plano interpretativo das histórias de vidas, o que impõe levantar as suas significações e diferenças internas na realidade biográfica. Frankl (2003, p. 72) explica que “a fenomenologia apenas traduz essa autocompreensão para a linguagem científica; ela não forma conceitos de valor a respeito de quaisquer fatos, mas constata como é que o homem comum vivencia os valores”.

Objetivamos, portanto, compreender e explicar se a religião ou as expressões religiosas tiveram algum papel fundamental, ou não, na superação da dor, do sofrimento, do caos, da desestruturação, transformação e mudanças. Noutras palavras, na construção dos processos de resiliência atuam diversos fatores que favorecem o enfrentamento e a superação do sofrimento e da dor causados pela violência, entre os quais se pode contar a religião como um mecanismo/dinamismo de segurança e ancoragem, pois esta possui uma dimensão de suprassentidos que leva o indivíduo a (re) encontrar um sentido para a sua vida e, dessa forma, completar sua dinâmica ontológica. Assim sendo, a resiliência auxilia processos humanos, individuais e/ou sociais em contextos de adversidade.

A segunda motivação relaciona-se com o fato de que a resiliência, embora seja muito difundida no campo da psicologia e da psicanálise, pode ser investigada

objetivamente em processos de sentido de vida situados em biografias individuais numa inter-relação constitutiva entre o indivíduo e a sociedade, reconstruindo-se a racionalidade inerente dos fenômenos da violência e da resiliência, também presentes na religião, que se constitui como um sistema cultural e simbólico.

Definido o percurso da pesquisa, essa dissertação estrutura-se em três capítulos, cujos conteúdos se entrecruzam em todos eles, de modo que as definições teóricas selecionadas possam se articular de maneira dialética e fenomenológica com os dados empíricos, confirmando a hipótese suscitada, que se materializa em um resultado capaz de provocar, em tese, reflexões direcionadas, provavelmente, ao fortalecimento de movimentos sociais e, talvez, à construção de uma pauta de políticas públicas de proteção às mulheres e contra a violência que afeta substancialmente a vida familiar e social.

Desse modo, no *primeiro capítulo*, descreve-se um breve histórico estatístico da violência dos últimos dez anos no Brasil, e, de modo particular, na cidade de Itaberaí, Goiás, que passa a ser considerada, neste trabalho, como contexto dos quatro sujeitos (quatro mulheres) que experimentaram e narraram a violência sofrida.

Nesse contexto, a importância do papel da religião é interpretada como um fenômeno também construtor de processos resilientes, analisando conjuntamente a religiosidade (religião sem instituição) como oferecedora de sentido, uma vez que a resiliência, tendo caráter dúplice, possibilita a transcendência subjetiva e a afirmação de garantia de que a sociedade, e nela o próprio indivíduo, abre processos contínuos de um “pôr-se em equilíbrio”, na medida em que se reconhece que o indivíduo é um ser exteriorizante e, nesse processo, entra em jogo a questão do sentido da vida.

No *segundo capítulo*, buscam-se, através das entrevistas biográficas, os fundamentos empíricos das histórias de vida das quatro mulheres, interpretando e explicando o processo da reconstrução de vivências e suas construções biográficas atuais (narradas). A história vivenciada, recordada e narrada tem como recorte a fase de violência e seus pontos de intersecção, a partir da qual será reconstruída a gênese da interpretação de vivências passadas, presentes e suas expectativas futuras. Com essa acepção, a resiliência passa a ser tida como um fenômeno de duplo aspecto de socialização: interiorização e exteriorização.

A fenomenologia de biografias interpretativas desenvolve o processo de generalização teórica a partir dos casos particulares, tendo em vista as compreensões que as mulheres entrevistadas tiveram da violência em suas vidas, sua autocompreensão como vítimas e os enquadramentos sociais que agem como princípios geradores de ação violenta; e, por último, amplia-se conceitualmente a racionalidade inerente ao fenômeno da violência, que está presente nos relatos da recordação, memória e vivência, numa situação concreta de interação temporal (passado, presente e futuro).

Finalmente, no *terceiro capítulo*, a dialética do “voltar-se a”, depreendida das histórias de vida, possibilita identificar, nos argumentos biográficos, a função da religião, reconhecendo seu papel na reconstrução dos processos resilientes em vista de outro sentido de vida do indivíduo, família e sociedade, que fundamentam as ações pessoais e em movimentos sociais.

Por isso, indaga-se sobre a função da religiosidade no contexto da interiorização da violência. Analisar em que medida é um elemento reconstrutor das pessoas que vivem situações de dor e sofrimento provocadas pela violência se, de fato, as práticas da religiosidade experimentadas, individual ou coletivamente, são doadoras de sentido de vida, enquanto as pessoas podem reconhecer, ou não, sentido em relação à morte (ápice decorrente da violência) e compreender as razões da decomposição social, gerando novas atitudes de vida.

## 2 BREVE HISTÓRICO ESTATÍSTICO DECENAL DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

Como a pesquisa deste trabalho envolve o tema da violência contra quatro mulheres na cidade de Itaberaí, Goiás, os dados estatísticos da violência no Brasil são descritos para possibilitar uma visão panorâmica e situar o problema da investigação nesse cenário, no sentido de analisar quatro histórias de vida vinculadas a um contexto mais amplo de violência, cujos aspectos se entrecruzam em realidades locais, de modo que não será possível descrever a noção de violência de modo isolado, se esse fenômeno permeia o cotidiano dos indivíduos onde quer que eles estejam.

Os dados apresentados no *Atlas da Violência 2017*, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada<sup>3</sup> (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), e no *Mapa da Violência 2016* sobre Mortes por Armas de Fogo, elaborado por Julio Jacobo Waiselfisz, revelam uma visão geral da estatística da violência em Brasil<sup>4</sup> no decênio que corresponde ao período de 2005-2015.

Embora o *Mapa da Violência 2016* dê enfoque específico sobre homicídios causados por armas de fogo, conjuga informações comuns com o *Atlas da Violência 2017*, ao usar dados de causas de mortes segundo a classificação proposta no Código Internacional de Doenças da 10ª Edição (CID-10), que contempla outras causas externas de morte, como, por exemplo, acidentes letais, incluindo os acidentes de trânsito; os suicídios, outras agressões decorrentes de roubos e brigas de rua que levam a óbito; intervenções policiais; e, ainda, outras mortes por causas indeterminadas, que

São assim classificadas quando o óbito se deu por causa não natural, ao mesmo tempo em que os profissionais envolvidos no sistema de informações sobre mortalidade (isto é, médicos legistas, gestores da saúde, policiais, incluindo peritos criminais, etc.) não conseguiram informar a motivação primeira que desencadeou todo o processo mórbido (CERQUEIRA et al, 2017, p. 48).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/20170712\\_atlas-violencia2.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/20170712_atlas-violencia2.pdf)> Acesso em: 07 out. 2017.

<sup>4</sup> O *Atlas da Violência 2017* baseia-se em informações obtidas do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, assim como da Secretaria Nacional de Segurança Pública, enquanto o *Mapa da Violência* realiza sua análise tendo como referência os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), que levam em conta as proporções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma primeira constatação é que a morte, catalogada como um tipo de violência, apresenta-se por meio de múltiplas causas externas, evidenciando-se que na apuração do fenômeno da violência impõe-se perceber a existência de difusos aspectos, mas a progressão da violência tem como ápice a morte e as suas consequências no curso da existência humana. Além disso, enquanto a progressão da violência aparece, muitas vezes, como um processo natural da sociedade, a violência se fortalece em contextos de vulnerabilidade e exclusão, à margem e mediante o silêncio dos poderes públicos.

Cerqueira (2017) adverte que a mortalidade por causa indeterminada apresenta sérias dificuldades para a análise dos índices de violência no Brasil, especialmente na hora de apurar as estatísticas, e ainda destaca que nos países desenvolvidos o marcador de mortes por causas indeterminadas apresenta um índice relativamente baixo, enquanto que, “no Brasil, em 2009, esse indicador alcançou um patamar de 9,6%, sendo que, no Rio de Janeiro, 25,5% das mortes violentas não foram esclarecidas”<sup>5</sup>.

Outro aspecto a ser considerado no cálculo das estatísticas de mortes por causas externas no Brasil refere-se à contradição ou desacordo entre os dados disponíveis no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) e os registros policiais, sendo que os últimos apresentam uma redução significativa nos índices de mortes violentas, tornando assim mais complicado o esclarecimento da problemática apresentada pela violência.

Em 2014, o *Mapa de Violência* apresentou acentuado aumento de mortes por diversas causas externas nas últimas três décadas<sup>6</sup>, o que passou a ser retratado no *Atlas da Violência 2017*, destacando-se uma elevada taxa de homicídios por grupos de habitantes<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Cerqueira (2012, 2013) identificou o crescimento dessas mortes não esclarecidas, a partir de 2007, em alguns estados, e concluiu que, em média, 73,9% dessas eram na verdade homicídios classificados erroneamente, decorrentes muitas vezes das falhas de compartilhamento de informações entre as organizações que compõem o Sistema de Informação sobre Mortalidade. (CERQUEIRA et al., 2017, p. 48).

<sup>6</sup> Os homicídios apresentaram um forte crescimento desde o início da série, no ano de 1980, quando a taxa foi de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, até o ano 2003, quando a taxa chega a 28,9 com uma gradiente de 4% de crescimento anual. A partir de 2003, resultante das campanhas de desarmamento e de políticas pontuais em algumas Unidades da Federação de grande peso demográfico, as taxas de homicídio tenderam a cair até 2007, ponto de reinício da escalada de violência (WAISELFISZ, 2014, s/p).

<sup>7</sup> Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, em 2015 houve 59.080 homicídios no Brasil – o que equivale a uma taxa por 100 mil habitantes de 28,9. Este número de homicídios consolida uma mudança de patamar nesse indicador (na ordem de 59 a 60 mil casos

O *Atlas da Violência* indica que este crescimento se apresentou principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (CERQUEIRA et al, 2017, p. 8) e, especificamente, no Estado de Goiás, a taxa de homicídios (por 100 mil habitantes) mudou drasticamente de 26,1, em 2005, para 45,3, em 2015, colocando Goiás no quarto lugar de violência homicida, precedido pelos Estados de Alagoas, Ceará e Sergipe que ocupam os primeiros lugares em razão das taxas de mortalidade por homicídio.

Nesse cenário, a violência mostra seu efeito letal especialmente sobre alguns segmentos da sociedade, entre eles os dos jovens, mulheres e negros, como bem advertem os mencionados pesquisadores. A taxa de homicídios de jovens (de 15 a 29 anos de idade)<sup>8</sup> no Brasil cresceu 17,2%, passando de 51,9, no ano 2005, para 60,9, no 2015<sup>9</sup>. Nesse compasso, no Estado de Goiás, os homicídios tiveram um aumento de 94,9% no grupo de jovens<sup>10</sup>.

O *Atlas da Violência* aponta, na sua estatística, que a maioria de jovens mortos (15-29 anos de idade) são de sexo masculino. No cálculo da taxa de mortalidade no Brasil, no ano 2005, por cada 100 mil jovens que foram assassinados 96,5 eram homens jovens e, no ano 2015, a taxa cresceu para 113,6 homens jovens. No estado de Goiás, a taxa se elevou de 95,7, em 2005, para 171,9, em 2015 (CERQUEIRA et al., 2017, p. 31).

Portanto, o crescimento sistemático da violência contra os jovens no Brasil e em outros lugares do mundo, provoca alguns questionamentos: Quem provoca a violência? Qual é o fim que propõe alcançar esta forma de violência sistemática? Qual é a procedência socioeconômica dos jovens que são assassinados? Qual é seu nível de escolaridade? Qual é o impacto demográfico que esta violência tem sobre a população? Quais são as consequências imediatas para as famílias cujos

---

por ano), e se distancia das 48 mil a 50 mil mortes, ocorridas entre 2005 e 2007 [...] (CERQUEIRA et al., 2017, p. 7).

<sup>8</sup> Como vimos constatando desde o primeiro *Mapa da Violência*, divulgado em 1998, a principal vítima da violência homicida no Brasil é a juventude. Na faixa de 15 a 29 anos de idade, o crescimento da letalidade violenta foi bem mais intenso do que no resto da população (WASELFSZ, 2016, s/p.).

<sup>9</sup> As mortes violentas de jovens (15 e 29 anos de idade) no Brasil, por homicídios, aumentaram 16,7% entre os anos 2005-2015. Segundo o *Atlas da Violência*, durante o ano 2005 foram assassinados 26.793 jovens enquanto, em 2015, foram 31.264.. No ano de 2015, a taxa de homicídios por 100 mil jovens (15 a 29 anos) refletia esse panorama desolador no Brasil inteiro alcançando o 60,9, e, especificamente o Estado de Goiás, situa-se na quinta posição da unidade federal com uma taxa de homicídios que se modificou de 2005 – 2015, passando de 51,5 para 93,8 manifestando um aumento de 82,0% (CERQUEIRA et al., 2017, p. 29-30).

<sup>10</sup> No Estado de Goiás, no ano 2005, foram assassinados 830 jovens e, no ano 2015, este total era de 1618 mortes de jovens. (CERQUEIRA et al, 2017, p. 29).

membros jovens são assassinados? São questões que não se esgotam em respostas exatas por meros dados estatísticos. Haverá situações em que a estatística não alcançará nem traduzirá a razão de tantos óbitos na classe jovem, tampouco se permitirá vislumbrar os reais motivos de mortes por causas externas.

Deve-se notar, todavia, que na violência se manifestam mecanismos do imaginário presente nas relações sociais. Um exemplo disto é a criminalização das vítimas, apresentando outro viés do conflito, no caso dos jovens e, em especial – de sexo masculino, pobre, negro – considerados bandidos; ou, no caso das mulheres – a escolha de certas roupas, determinados horários e lugares – torna-as responsáveis da violência sofrida. Com tal imaginário social os jovens, e, em menor medida, as mulheres, são tidas dialeticamente como alvos e protagonistas da violência. E, por isso, os órgãos públicos, numa simetria ideológica, criam políticas de caráter punitivo em nome da segurança na sociedade, porém contraria qualquer proposta de equilíbrio entre os mecanismos de ordem social e as políticas públicas voltadas para a juventude, como medida preventiva, educativa, socializadora e integradora, a fim de conseguir a superação da desigualdade.

Outro aspecto importante que deve ser contemplado na panorâmica da violência no Brasil é o traço racial da violência, potencializado nos grupos de jovens negros, denotando-se uma herança escravagista, segundo verificado por Pedro A. C. Cáceres (2017, p. 25), ao afirmar que “o negro inserido no constructo histórico brasileiro sempre foi colocado à margem da sociedade”. O autor acrescenta:

No transcorrer secular (o jovem negro) sobreviveu alijado das oportunidades cotidianas do existir, restando-lhe as sobras da vida. Mesmo depois de mais de cem anos da “Libertação dos Escravos” o negro permanece em situação periférica, sendo ainda, uma exceção à regra quando um afrodescendente rompe a quase inexorável *apartheid* social. (CÁCERES, 2017, p. 25).

Esta realidade vem representada em dados estatísticos do *Atlas da Violência 2017*, indicando que, no Brasil, a taxa de homicídios de indivíduos negros aumentou de 31,8 (no ano de 2005) para 37,7 (no ano de 2015), reportando um acréscimo de 18,2% no período de dez anos. Em Goiás, esta realidade se repete, com maior significação, isto é, a taxa, no mesmo período, aumentou de 32,5 para

56,7, tendo uma variação de 75,3%, evidenciando-se, portanto, uma situação de vulnerabilidade dos indivíduos negros em relação às pessoas não-negras<sup>11</sup>.

Segundo Cerqueira (2017, p. 33), entre 2005-2015, o Brasil continua “uma nação extremamente desigual, que não consegue garantir a vida para parcelas significativas da população, em especial a população negra”. Além disso, Goiás é um Estado que se apresenta, na estatística da rota do tráfico humano, com significativas denúncias de tráficos de mulheres, segundo informativo apresentado pela Universidade Federal de Goiás<sup>12</sup>, reportando a pesquisa realizada no período de 2008 a 2010 pela Secretaria Municipal Especial de Políticas Para as Mulheres de Goiânia.

No Brasil<sup>13</sup>, o número de mulheres mortas por causas externas teve um aumento considerável: de 3887 mulheres mortas no ano 2005, no ano de 2015 foram 4621 mulheres assassinadas, apontando um aumento de 18,7% durante o decênio estudado. Assim, a taxa de mulheres assassinadas varia de 4,1, no ano 2005, para 4,4, no ano de 2015, apresentando uma variação de 7,3%, apesar dos programas de proteção e defesa dos direitos das mulheres.

Segundo o *Atlas da Violência*, Goiás reflete, em suas estatísticas, os dados nacionais, já que no ano 2005 foram assassinadas 133 mulheres e, no ano de 2015 as vítimas aumentaram para 255 mulheres assassinadas, o que representa um incremento de 91,7%. Assim mesmo, considerando a característica racial percebe-se que as mulheres negras têm maior probabilidade de se tornar vítima fatal, pois no decênio estudado a taxa de mortalidade por causas externas aumentou de 5,2 para 8,7; e, no caso das mulheres não negras, observa-se um aumento na taxa de mortalidade que passou de 3,5, em 2005, para 5,5 no ano de 2015.

Por conseguinte, as estatísticas são um indicador da violência que se exerce contra as mulheres no Brasil e, especificamente, no Estado de Goiás, onde as mulheres não-negras e negras são alvos potenciais de violência, como indica o

---

<sup>11</sup> Observa-se que no Brasil este segundo segmento (dos não-negros), no mesmo período, teve uma diminuição na taxa de mortalidade, que vai de 17,4 (no ano de 2005) para 15,3 (no ano de 2015) (Cerqueira et al., 2017, p. 33).

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://webnoticias.fic.ufg.br/n/42694-goias-lidera-ranking-do-trafico-de-pessoas>> Acesso em 07 out. 2017.

<sup>13</sup> Enquanto a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras – ou seja, abaixo da média nacional –, a mortalidade de mulheres negras teve um aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras, acima da média nacional (CERQUEIRA et al., 2017, p. 37).

aumento respectivamente de 59,0% e de 67,1%, situando ambos os grupos-alvos de mulheres por cima da média nacional<sup>14</sup>.

Assim como a relação de mortes por causas indeterminadas representam uma dificuldade na apreciação da realidade da violência, no caso das mulheres aponta-se o medo como um fator que oculta violências reiteradas que também podem conduzir ao óbito destas mulheres. Reconhece-se que nem toda violência é denunciada nem devidamente punida, gerando uma grande espiral de violência e impunidade que se ocultam nos silêncios das vítimas e dos espectadores sociais.

Com esse cenário, é preciso refletir se as autoridades e a sociedade civil em geral não vêm aceitando a violência como um fenômeno natural e periférico, criminalizando suas vítimas, silenciando-se diante dessas violências, legitimando-as e promovendo políticas do medo, e a maioria delas de ordem punitiva, no lugar de operacionalizar articulações políticas e tomadas de decisões que contemplem as medidas de controle social e as políticas públicas de caráter preventivo.

## 2.1 VIOLÊNCIA EM ITABERAÍ, GOIÁS: UM ECO EM FORMA DE DADOS

Recortando-se aspectos da violência no Brasil, a cidade de Itaberaí, Goiás, representa uma parcela dessa realidade que possibilita realizar estudos acadêmicos, a fim de, pela crítica científica, visibilizar situações silenciadas pela força da estrutura político-social ou pelas condições de desigualdades impostas. Muito embora o resultado de uma pesquisa científica não tenha o fim último de apresentar uma fórmula de solução de problemas analisados, a proposta deste estudo e de outros serve para abrir espaços de discussão e debates, tendo em vista que a violência colocada apenas como um dado estatístico no ranking nacional oculta histórias, sentimentos, opressões, marginalizações, exclusões, sofrimentos, etc. Ao mesmo tempo, nesses contextos há lutas isoladas promovendo sentidos que podem transformar e, até, superar a adversidade de vidas destruídas pela violência ou as consequências dela.

Itaberaí<sup>15</sup>, fundada em 1868, é um município do Estado de Goiás, com uma área geográfica de 1.457,280 km, e, segundo o último censo realizado pelo IBGE, a

---

<sup>14</sup> CERQUEIRA et al (2017, p. 41-44).

sua população totaliza-se em 35.371 habitantes. No entanto, na atualidade, estima-se que o número de habitantes indicado no censo tenha aumentado significativamente. Alguns indícios deste crescimento são os novos bairros habitados por construções particulares ou planejados e construídos pelo programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida”<sup>16</sup>.

Figura 1 – Localização do Município de Itaberaí, Goiás



Fonte: Wikipedia<sup>17</sup>

Segundo os dados oferecidos por um site de notícias, “o município de Itaberaí é a 27ª economia do Estado de Goiás, com o Produto Interno Bruto (PIB)

---

<sup>15</sup> Dados obtidos na página do IBGE: Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=521040&search=||inifogr%E1ficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>>. Acesso em: 01/11/2015> e Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>16</sup> A prefeitura desenvolveu o projeto “Minha casa, minha vida” e, no ano de 2014, entregou 270 casas às famílias de itaberinos e migrantes de baixa renda, no setor de Itavilly, na periferia do município na saída para Itapuranga. Este programa continua sendo desenvolvido com a construção de novas casas.

<sup>17</sup> Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabera%C3%AD#/media/File:Goias\\_Municip\\_Itaberaí.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itabera%C3%AD#/media/File:Goias_Municip_Itaberaí.svg)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

(riqueza produzida) de R\$ 592.911,66 milhões em 2010. [...] O PIB per capita itaberino (total gerado dividido por cada habitante) é de R\$ 16.743,24<sup>18</sup>. Sem dúvida representa uma posição avantajada no conjunto dos 246 municípios<sup>19</sup> que integram o estado de Goiás e, teoricamente, apresenta-se como uma realidade municipal próspera, entretanto, nos últimos anos, o cenário socioeconômico do município vem mudando, marcado pelo crescimento demográfico devido à migração interna no Brasil, especialmente vindos da região nordeste do país. É, portanto, uma cidade constituída com característica de diferentes povos migrantes, como portugueses, alemães, italianos, nordestinos, sulistas, paulistas, mineiros, etc. Economicamente ela se desenvolve com a pecuária, agricultura, serviços e indústrias.

Muitos dos migrantes vêm para trabalhar no corte da cana das grandes destiladoras de álcool, em empresas como Inhumas Centroatcool S/A ou Anicuns S/A e derivados. Outras pessoas vêm com promessas de grandes benefícios e melhoria de vida, para trabalhar na empresa Superfrango<sup>20</sup>. Muitas pessoas encontram nestas firmas sua única fonte de renda.

Outro aspecto que merece destaque quanto às mudanças da cidade é a violência que, segundo os moradores, está associada a diversas causas, entre elas, o crescimento acelerado e sem estrutura do município, o tráfico de drogas que ganha cada vez mais espaço e as questões de segurança pública como pouca vigilância policial, poucas viaturas disponíveis para rondas na cidade, etc. Esses fatores são analisados por Cerqueira (2017, p. 19), que os traduz, em síntese, como diferenças e desigualdades sociais no crescimento acelerado e desordenado de municípios que provocam violências.

No entanto, a violência se manifesta de diversas formas. Os homicídios por arma de fogo são os mais freqüentes junto com os acidentes de trânsito. Geralmente, os homicídios padronizam a forma e o alvo das mortes, gerando medo e silêncio na população. Por outra parte, as expressões religiosas abordam de forma tácita esta realidade. Dados obtidos do Sistema de procedimentos Policiais utilizado

---

<sup>18</sup> Itaberaí é a 27ª cidade mais rica de Goiás. Disponível em: <<http://www.portalitaberaí.com.br/index.php?acao=coluna&id=521>> Acesso em: 06 dez. 2017.

<sup>19</sup> Informação sobre os municípios de cada estado. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores\\_sociais\\_municipais/tabela1e.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/tabela1e.shtm)> Acesso em 06 ago. 2017.

<sup>20</sup> Grande parte da riqueza produzida em Itaberaí se deve ao crescimento do comércio e da indústria, principalmente da empresa Superfrango, que abate 220 mil aves/dia e exporta para vários países. Disponível em: <http://www.portalitaberaí.com.br/index.php?acao=coluna&id=521>. Acesso em: 01 nov. 2015.

pela Polícia Civil indicam que no decênio 2005-2015 houve um incremento de diversas formas de violência<sup>21</sup>, entre as quais destacam a ameaça e a lesão corporal.

No caso das comunidades cristãs católicas, os fiéis se reúnem semanalmente nas casas, celebram suas liturgias, rezam ao redor da Bíblia, conversando sobre os acontecimentos de forma geral e as preocupações que carregam. Em agosto de 2015, após o homicídio de uma adolescente de 14 anos, ocorrido em Itaberaí, uma comunidade cristã católica tornou-se um espaço de acompanhamento e consolo para seus familiares e, especialmente, para a mãe (entrevistada para realizar esta pesquisa).

Nos últimos dez anos houve um aumento significativo das mortes violentas no município de Itaberaí, causadas por acidente de trânsito, envolvendo especialmente carros, motoboys e ciclistas, assim como brigas na rua, latrocínio e, especialmente, homicídios por armas de fogo. Este último aspecto situa Itaberaí no mapa de violência<sup>22</sup>, colocando esta cidade no 70º lugar entre os municípios mais violentos do Estado de Goiás, e o 1678º lugar no conjunto dos municípios do Brasil com mais de 10.000 habitantes.

Assim, as manifestações de violência cada vez mais frequente no município, colocam Itaberaí diante de um fato que os pesquisadores denominaram como fenômeno da interiorização da violência, apontando que

Se até 1996 o crescimento dos homicídios centrava-se nas capitais e nos grandes conglomerados metropolitanos, entre 1996 e 2003 esse crescimento praticamente estagna e o dinamismo se transfere aos municípios do interior dos estados. A partir de 2003, as taxas médias nacionais das capitais e regiões metropolitanas começam a encolher, enquanto as do interior continuam a crescer, mas com um ritmo mais lento [...]. (WAISELFISZ, 2012, p. 42).

A constatação deste fenômeno é recente na consciência social dos moradores de Itaberaí, sua abordagem por entidades públicas e, em geral da sociedade civil, é tímida. Poder-se-ia pensar que a violência ganhou visibilidade em razão do acesso à tecnologia da comunicação informacional, como whatsapp, redes

---

<sup>21</sup> Os registros da Polícia Civil indicam seis (6) casos de ameaças no ano 2005, enquanto que no ano 2015 foram registrados 69 casos, assim mesmo o registro de lesões corporais aumentou de 2 casos no ano 2005 para 32 casos no ano 2015. Disponível em: <katiuskaserafin@gmail.com> Documento anexo. Acesso em: 06 nov. 2017.

<sup>22</sup> Disponíveis em Mapa de Violência 2016. Homicídios por armas de fogo: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>> Acesso em: 23 ago. 2017.

sociais e/ou outros aplicativos por meio dos quais circulam rapidamente imagens e vídeos das mortes violentas.

Entre as ações realizadas para o combate à violência, a secretária de Segurança do município articulou o Gabinete de Gestão Integrada Municipal (GGIM<sup>23</sup>), integrado pelas corporações policiais (militar e civil) como membros vitalícios, a guarda prisional, o Poder Judiciário, os bombeiros e representantes das diversas pastas do município (educação, saúde e meio ambiente), assim como representantes da sociedade civil e das diversas denominações religiosas. Por outra parte, a Secretaria de Assistência Social do município promoveu, no ano 2015, um diálogo sobre o combate à violência e convocou a diversos atores sociais, representantes das escolas e igrejas ou outras expressões religiosas, corpos policiais e sociedade civil em geral, destacando que, na convocatória, se propunha a gestão de “anjos” na cidade, a favor da paz, destacando-se que a linguagem usada faz uma abordagem religiosa para propor soluções à situação de violência.

Em nível do município, foram realizadas outras ações paliativas como, por exemplo: a militarização de uma escola, o reforço de forças policiais e de viaturas para rondas pela cidade. Por parte das igrejas e expressões religiosas não houve manifestação pública sobre o incremento significativo da violência. Ainda de forma superficial percebe-se a ação das instituições religiosas mais focalizadas em seus seguidores, no âmbito dos cultos e liturgias, nas pregações, nas campanhas de oração, etc. e, de uma forma mais personalizada, no acompanhamento espiritual às famílias vítimas da violência. Esse aparato de apoio é verificado nas declarações das mulheres entrevistadas e pelo comportamento institucional de entidades religiosas locais sinalizadas por elas.

Pode-se verificar, pois, que a violência se estrutura num movimento sincrônico de elevado aumento nas cidades, estados e, de modo amplo, no país. A violência é um fenômeno que se agrava por diversas razões. O aumento populacional, a questão econômica e o deslocamento dos grandes centros para o interior do país se fortalecem mais pelo imaginário que rege o diálogo destacado de

---

<sup>23</sup> “O GGIM é uma ferramenta do Ministério da Justiça pactuada diretamente com os municípios para orientar a gestão da prevenção primária das políticas públicas em segurança pública, construída a partir do envolvimento e comprometimento de todas as secretarias, de todas as estruturas do município, associações, igrejas, organizações e movimentos sociais, tendo o cidadão como braço direito na consolidação e sucesso dos resultados”. Disponível em: <<http://itaberai.go.gov.br/site/noticias/item/85-prefeitura-e-parceria-em-projeto-para-fortalecimento-da-seguranca-publica-em-itaberai>> Acesso em: 07 out. 2017

políticas de repressão e o medo em razão de medidas garantidoras da integração social. A ausência de ações preventivas e movimentos sociais se enfraquecem ou são inexistentes, gerando um índice alarmante de perdas humanas pela violência.

## 2.2 VIOLÊNCIA(S): UMA CATEGORIA MULTIFACETADA

Na sociedade a violência manifesta-se em diversas escalas, ora envolvendo pessoas ou grupos, ora atingindo povos inteiros; a violência se inflige pelo uso da força física ou de instrumentos letais; por meio dela se resolvem conflitos, se conquistam povos e territórios, se cobram dívidas e honra; e, geralmente, está associada ao poder e à força, podendo esta, a violência, ser tática ou casual. O paradoxo da violência está no fato de ser considerada, ao mesmo tempo, por diversos atores, como um problema e uma solução às questões sociais e políticas que nos atingem. Mas o que é a violência ou violências (no plural)? Essa pergunta não possui uma resposta universal e de consenso. Muitas são as perspectivas de sua análise, desde a visão psicanalítica, religiosa até as noções materialistas.

No entanto, o aspecto dicotômico de análise sobre a violência (biológica/cultural, religiosa/material, psicológica/existencial) reduz a compreensão da dinâmica da vida, que deve ser estudada e interpretada por diversos olhares, entre eles a dialética, onde o sujeito age e tem condições de promover transformações internas e externas na estrutura social. Berger e Luckmann (2013, p. 35), numa visão dialética, colocam o indivíduo na força da coletividade que, para eles, se insere na vida cotidiana. Os autores afirmam que “a vida cotidiana se apresenta como uma realidade interpretada pelos homens e, subjetivamente, dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. O mundo coerente é o mundo do “empreendimento coletivo” (BERGER, 2013, p. 20). Logo, a violência, embora possa ter vestígios biológicos, consiste numa realidade de caráter cultural, que pode ser medida por “padrões de significados transmitidos historicamente”, cujas concepções variam de contextos e definições da realidade simbólica, a exemplo da lição de Geertz (1989, p. 66). Dessa forma,

[...] é importante acentuar que a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e o seu mundo social, atuam reciprocamente um sobre o outro.(BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 85).

Hannah Arendt elucida o fenômeno da violência partindo da observação da realidade marcada pelas guerras e questionando em que medida o desenvolvimento da racionalidade humana levou pelo caminho da humanização ou da barbárie. Percebe-se que o ser humano ficou preso à razão técnica (instrumental), demonstrada no desenvolvimento tecnológico de armas, cada vez com maior potencial letal, sem que a razão crítica explicasse as razões ou os objetivos, o *para que* e *por que*, se estabelecem as guerras e se fabricam armas de destruição massiva, assim:

O progresso técnico dos instrumentos de violência alcançou agora o ponto onde objetivo político algum poderia corresponder ao seu potencial de destruição ou justificar o seu emprego real em conflitos armados. Portanto, a guerra – árbitro definitivo e impiedoso nos conflitos internacionais – perdeu muito de sua eficácia e quase todo o seu glamour. O xadrez apocalíptico que se desenrola entre as superpotências, isto é, entre aquelas que se movimentam nos níveis mais altos de nossa civilização, está sendo jogado de acordo com a regra “se qualquer um dos dois ‘vencer’, é o fim de ambos [...]”. O seu objetivo racional é a dissuasão e não a vitória (ARENDR, 1985, p. 3).

Observe-se que na base dos conflitos o “progresso tecnológico” e o incongruente desenvolvimento das ciências limitadas tanto para explicar o fenômeno da violência, como para contê-lo com seus avanços, “não há nada que se possa fazer que não possa se transformar em guerra” (LETTVIN J. *apud* ARENDR, 1985, p. 10). Além disso, a guerra e as armas são instrumentos da violência e não a violência em si mesma, como adverte Arendt (1985): “a violência – distinta do poder, força ou vigor – necessita sempre de instrumentos” (1985, p. 3). É a violência racionalizada para um fim.

Por conseguinte, a violência “sendo instrumental por natureza, é racional até o ponto de ser eficaz para alcançar a finalidade que deve justificá-la” (ARENDR 1985, p. 44). Tanto a violência como o poder “pertencem ao setor político das atividades humanas cuja qualidade, essencialmente humana, é garantida pela faculdade de o homem agir e pela habilidade de começar algo novo” (ARENDR 1985, p. 46).

Sendo assim, ao analisarmos a violência em diversos contextos sociais, é preciso levar em consideração que o ser humano é um “ser político” (ARENDR, 1985, p. 46), pois tem a capacidade de agir, coletivamente, segundo objetivos

decididos de comum acordo. Portanto, é preciso indagar quem são os atores (quem exerce) e a qual a finalidade que atende, pois a violência como “todos os meios, está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca” (ARENDR, 1985, p. 28), a partir do qual poderia se determinar se uma violência é justificada, ou não.

Enquanto a relação entre o poder e a violência, Arendt (1985, p. 28) reconhece que “embora sejam dois fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos”; o poder “corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido” (ARENDR, 1985, p. 24).

Nesta perspectiva, o poder representa uma condição de possibilidade de ação que se legitima pelos números e apresenta-se como um fim em si mesmo; a violência é instrumental e se justifica pelo fim que persegue. O poder faz uso da violência quando se vê minguado, porém “o que jamais poderá florescer da violência é o poder” (ARENDR, 1985, p. 29). Sob a perspectiva política, a violência é uma ação racional na medida em que se estabelecem os meios e o fim a serem alcançados, ao invés do que se costuma pensar: a violência como um ato irracional.

Outras aproximações teóricas apresentam o fenômeno da violência, na perspectiva de cunho cultural. Elizabeth Young-Bruehl (2005, p. 169) explicita:

A violência expressa a maneira como a pessoa aprendeu a classificar as pessoas e interpretar as relações entre elas, como os mecanismos de defesa da pessoas foram, ao longo do tempo, generalizados e estruturados em mecanismos de defesa sociais ou preconceitos.

No campo ideológico e simbólico, a violência tem suas faces justificadas em múltiplas situações e em diferentes espaços: ora ela é tida como crime, a exemplo da violação à dignidade da pessoa humana e da privação dos direitos humanos, ora assume-se como meio disciplinador/sancionador, como faz o Estado por meio da intervenção policial. No entanto, a violência constitui um problema social.

Na interface histórica e cultural, o conceito de violência se amplia, tendo em vista as “mudanças sociais provocadas pela industrialização e pela metropolização crescentes, como características dramáticas nos países pobres” (ALVES, 1997, p.

65). Assim, numa sociedade constituída de estruturas sociopolíticas, considera-se violência todo ato que:

[...] consciente ou inconscientemente ignore, impeça ou atente contra os direitos humanos e de cidadania; constranja uma pessoa a fazer o que não deseja ou o que não é aceito, dentro dos padrões sociais, seja por questão de sobrevivência, seja para atender aos fortes apelos sociais como o consumo, por exemplo (ALVES, 1997, p. 65-66).

Em função disso, o estudo do fenômeno da violência implica necessariamente a análise das estruturas, espaços ou grupos sociais e seus agentes, evidenciando o papel do Estado e os tipos de relações políticas que se articulam, em função de diversas variáveis (gênero, classe, raça e faixa etária, entre outras) e do próprio contexto social.

Segundo Saffioti (1997, p. 41) essas variáveis, socialmente construídas, são estabelecidas como “gramáticas”, como sendo um “conjunto de regras para reger o comportamento dos homens e das mulheres”. Em Geertz(1989), isso seria um significado construído no e do mundo simbólico. E, à luz da noção de Berger (2013) sobre a construção da social da realidade, a violência seria um tipo negativo de empreendimento humano, ou seja, “as situações marginais da existência humana revelariam a inata precariedade de todos os mundos sociais” (BERGER, 2013, p. 36), constituindo-se um problema nas relações humanas.

Em outras palavras, percebe-se que no “processo cultural de simbolização” (SAFFIOTI, 1997, p. 41), por meio do qual se articula a tessitura de significados e a hierarquização das relações sociais, o termo “gênero” – que, inicialmente, foi adotado convencionalmente como um “sistema classificatório dualista que distingue os sexos como macho ou fêmea, masculino, feminino, homem e mulher”, em função do dado biológico (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 130) – apresenta-se, nessa pesquisa, porém, sem o propósito de discutir a sua construção histórica, como uma “categoria-chave de análise” na perspectiva política, porque

O gênero não é um fator naturalmente dado, mas uma construção social, um princípio sociocultural de classificação que impõe à identidade sexual biológica um significado psicológico, social, cultural, religioso e político. A categoria de gênero questiona crenças aparentemente universais sobre mulheres e homens e desmascara suas raízes socioculturais (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 130).

Da mesma forma, Joan Scott considera que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21).

Cabe destacar que no processo de hierarquização e classificação social, existem diversos elementos que se encontram imbricados na categoria de gênero e a partir dos quais se estabelecem as “relações de poder”. Segundo Scott (1989, p. 21-22), estes elementos são:

[...] *os símbolos culturalmente disponíveis* que evocam representações múltiplas [...]; *conceitos normativos* que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino [...] inclui *uma noção do político*, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais [...] e *a identidade subjetiva*. (Grifo nosso).

Com efeito, a simbolização cultural, as interpretações dos símbolos em normas, o caráter político das instituições sociais e a identidade subjetiva constituem-se em mecanismos de manutenção e de legitimação das diferenças que, muitas vezes, tendem a se tornar relações de desigualdades, exclusões e dominação, porque a partir da percepção “do sexo anatômico de uma genitália de macho ou de fêmea [...] inicia-se o processo de socialização destes corpos com as imagens do masculino e do feminino disponíveis na cultura” (SAMPAIO, T. 2005, p. 57). Assim sendo, a violência apresenta um viés político. Nessa mesma acepção, guardadas as singularidades teóricas, Berger (1986, p. 82), adverte:

Nas democracias ocidentais, onde prevalece a ênfase ideológica na submissão voluntária às leis votadas por representantes populares, essa presença constante da violência oficial é menos visível. O importante é que todos saibam que ela existe. A violência é o alicerce supremo de qualquer ordem política.

Kimberlé Williams Crenshaw<sup>24</sup>, falando sobre *a urgência da “interseccionalidade”* e identificando que há na sociedade uma “injustiça

<sup>24</sup> Entrevista veiculada no programa Ted Talks (vídeo site). Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br)>. Acesso em 06 ago. 2017.

organizada”, explica que usa “o termo interseccionalidade para lidar com o fato de que muitos de nossos problemas de justiça social, como o racismo e o sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos níveis de injustiça social”, bem como de violência. Ou seja, “o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjugação com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e a raça” (SCOTT, 1996, p. 15). Sendo assim, os marcadores das relações de poder que geram exclusão e desigualdade, devem ser identificados pela interseccionalidade. Esta teoria é usada para analisar fenômenos sociais nos quais, em sua base, se apresentam ocultamentos, diversos conflitos, tensões, omissões, invisibilidades, silêncios, e outros. Assim,

Interseccionalidade é uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, *apud* HIRATA, 2014, p. 62-63, pdf).

Este conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, ao estudar a violência contra as mulheres negras, nas classes desfavorecidas nos Estados Unidos, para dizer que os fatores que levam à discriminação e ao preconceito não são fatores isolados. Eles se justapõem e se entrecruzam. São múltiplos. Portanto, define-se a interseccionalidade como “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo” (CRENSHAW, *apud* MOUGEOLLE, 2015, *site*). Léa Mougeolle (2015, *site*) esclarece:

Kimberlé Crenshaw precisa que o gênero não é o único fator de discriminação. Então, há a necessidade de estudar os outros fatores de discriminação juntos. Adriana Piscitelli precisa que é importante estudar classe, gênero e raça juntos. Avtar Brah adiciona que é importante estudar os diferentes fatores juntos por causa da relação que cada um estabelece com o outro. “Não podem ser tratadas como “variáveis independentes” porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constituída dela”.

Se cultura não é poder, à luz da teoria semiótica interpretativa de Geertz (1989, p. 10), e sim “um contexto”, é preciso “situar-se” – inspecionar, a exemplo da

proposta de Geertz – o terreno da experiência pessoal das mulheres, vítimas de violência, para compreender, pelas suas particularidades, os significados da rede patriarcal e dominadora, que, por séculos impuseram, ocultaram (melhor dizendo, oprimiram, violentaram, amordaçaram) a força feminina na construção da realidade da sociedade, considerando que

[...] o processo de dominação-exploração não presume o total esmagamento da pessoa que figura no polo dominada-explorada. [...] Homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania (SAFFIOTI apud SAMPAIO, 2005, p. 59).

Para isso, “deve atentar-se com exatidão para o comportamento, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 1989, p. 12). É preciso, portanto, pesquisar a importância do papel desempenhado pelas mulheres ao longo da história e avaliar o significado que emergiu em seus diversos contextos locais e globais, dentro dos processos de reconstrução e superação da condição de violência.

Independente das nuances históricas sobre a condição biológica do sexo e o desempenho de papéis ou *status* social de homem e mulher, na condição de exclusão ou de complementariedade, e das definições gramaticais de sistema classificatório linguístico-simbólico de “naturalização” de sexo masculino e feminino, foi com o Iluminismo europeu que a discussão do termo “gênero” provocou diferentes reflexões feministas, de antropólogos(as) e historiadores(as), destacando-se que “os sistemas intelectuais ocidentais constroem dicotomias de gênero e as naturalizam através da referência ao sexo biológico” e que há estudos onde o sentido segundo o gênero obscurece e mistifica o fato de que a própria noção de dois sexos é uma construção sociocultural” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 132).

Diversas percepções teóricas sobre o conceito de mulher ou mulheres revelaram que as mulheres, embora oprimidas e silenciadas, conquistaram, e vêm conquistando, paulatinamente, por meio de árduas lutas e reivindicações, no movimento da história, o reconhecimento ao direito e à garantia da dignidade humana, princípios normativos que se erigiram como lei em muitas ordens jurídicas dos países democráticos do Ocidente e, por outras questões da estrutura da

dominação, consolidam-se de forma gradativa, tendo em vista que, até hoje, muitas mulheres ainda são vítimas de preconceito, discriminação, exploração e violência e estão à margem da igualização de direitos com os homens.

Portanto, a análise do fenômeno da violência que perpassa as quatro histórias de vida desta pesquisa será feita numa dinâmica integral de sentidos e compressões como propõe a interseccionalidade, com um pano de fundo político, e não apenas com a aparência dada pela estrutura social: mulheres, negras, pobres, casadas, solteiras, jovens, escolarização básica, dentre outros. Essas condições de identificação social do indivíduo não serão analisadas, portanto, de forma hierarquizada, nem isolada, mas em conjunto, enquanto marcadores da diferenciação social.

É extremamente significativo elucidar, ainda, que a análise da diferenciação social nas estruturas sociais e em suas relações, à luz da interseccionalidade, torna-se mais complexa na medida em que a apreensão dos caracteres da violência, em qualquer espaço, apresenta-se multifacetada, ocultada, entrecruzada ou em justaposição.

### 2.2.1 Normatização universal instituída politicamente: Convenção de Belém do Pará

Em cenários de violência, busca-se identificar as múltiplas ocorrências experienciadas (vivas e narradas) por mulheres que tiveram as suas histórias de vida cruzadas pela violência e suas consequências, fazendo-o com base na construção teórico-social da violência e segundo as diretrizes convencionadas em nível internacional, que elaboraram uma definição sobre o que seja a “violência contra a mulher”.

O texto da *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher* (“*Convenção de Belém do Pará*”) apresenta dispositivos normativos sobre os elementos caracterizadores da violência contra a mulher:

[...] qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado. [...] inclui violência física, sexual e psicológica: 1. que tenha ocorrido dentro da família ou unidade doméstica ou em qualquer outra relação interpessoal, em que o agressor conviva ou haja convivido no mesmo domicílio que a mulher e que compreende, entre outros, estupro, violação, maus-tratos e abuso sexual; 2. que tenha ocorrido na comunidade e seja perpetrada por qualquer pessoa e que compreende, entre outros,

violação, abuso sexual, tortura, maus-tratos de pessoas, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no lugar de trabalho, bem como em instituições educacionais, estabelecimentos de saúde ou qualquer outro lugar; 3. que seja perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra.<sup>25</sup>

Além desta convenção, o Brasil ainda é signatário da *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais que dispõem sobre o estabelecimento de medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar*, que orientou a elaboração da Lei n. 13.340, de 7 de agosto de 2006, também denominada de Lei Maria da Penha<sup>26</sup> que, em seu artigo 7º, amplia e detalha as diversas formas de violência doméstica e familiar. O texto legal traz a seguinte redação:

DAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER

Art. 7º. São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento, ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Grifo nosso).

<sup>25</sup> Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher "Convenção de Belém do Pará" (1994). Disponível em: [http://cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/convencao\\_de\\_belem.pdf](http://cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/convencao_de_belem.pdf). Acesso em: 25 abr. 2017.

<sup>26</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm) Acesso em: 06 ago. 2017.

O artigo 2º desta lei também coloca inúmeras características para identificar a figura da “mulher” em situação de violência. No entanto, o próprio texto legal permite verificar que o termo “mulher” não fica apenas restrito ao nível biológico do sexo. Ele tem um sentido amplo, de forma a abranger aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos. Assim, a Lei Maria da Penha dispõe que:

Art. 2º. Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe assegurada as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Percebe-se que o termo “mulher”, no âmbito jurídico, tem por base uma construção social de gênero, e as suas características podem ser analisadas pela interseccionalidade, uma vez que há, nessa categoria de análise, marcadores de diferenciação social, como “classe econômica e social”, “raça”, “etnia”, “orientação sexual”, “escolarização”, “faixa etária”, “opção religiosa”.

Embora não seja objeto desta pesquisa a discussão jurídica sobre a proteção da dignidade da mulher em contexto de violência, cabe registrar, pela relevância do assunto, que o Brasil vem, de modo legal e programático, implementando diversas medidas de proteção e assistência às mulheres que sofreram violência, que estão em situação de risco de violência ou sofrem os efeitos da violência. Criaram-se Delegacias de Mulheres, Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, a exemplo de Goiânia – Goiás, que já possui dois desses juizados e duas delegacias da mulher (Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher - DEAM), Secretaria Municipal Especial de Políticas Para as Mulheres de Goiânia, além de diversos Conselhos Tutelares.

Na cidade das quatro mulheres entrevistadas (Itaberaí - Goiás) não há nem delegacia nem juizados específicos. Existe, apenas, a Justiça Cível comum e o Conselho Tutelar para cuidar de vários tipos de violência e não só da violência contra as mulheres. Também não existe nenhum tipo de abrigo de assistência pública, particular e religiosa para atendimento de mulheres e famílias em situação de violência. De forma geral, os casos de violências contra a mulher são encaminhados para o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), para as delegacias ou para o Poder Judiciário.

Deduz-se, portanto, que a violência possui diferentes graus (*abuso sexual, sequestro, maus-tratos*) e diversos tipos de atos violentos (*físico, sexual, psicológico*), assim como vários âmbitos ou espaços sociais (privado e público); envolvendo relações pessoais, interpessoais e institucionais, além da responsabilização do Estado, agentes e sociedade. Deve-se notar, todavia, que “do ponto de vista da Sociologia, não faz sentido procurar características individuais nos perpetradores de violência, se as causas de sua conduta são sociais” (SAFFIOTI, 1997, p. 55).

René Girard (*apud* GUEDES, 2002, p. 173) pontua que “a violência não é estranha ao homem; pelo contrário, coincide com gestos fundantes da identidade e da cultura”. E Jacques d’Adesky (2001, p. 42) toma a cultura como uma representação na qual se englobam tensões, harmonia e processos de conflitos interculturais, que, muitas vezes, geram violências degradantes, partilhando imagens classistas e excludentes, que legitimam toda forma de violência.

Independentemente da perspectiva que se analise a questão da mulher que sofre imposições e pressões da violência, é preciso esforçar-se, num processo dinâmico e numa visão de conjunto, para identificar não apenas os aspectos sensíveis, mas outros códigos da existência humana (símbolos, imagens, gestos, silêncio, crenças, categorias), com vistas a melhor decodificar ou reconstruir a compreensão de histórias de vida.

Irene Dias de Oliveira (2012, p. 17) afirma que as diferenças étnicas, raciais e religiosas “são expressas sob a forma de exclusão, discriminação, opressão, guerras que se utilizam de doutrinas, crenças e legislações para justificar suas atitudes violentas, sectárias sejam elas simbólicas, ou não”. Em função disso, relativamente às ações de violência, é preciso lembrar que:

Quando as imagens de grupos das pessoas são partilhadas e se tornam normativas para uma unidade social - a família, a sociedade, a nação - elas legitimam todos os tipos de ação sobre os grupos imaginados, incluindo ações violentas. Quando ações de violências se tornam ligadas a uma imagem ideologicamente justificada de um grupo ou algum sistema cultural de significado impregnado na unidade social, elas não são mais vistas como violentas e certamente não como patológicas. Elas se tornam normais (YOUNG-BRUEHL, 2005, p. 169).

Young-Bruehl traz, em suas reflexões sobre a violência como construto das relações sociais, noções teóricas básicas do pensamento de Bourdieu, na medida

em que relações sociais implicam partilhas normativas e legitimadoras no grupo e na unidade social.

Na perspectiva de Berger o ato violento realiza e atribui sentido de vida nas ações sociais do indivíduo, porque está fundamentado no universo simbólico do indivíduo uma ferramenta do controle social, dizendo que “toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e à interação social contínua importa que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum” (BERGER, 2013, p. 32).

Kimberlé Williams Crenshaw enfatiza que é preciso conhecer, testemunhar e denunciar a realidade de violência, discriminação, preconceito, marginalização enfrentada pelas mulheres (e outros grupos denominados de minorias), pois, segundo a autora, “os problemas não têm nomes e, quando não os enxergamos, não podemos resolvê-los”<sup>27</sup>.

### 2.3 RELIGIÃO (E RELIGIOSIDADES) E EFEITOS DA VIOLÊNCIA

Na sociedade, a violência, como um fenômeno inserido na cultura, não se distancia dos efeitos que a religião produz, seja para combatê-la, seja para, de alguma forma, fomentá-la, quando a crença é usada de modo fundamentalista e irracional. Com essa polaridade evidenciada, a religião também pode ser tida como instrumento de violência. Noutras palavras:

A religião como instrumento simbólico/ideológico não possui, em si, nenhum fator positivo ou negativo. Em uma balança maniqueísta – a religião não pende sozinha para qualquer lado. Mas pode, mediante as ações virtuosas da humanidade – ser fornecedora de sentido, construto de fé, esperança, via de paz. Porém, frente às viciosas ações humanas – a religião fundamentalista foi e é provocadora de guerras, massacres, desesperanças, perseguições implacáveis, medo e morte. (CÁCERES, 2017, p. 27).

Em GEERTZ (1989, p. 96) “a força de uma religião, ao apoiar os valores sociais, repousa na capacidade dos seus símbolos de formularem o mundo no qual esses valores, bem como as forças que se opõem à sua compreensão, são ingredientes fundamentais”. Nessa direção, a religião pode representar “o poder da

---

<sup>27</sup> Entrevista veiculada no programa Ted Talks (vídeo *site*). Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br)>. Acesso em 06 ago. 2017.

imaginação humana de construir uma imagem da realidade na qual ‘os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas têm um significado e acontecem por causa desse significado’ (WEBER, *apud* GEERTZ, 1989, p. 96). Noutros termos, “[...] a religião, fundindo o *ethos* e a visão de mundo, dá ao conjunto de valores sociais aquilo que eles talvez mais precisem para serem coercitivos; uma aparência de objetividade” (GEERTZ, 1989, p. 96).

Robert Crawford (2002, p. 91), em termos radicais, afirma que “todas as religiões reconhecem que há algo de errado com a natureza humana e oferecem propostas de salvação”, mas que é também preciso considerar “o problema e o remédio apresentado nas várias religiões”. Berger (2013), em *Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, propõe explicar a religião considerando crenças no sagrado, abrangendo-se não só a existência humana, mas o que ela (religião) proporciona de sentido e ordem em um mundo confuso – “a religião deve ser entendida como projeção humana, baseada em infraestruturas específicas da história humana” (BERGER, 2013, p. 186).

Diversas são as concepções acerca do conceito ou definição da religião, como observadas por William James (*apud* CRAWFORD, 2005, p. 19), tendo por base “o sagrado”, como princípio ou essência, ou, por outro lado, tendo a religião como um “nome coletivo”, que se agrega e traz sentido, e que também não deixa de ser, entre vários aspectos, um sistema cultural simbólico.

Todavia, torna-se útil trazer a lição de Max Weber (1991, p. 279) de que seria um erro definir de plano a religião no início de uma investigação ou de uma análise sociológica da religião pois, segundo ele, é importante elucidar as “condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária” por meio da compreensão das “vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos – a partir do ‘sentido’”.

Na perspectiva weberiana “a ação religiosa ou o pensamento religioso ou ‘mágico’ não podem ser separados, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica” (WEBER, 1991, p. 279). Refletindo sobre a religião e o sentido da vida do indivíduo, Carolina Teles Lemos explica que:

Entre as motivações que levam os indivíduos a buscarem uma religião está o desejo de garantir sua vida no aqui e agora. Se observarmos em quais necessidades se concentram os pedidos dos crentes quando recorrem à divindade, veremos que a grande maioria deles se refere à busca de saúde,

emprego, moradia, boas relações sociais na família e fora dela, garantia que nenhum acidente fatal ocorra consigo ou com algum membro da família. Ou seja, com suas necessidades de sobrevivência cotidiana (LEMOS, 2012, p. 21).

Expressando-se acerca da perda de sentido na religião, Berger (2013) é enfático ao dizer que “todo mundo religioso é intrinsecamente precário na sua realidade”, daí a transferência da “atividade humana para uma ordem sagrada de abrangência universal, isto é, de um cosmos sagrado capaz de se manter na eterna presença do caos” mesmo vivendo num mundo social seja vivendo uma vida ordenada e significativa (BERGER, 2013, p. 63- 64).

Em sua clássica definição, Rudolf Otto (1985, p. 11) denomina a religião como sendo uma experiência do sagrado. “Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER, 2013, p. 41), tendo em vista que o “mundo socialmente construído se legitima a si mesmo em virtude da sua facticidade objetiva” (BERGER, 2013, p. 43). E mais:

A religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído na qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder tem, contudo, legitimamente outra importante dimensão - a integração em um *nomos* compreensivo, precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida (BERGER, 2013, p. 55).

O mundo social de Berger (2013, p. 16) é dialético e compreende três momentos: a *exteriorização* (atividade física e mental do homem sobre o mundo); a *objetivação* (conquista dessa atividade física e mental e que se defronta com os produtores da realidade humana como facticidade exterior e distinta deles); e a *interiorização* (reapropriação da realidade com consciência subjetiva). Assim, a sociedade é algo *sui generis*. Concluindo-se que “a existência humana é um contínuo ‘pôr-se em equilíbrio’ do homem com seu corpo, do homem com o seu mundo” (BERGER, 2013, p. 18), e considerando que “é através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade” (BERGER, 2013, p. 16).

Se a sociedade é parte da realidade da cultura, a religião compõe, nesta realidade humana, um “sistema cultural simbólico”. Se a sociedade é *sui generis*, isso dá condição de refletir que, nela, as interseccionalidades dos marcadores de

enquadramento da violência, entrecruzando sentidos profundos de vida que tensionam, levam a descobrir que na religião - mundo do sagrado e de salvação por uma ordem superior - as teias de significados que podem não só deslocar as ações humanas pela esperança de salvação, mas também propiciar ao mundo o desenvolvimento de imponderáveis valores para (sobre) viver.

Assim, “de fato, a própria biografia do indivíduo só é objetivamente real na medida em que possa ser compreendida dentro das estruturas de importância do mundo social” (BERGER, 2013, p. 26), entre elas a família, a religião, a política, o direito, a economia, e outros. Por isso que Berger afirma que “o indivíduo se apropria da realidade das instituições juntamente com os seus papéis e sua identidade” (2013, p. 30).

Nessa acepção, “o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência. Uma ordem significativa, ou nomos, imposta às experiências e sentidos discretos dos indivíduos” (BERGER, 2013, p. 32). “Na verdade, [...] as experiências secundárias do indivíduo são de considerável importância para a compreensão da existência social”. Entre as experiências marginais estaria “a morte” como um “sair para *fora* da realidade” (BERGER, 2013, p. 33 e 56-57).

Wach (1990, p. 7; 30), analisando os aspectos doutrinal (conteúdo e forma), cultural (prática de rito e culto) e sociológico (comunhão, religião coletiva e religião individual), destaca que a religião não só tem um significado como fator de integração na sociedade humana, mas desempenha uma função para compreender a crise contemporânea. O autor busca fazer, de modo lúcido, um “exame das múltiplas inter-relações entre religião e fenômenos sociais”, para compreender “o significado cultural e o sentido essencial da função da religião”, visando discernir “as relações entre as diversas formas de expressão da experiência religiosa” e “os diversos aspectos da própria experiência religiosa” (Wach, 1990, p. 15).

Em síntese, a experiência religiosa consiste numa “experiência do sagrado” quando envolve “atitudes definidas e diferentes formas de expressão” (WACH, 1990, p. 31), criando-se, entretanto, outras possibilidades de manifestação de crenças, denominadas de religiosidades. A respeito dessa última ideia, Vasconcellos (2012, p. 15) pontua que:

Exceto em alguns poucos lugares do planeta, a religião está presente de forma significativa, e nada no horizonte indica seu desaparecimento, como quiseram fazer-nos crer figuras importantes do pensamento, como Marx ou Freud, ou outras de menor quilate, como Dawkins. Diferentemente disso, temos assistido à crise de (algumas) instituições religiosas de muito peso histórico; em seu lugar, não ocupando espaço a não-religião, mas novas expressões, antes minoritárias ou inexistentes, fazem-se notar de maneira pujante, num quadro de fragmentação muito próprio a nossos dias e que, a meu ver, tende a acentuar-se. Trata-se de um processo que podemos constatar na sociedade brasileira e em muitas outras latitudes e longitudes. Durkheim parece ter tido razão quando sugeriu que havia algo de eterno na religião, destinado a sobreviver a todos os sistemas religiosos: estes, sim, nascem, crescem e eventualmente morrem.

Independentemente das diferentes noções sobre a religião ou as religiosidades, torna-se importante dizer, mesmo que didaticamente, que o termo “religião” se origina de uma palavra latina, e, segundo Crawford (2005, p. 13), significa “originalmente uma espécie de temor supersticioso”, flexibilizando “o sagrado” da irracionalidade para uma ação religiosa de consciência moral implicada em um sentimento religioso e de culto aos deuses. Por outro lado, o autor adverte que “nenhuma abordagem isolada fornece uma visão completa da religião e de suas características” (CRAWFORD, 2005, p. 34).

Por isso a religião não se apresenta como conceito universal. Seu conceito é complexo, e não possui consenso teórico. Nem mesmo a religiosidade sem religião distancia-se da noção tradicional fundante da religião: crenças. Corrobora essa concepção a tese de Berger (2000, p. 16) ao afirmar que “o mundo, hoje, é massivamente religioso”.

Vattimo (2004, p. 64-65), analisando o mundo pós-moderno e as diversas interpretações do mundo, destaca que há uma “espiritualização” de sentido da realidade como meio de se reconhecer a verdade de outras religiões ou do religioso sem religião, pois “a humanidade dispõe das possibilidades [...] necessárias para começar a realizar o reino de sentido” (VATTIMO, 2004, p. 72).

No que se refere à ideia de religião, em seus aspectos objetivo e subjetivo, como elementos protetores, salvadores e/ou construtores de resiliência em pessoas que passaram ou se encontram em contextos de violência, deve-se notar que há elementos interseccionais complexos entre a violência e a experiência religiosa. Isso pressupõe que a “busca de sentido”, pelo indivíduo, passa por fronteiras que ele mesmo constrói, num processo relacional para manter-se “vivo” em sua existência, ressignificando o cotidiano. Frankl (2003, p. 91) diria que “se Deus realmente existe,

estou convicto de que Ele não levaria a mal se alguém o confundisse com o próprio eu”. Esta busca implica confrontar duas dimensões da vida: o mundo racional e a subjetividade de cada “sentir” humano.

### 2.3.1 Resiliência: uma força psíquica e seu duplo valor no cotidiano

No encontro dessas duas realidades (espiritual e material), Viktor Frankl, contrastando com a tese da Psicanálise como adaptação do homem-pulsional à realidade e à psicologia individual na qual o homem se configura responsável e corajoso frente ao mundo, construiu a logoterapia<sup>28</sup>, fundamentada numa *logoteoria* com enfoque noético, que tem, na sua raiz, a expressão grega *noos* (mente), de acepção espiritual, para explicar que “a busca de sentido” é humana, profundamente humana, e é nesta perspectiva que se situa a experiência religiosa como fornecedora de sentido.

Frankl considera o ser humano como um indivíduo responsável e que tem capacidade de decidir sobre a sua vida em qualquer situação da existência (e, em especial, em contexto de violência). Esta capacidade humana caracteriza-se, entre outros elementos, pela “liberdade em descobrir o sentido da própria vida pela auto transcendência e pelo, auto distanciamento, decisão, amar, etc.” (SILVERIA; MAHFOUD, 2008, p. 570). Na mesma linha, acerca do homem e sua motivação primária quanto à busca de sentido da existência, Frankl afirma que:

Todo ser humano tem a vontade de buscar um sentido para a vida, e esta vontade é precisamente a principal força motivadora da pessoa. No momento em que a pessoa se pergunta sobre o sentido da vida, expressa o que há de mais humano em si (SILVERIA; MAHFOUD, 2008, p. 570).

Para a elaboração da sua teoria, Frankl (1990, p. 53) adota o conceito de *homo patiens* como sendo aquele homem vertical, ou seja, o “ser que sofre, o homem ‘resistente’ ao seu sofrimento e que, até no sofrimento, preenche o sentido e se realiza”, em oposição ao homem horizontal (*homo sapiens*) que se situa “entre o polo do sucesso e do fracasso”. A leitura a ser feita é: “Nenhum ser humano e

---

<sup>28</sup> “Quero explicar por que tomei o termo ‘logoterapia’ para designar minha teoria. O termo ‘logos’ é uma palavra grega, e significa ‘sentido’! A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a ‘Terceira Escola Vienense de Psicoterapia’, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano”. E “a logoterapia se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro” (FRANKL, 1985, p. 58).

nenhum destino podem ser comparados com outro; nenhuma situação se repete. E em cada situação a pessoa é chamada a assumir outra atitude” (FRANKL, 1985, p. 48).

Sobre a atitude, decisão e intencionalidade humana, o mesmo autor, sem desconsiderar que a religião é um construto social, simbólico e de imagens e tradições, adota o termo “religiosidade” para dizer que ela não é algo inato, de impulso ou pulsões, por não estar presa ao biológico, mas que “a religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quanto predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial, ou não é nada” (FRANKL, 2003, p. 50).

Além disso, Frankl (2003) acrescenta o elemento da “voluntariedade” ao termo “religiosidade”, afirmando que “à religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. Nunca podemos apressar a pessoa neste caminho” (FRANKL, 2003, p. 55). Dessa acepção, pode-se dizer que a resiliência possui duplo aspecto: voluntariedade e sobrevivência/superação. Na sua base estaria a religião, a religiosidade, a mística espiritual, enfim, as crenças ou a salvação da alma, como elucida Frankl (2003, p. 57) quando faz a distinção da função da religião (cura pastoral da alma/salvação) em relação à cura pela psicoterapia (cura psíquica da alma).

A teoria de Frankl (2003), sem a preocupação psicoterápica sobre as histórias de vidas investigadas, contribuirá no exercício interpretativo para apreender aspectos interseccionais que cruzam a dinâmica da violência e da vida das mulheres entrevistadas, enquanto “busca de sentido” após a violência sofrida e no que diz respeito às expressões e experiências religiosas que as acompanham, seja em razão da força da tradição, seja porque cada uma delas traz em si a condição de decidir pela religião e/ou religiosidade que vai adotar em sua vida. Entendendo que “na percepção do sentido, trata-se da descoberta de uma possibilidade diante do pano de fundo da realidade. Na verdade, trata-se da possibilidade de transformar a realidade” (FRANKL, 1990, p. 45)

Quanto ao aspecto da religião e a “busca de sentido” frente à violência, a articulação teórica principal parte da conceituação de Geertz e Berger. Para Geertz, a religião consiste em:

(1) Um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67).

Tal definição confere à religião, enquanto sistema simbólico, a característica fundamental de significar e representar as experiências vivenciadas em forma de ideias, sentimento, atitude ou crença que enquanto ação/construção social exterioriza e objetiva a realidade, tornando-a compreensível ao ser humano pelo processo de “reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as estruturas deste mundo vêm a determinar as estruturas subjetivas da própria consciência” (BERGER, 2013, p. 28). Por outra parte, neste mesmo processo, a religião não só descreve a ordem social, mas a “modela”, pois as concepções/crenças têm a capacidade de criar disposições e motivações duradouras e penetrantes, provocando novas ações e realidades.

Ao fazer a apresentação da obra *A religião invisível*, Hubert Knoblauch (2014, p. 8-9) destaca que Luckmann tem um conceito amplo de religião, pois abarca um espectro mais amplo de possíveis “conteúdos de crenças e formas sociais que preencham funções ‘religiosas’ sem ser engessado pelo que tem sido definido como religião pelas instituições religiosas tradicionais”. Luckmann (2014, p.70) afirma que se “pode [...] considerar fundamentalmente religiosos os processos sociais que levam à formação do Self”, na qual o indivíduo se constrói a “si mesmo” não só pela manutenção dos universos simbólicos objetivados apreendidos na socialização, mas pela construção de novos significados objetivos e morais no processo da socialização. Para Knoblauch, no entanto, “o fenômeno religioso se caracteriza por experiências religiosas especiais, referentes ao sagrado, ao ser sobrenatural, ao numinoso ou divino” (KNOBLAUCH, 2014, p. 9).

Relativamente à religião e à experiência religiosa individual das entrevistadas e suas opções de expressões institucionais, religiosas ou não, a análise dos dados tomará, também, o conceito de religião que foi atribuído por Thomas Luckmann (2014, p. 70) considerando que “o organismo transcende sua natureza biológica” por meio da “construção de universos de significados objetivos” (BERGER, 2013, p. 183).

Fazendo uma leitura de Georges Simmel (2010, p. 12), que faz uma distinção entre as categorias “religiosidade” e “religião” por uma concepção denominada de agnosticismo metodológico, “a religiosidade é o ser fundamental da alma religiosa e determina o tom e a função de todas as qualidades gerais ou particulares da alma”, enquanto a “religião”, pela abstração, “se torna um assunto objetivo e temporal, espacialmente localizado [...] Isso aconteceu porque a religião se resumiu a mero conteúdo, em vez de ser vida mesma”. Dito de outro modo, “trata-se de uma abertura da dimensão humana para a transcendência que mobiliza a construção de sentido para a totalidade da existência, materializando-se em formas cognitivas e emocionais” (MAGALHÃES FILHO, 2016, p. 125).

Essas concepções sociológicas da religião têm ressonância com o conceito de religiosidade de Frankl, na medida em que este afirma que a religiosidade é um aspecto especificamente humano e profundamente terapêutico da alma. Noutra redação, ele diz que “a alma é o espaço metafísico onde a realidade entra na esfera da experiência, sendo transfigurada num universo espiritual produzido pela alma e trazendo, assim, sua marca” (VANDENBERGHE, 2010, prefácio, p. 32).

A resiliência, como um *processo individual*, é “uma habilidade para ressurgir diante das adversidades, adaptar-se, recuperar-se e religar-se a uma vida, significativa e produtiva. [...] É o enfrentamento efetivo de circunstâncias e eventos de vida severamente estressantes e acumulativos” (KOTLIARENKO, FONTECILLA & CÁCERES, *apud* SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 569). A resiliência pode ser entendida, igualmente, como um *processo familiar*:

o caminho que uma família segue, como ela se adapta e prospera diante do estresse, no presente e ao longo do tempo. Famílias resilientes respondem positivamente a essas condições de maneira única, dependendo do contexto, do nível de desenvolvimento, da combinação interativa de fatores de risco e da percepção compartilhada da família (SOUZA, *apud* CERVENY, 2004, p. 65).

Na perspectiva das Ciências Sociais e da Psicologia este processo resiliente não aponta para uma característica exclusivamente pessoal do indivíduo, vítima de violência, mas assinala um processo de construção individual e social, no qual é preciso identificar os fatores de risco, isto é:

[...] influências que ocorrem em qualquer nível sistêmico (família, indivíduo, comunidade, sociedade) que ameaçam os resultados de adaptação

positivos. Os fatores de risco estão relacionados com toda sorte de eventos negativos de vida e operam de maneira diferente em diferentes períodos de desenvolvimento do indivíduo. Não constituem uma variável por si só, devendo ser pensados sempre como um processo (CANELAS, *apud* SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 569).

Embora o conceito resiliência tenha sua origem na área da Física, ao ser transportado para a Psicologia, o termo não é tão preciso como no seu campo de origem, “principalmente considerando a multiplicidade e a complexidade de fatores e variáveis levadas em conta no estudo do fenômeno humano”, (POLETTI; KOLLER, *apud* DELL’AGLIO et al, 2006, p. 22). O estudo da resiliência ganha espaço no Brasil, especialmente, nos campos da Psicologia, Educação, Sociologia, considerando que a religião se inclui como sistema cultural e simbólico, a resiliência pode ser estudada relacionada à experiência religiosa.

Na mística da espiritualidade (religião, religiosidade, Deus), a resiliência enquadra-se, epistemologicamente, numa noção de transcendência no cotidiano da vida, no qual a realidade humana, fruto dialético entre indivíduo/coletividade e mundo social, tanto pode ser criada com vistas à salvação da alma quanto constituída pela consciência de sobrevivência para romper fronteiras impostas pela violência, descaso e marginalização.

#### 2.4 ENTRE AFIRMAR E NEGAR: A RESILIÊNCIA COMO SENTIDO DE VIDA

Um mundo onde a resiliência acontece como força dinâmica da coletividade não significa que os indivíduos se tornem imunes ao sofrimento, mas descortina uma consciência de vivência, cuja força brota por conta de diversos motivos e fatores: parafraseando Frankl (1990, p. 35), a vontade de sentido da vida se irrompe por motivações *sui generis* e transcende-se como uma derivação da condição antropológica da humanidade – “a vida [...] equivale [...] a um enigma a ser decifrado”.

O “sentido” da vida “não pode ser inventado; ele precisa ser descoberto” (FRANKL, 2003, p. 66). Nas aberturas para a descoberta de sentido da vida, destaca o papel da religião como demarcadora da verdadeira grandeza humana para a vivência em tempo de crise, violência ou de pacificação. No entanto, na perspectiva de Frankl (1990, p. 49) “o homem pode encontrar sentido independente

de ser, ou não, religioso, e para o caso em que ele é religioso, é também mais uma vez independente da religião à qual ele possa pertencer”.

Entre as várias perspectivas teóricas sobre o conceito de resiliência, a Psicologia identifica diversos fatores de enfrentamento a respeito da dor, sofrimento, problemas e adversidades da vida, porém sem desprezar as forças das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido. Rutter (*apud* POLETTI; KOLLER, 2006, p. 24), por uma visão psicossocial, “considera que a resiliência só pode ser vista como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que acontece em dado período [...]”. Moraes e Rabionovich (*apud* POLETTI; KOLLER, 2006, p. 24) afirma que “a resiliência seria o desenvolvimento normal em condições difíceis”.

Na análise dos processos resilientes, além de considerar os fatores de risco, é preciso identificar a “dinâmica que permite ao indivíduo ser fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais” (INFANTE, *apud* SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 569), denominada de mecanismos de proteção, a serem apreendidos por um conjunto de fatores constituídos num processo e não apenas por meio de elementos isolados.

Metodologicamente, a categoria de análise da resiliência “não depende de traços e disposições pessoais apriorísticos, nem se manifesta apenas a partir da superação de fatores de risco predeterminados” (LIBÓRIO et al, *apud* DELL’AGLIO et al, 2006, p. 101). Isso se dá

[...] por meio de um olhar maximamente descontaminado por parte do pesquisador, que priorize os processos e que escape das análises reducionistas, centradas nas características ou traços individuais, e dos estereótipos que assumem fatores de risco e fatores de proteção universais. (LIBÓRIO et al, *apud* DELL’AGLIO et al, 2006, p. 102).

A orientação de Yunes (*apud* LIBÓRIO et al, *apud* DELL’AGLIO et al, 2006, p. 102) vai no sentido de “se reconhecer a percepção que o sujeito faz da situação em que se encontra, sua interpretação do evento estressor e o sentido a ele atribuído”, seja o aspecto individual, familiar, religioso ou social.

As quatro histórias de vidas marcadas por diferentes tipos de violências têm por elemento central sujeitos em contexto familiar. Por uma visão antropológica e sociológica, “a família é uma das instituições características da sociedade humana” e “o vínculo familiar é um vínculo legal, que gera obrigações econômicas, religiosas

e outras [...]” — “Tratar-se-ia, então, na verdade, de um conjunto aberto e não de uma totalidade fechada” (BOUDON; BOURRICAUD, 2004, p. 237).

Assim, a busca de sentido em face da dor e do sofrimento constitui uma “força motivadora” para o indivíduo, com o objetivo de enfrentar, resistir, superar, defender-se, (re)significar, dentre outros, suscitando processos auto transcendentais, direcionados para a realização da vontade de sobreviver ou para Deus. Não se abandona, todavia, a ideia de que a experiência religiosa permite ao indivíduo apropriar-se de forma consciente ou inconsciente de Deus e valores que podem ser de índole criativa na existencialidade humana. Numa definição operacional da religião, independentemente da concepção teísta ou ateuísta, Frankl (2003, p. 90) diria que “*Deus é o parceiro de nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos*”.

Na antropologia da humanidade, a busca de um sentido para a vida tornou-se roteiro da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da religião e da ciência, a fim de justificar a realização e a satisfação das necessidades existenciais. Pela teoria de Frankl, encontrar o sentido de vida é encontrar o indivíduo religioso, porque para ele a religião tem caráter operacional e de realização de vontade humana. Logo, a religião consiste em um “fenômeno *humano*, especificamente o mais humano de todos os fenômenos humanos, que é a vontade de sentido” (FRANKL, 2003, p. 89), no sentido de transcendência e auto transcendência. Nesse aspecto, Berger (2013, p. 41) coloca a religião como uma atividade humana ou do mundo coletivo. Aliás, segundo Berger (2013, p. 41), “a religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade”, acrescentando-se que “o indivíduo não é modelado como uma coisa passiva e inerte. [...] Ele é formado no curso de uma prolongada conversação [...] em que ele é *participante*. [...] O indivíduo continua a ser um *co-produtor* do mundo social e de si mesmo” (BERGER, 2013, p. 31).

Frankl (2003, p. 89) conclui afirmando que “a religião, de fato, pode ser definida como a realização de uma “vontade de sentido último”. Tanto Frankl quanto Berger definem a religião como um fenômeno essencialmente humano (auto-transcendente) e, por um movimento dialético, profundamente social (auto-exteriorizante). Logo, como a religião se promove por uma atividade e se realiza em razão da vontade humana, o sentido de vida buscado pelos indivíduos engloba múltiplos significados na construção da realidade do indivíduo e da sociedade; e, nesses dois contextos (individual e coletivo), a questão da busca de sentido de vida

se reveste sempre, e não só em momentos de crise ou de violência, de uma natureza religiosa, ao mesmo tempo em que se defronta com a normatização das relações por critérios nem sempre fincados na voluntariedade, porque o sentido buscado passou a ser uma vontade última. No caso das quatro mulheres, o sentido último foi encontrado na promoção, esperança e preservação da vida.

### 3 QUATRO HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E NARRADAS

Quando se discute acerca das histórias de vida, pensa-se em vários aspectos. Entre eles, os fatos vivenciados e a realidade (re) lembrada, demonstrando que as pessoas sentem, se emocionam, sofrem, se alegram, lutam, enlutam, resistem ou desistem, superam. As pessoas buscam criar, interpretar, entender e compreender que sentido (s)<sup>29</sup> a vida imprime a cada vivência cotidiana ou o que elas atribuem de sentido para cada período existencial em suas biografias.

A pesquisa compreende quatro histórias de vida de quatro mulheres vítimas de violência na cidade de Itaberaí, Goiás, que são identificadas como Sujeito “A” (SA), Sujeito “B” (SB), Sujeito “C” (SC) e Sujeito D (SD)<sup>30</sup>. Pelo fato de as quatro entrevistadas serem mulheres, a questão de gênero é compreendida não de forma isolada, mas associada a diversos outros fatores de interseccionalidade, como raça, classe, geração, escolaridade, etc. Os relatos abrangem diferentes trajetórias vividas e narradas, tendo em comum entre eles as marcas e as consequências da violência perpetrada nos ambientes domésticos e públicos. Além disso, buscou-se descobrir a questão de sentido de vida que elas consideram importante para continuarem vivendo ou reconstruírem suas vidas.

Diversas são as forças que cada mulher usou para dar sentido à sua vida após experimentar a violência e seus efeitos no cotidiano. Pressupôs-se que elas perceberam que a vida é um *continuum* de sentidos que se ergue diante do seu próprio mundo, cuja realidade, em tempo de crise, violência e paz, enseja outros mundos, dialeticamente subjetivos e objetivados, na medida em que elas se tornam sujeitos *participantes* capazes de permanecer vivendo em mundos destruídos e reconstruídos. De modo fenomenológico e interpretativo, a concepção de sentido(s) no (re) fazimento de vidas esfaceladas pela violência, terá por base a noção de

---

<sup>29</sup> O termo “sentido” nesta pesquisa será empregado, ora no singular (“sentido”), ora no plural (“sentidos”), porém com a mesma semântica. Isso permitirá exprimir conotações conceituais amplas que possam orientar as significações e interpretações de sentimentos e relações socioculturais por meio de um processo dialético de sentidos subjetivo e objetivo, sem, no entanto, aprofundar noções teóricas típicas da Psicologia e da Psicanálise. Todavia, considerando que o termo “sentido (s)” se apresenta como uma noção relacional nas biografias pessoais observadas, a sua semântica consiste num movimento interno e externo vinculado à concepção de vida e aos fenômenos que compõem a existência humana.

<sup>30</sup> Os nomes dos sujeitos investigados (quatro mulheres) para a coleta de relatos de histórias de vida serão apresentados pela denominação de “sujeitos” com a enumeração sequenciada pelas letras alfabéticas de “A” a “D”, preservando-se a privacidade e as identidades das mulheres entrevistadas. Os dados e qualificações delas também serão preservados e ocultados na descrição dos seus relatos, que passaram a integrar, em anexo, esse texto dissertativo.

cultura, que, segundo Clifford Geertz (1989, p. 4) consiste em “uma teia de significados” tecida pelo homem e que se desenvolve historicamente, segundo *ethos* e crenças que perpassam as relações familiares, sociais, escolares, profissionais e religiosas. No que tange à noção de religião, a análise compreende o mundo simbólico e cultural, pois

[...] o que quer que a religião possa ser, além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta (GEERTZ, 1989, p. 93).

Conciliando-se essa perspectiva geertziana, o mundo construído socialmente por Berger (2013, p. 19) compartilha a “cultura” como sendo uma “segunda natureza” do homem, tendo a função de “fornecer à vida humana as estruturas firmes que lhe faltam biologicamente”, porque a sociedade, como algo *sui generis*, se apresenta como sendo

[...] parte e parcela da cultura não-material. A sociedade é aquele aspecto desta última que estrutura as incessantes relações do homem com seus semelhantes. Como apenas um elemento da cultura, a sociedade compartilha do caráter desta como produto humano. A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação (BERGER, 2013, p. 19-20).

Assim, a cultura como uma força orgânica construída pela ação humana, está sujeita a mudanças e aos efeitos de sua precariedade. Por isso, compreende-se que as relações familiares criem condições de integração, cooperação, solidariedade e, também, de competição e conflitos. Nesse espaço social, a hierarquia, decorrente da construção de gêneros de tempos ancestrais, é marcada pela dominação do ser masculino. Para uma melhor elucidação acerca da análise da violência e dos mecanismos de enfrentamento da violência, inclusive a partir de um sistema religioso simbólico, deu-se prevalência ao conceito de cultura, como uma “ciência interpretativa, à procura de significado”, tendo em vista a busca de uma explicação a respeito do que seja o “construir expressões sociais enigmáticas” (GEERTZ, 1989, p. 4 e 8-10), pois a observação que se faz de um ser humano pode ser um enigma completo para outro ser humano: o comportamento do homem constitui-se de ações simbólicas.

Cabe fazer um parêntese de que GEERTZ (1989, p. 4), ao conceber a noção de cultura como uma rede de significados, pelo método de interpretação das culturas, GEERTZ a elaborou com a tese de Max Weber – construtor da racionalização de sentido e da intelectualização da sociedade moderna – que disse ser “o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Sendo fiéis GEERTZ (1989, p. 4), ele escreveu:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação.

Na visão de um mundo aberto, Berger (2013, p. 19) dialetiza o mundo social, colocando o ser humano como um empreendedor e produtor da sociedade e de si mesmo. A análise sobre a violência e sua superação implica considerar a importância, ou não, da religião, bem como os mecanismos de interpretação para alcançar a essência, em termos de sentidos subjetivos e objetivos, que compõem a rede de significados que se entrelaçam na história vivida e narrada. Noutras palavras, para se descobrir o significado de toda trama de uma história, de uma pessoa, ritual, instituição ou sociedade, torna-se necessário realizar “uma boa interpretação” que leve ao seu “cerne” (GEERTZ, 1989, p. 13).

A violência sofrida pelas quatro mulheres representa uma nova situação – de caráter problemático – na vida cotidiana, já que interrompe a continuidade da ordem significativa de suas vidas, a partir da qual elas acionaram diversos mecanismos, subjetivos e intersubjetivos, para integrar ou superar o estado de desordem provocado nas suas vidas. Gabriele Rosenthal (2014, p. 219) explica que a história vivida compreende fatos da experiência cotidiana ocorridos em determinado momento da vida, de algum modo, experienciados no ato de falar sobre eles, e a história narrada, consiste em uma forma de lidar, atualizando-se as experiências vividas e que se vivenciam no plano da consciência num processo de recordação e narração.

O movimento “enigmático” e dialético do processo de vivência e narração passa a ser identificado na medida em que a descrição dos relatos for sendo

interpretada, pois a ação interpretativa compreende “o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num discurso, da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (GEERTZ, 1989, p. 15). O indivíduo é um produtor de significados, de sentidos. Isto é, num movimento de consequência ou superação biológica, de acordo com BERGER (2013, p. 18) “o homem precisa *fazer* um mundo para si”.

A história de vida (vívida e narrada), como método de pesquisa empírico analítico-qualitativo-interpretativo, baseia-se em conhecimentos subjetivos e condições objetivas analisadas, considerando, primeiro, a linha narrativa da biografia pessoal de cada uma das quatro entrevistadas e os elementos de (re) construção de sentido, que se estruturam pelas forças do contexto (familiar e social), linguagem, sentimentos, gestos, pensamentos, simbolização, associando-se singularidades de história particular na composição da estrutura social visível e invisível de cada uma delas, num processo – segundo ROSENTHAL (2014, p. 214) – de “reconstruir a vivência”.

Num segundo momento, e de forma interpenetrada, será feita a interpretação dos relatos, tomando-se como categorias de análise as estruturas sociais que objetivam a relação e a percepção subjetiva da mulher diante da violência (história vivida) e a forma como ela enfrenta os efeitos individuais e sociais da violência nos tempos que retratam o passado, presente e futuro (história narrada). Em função disso e de forma dialética, o olhar sobre a experiência humana considera que “o universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. A sociedade histórica inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam *dentro* deste universo” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 127).

No contexto geral, a análise das biografias pessoais das quatro entrevistadas será orientada “por esquemas interpretativos” (BOURDIEU, 1997, p. 712), que se relacionam no “ponto do espaço social”, tanto dos sujeitos pesquisados como da pesquisadora. Por espaço social entende-se a construção ou a estruturação em que os agentes ou os grupos são distribuídos em função da sua posição ou diferenciação social (BONNEWITZ, 2003, p. 51).

Luckmann (2014, p. 67) considera que os “esquemas interpretativos resultam de experiências anteriores, já sedimentadas”, de tal forma que, dialeticamente, “o significado” das experiências vividas pelos indivíduos constrói-se

como “atos interpretativos”, de tal forma que novos significados podem, ao mesmo tempo, gerar novos esquemas interpretativos (LUCKMANN, 2014, p. 66).

Seja no universo, seja num espaço social deste universo, a cultura vincula à noção de conjunto de atos simbólicos, tendo por objetivo a análise do discurso social (GEERTZ, 1989 p. 18) e, nele, vincula problemas de experiências humanas, no caso, em contexto de violência. No que tange ao papel da cultura na vida dos seres humanos, “o que tem particular importância é que as situações marginais da vida do indivíduo (marginais no sentido de não estarem incluídas na realidade na existência cotidiana na sociedade) são também abrangidas pelo universo simbólico” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 127).

As declarações das entrevistadas transmitem o contexto do espaço social de cada uma delas, e o esforço da pesquisadora será situar-se “num lugar onde sua visão do mundo se tornar evidente, necessária [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 712). A pesquisa interpretativa das histórias de vida não despreza o exercício da objetivação, pelo qual o intérprete deve “transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo numa certa medida, um *alter ego*) e tomar, assim, seu ponto de vista” (BOURDIEU, 1997, p. 713), bem como compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar. Ele (o pesquisador) seria e pensaria, sem dúvida, como o outro.

Na tese bourdieuniana “*compreender e explicar são a mesma coisa*” (1997, p. 700), o que dá condições de analisar fenômenos que se interpenetram tanto na experiência vivida como nas (re) lembranças narradas discursivamente, envidando esforços para o exercício de uma percepção objetiva, sem o intérprete distanciar-se dos sentidos subjetivos presentes nas narrativas e sem abusar da sua visão de mundo.

Por outro lado, a lição da Gabriele Rosenthal sobre a pesquisa biográfica, no que diz respeito aos pressupostos teóricos, esclarece:

“Compreender” e “explicar” são entendidos aqui no sentido atribuído por Max Weber aos conceitos. De acordo com Weber, a tarefa do pesquisador consiste antes em compreender o sentido subjetivamente visado do agente (com outras palavras: suas interpretações da situação e suas intenções com a ação) e, por meio dessa apreensão, explicar seu agir e suas consequências e interdependência com o agir alheio (ROSENTHAL, 2014, p. 215).

Nos relatos das quatro mulheres entrevistadas o que se visa, no plano empírico, é a identificação de aspectos, denominados de violência e resistência, a fim de analisá-los como fenômenos sociais e experiências individuais, de natureza de risco ou de cunho protetivo, impostos na constituição de sentidos ou de novos sentidos da existência humana – processos esses que, por meio de experiência religiosa, ativam contornos de resiliência com possibilidade de estabelecer outro curso de ação no cotidiano, enfrentando e superando a “anormalidade” anteriormente estruturada num espaço social específico, concebido como posições relativas de agentes e grupos e de práticas sociais legitimadas em dadas circunstâncias de disponibilidade de “classes” que representam

[...] o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, forças ou poder neste universo (BOURDIEU, 2001, p. 134-135).

Para a fundamentação entre os dados empíricos e as categorias teóricas de análise com vistas a compreender e explicar fenômenos sociais e experiências individuais, que, segundo Rosenthal (2014, p. 205), “permitem que o significado desses fenômenos seja interpretado sem desconsiderar o contexto mais amplo da história de vida”, optou-se por definir os pressupostos teóricos identificáveis (ou não) no espaço social das quatro mulheres (A, B, C e D), como a noção de violência e os elementos de sentido que se atribuem à vida num contexto de violência, considerando-se, no fundo biográfico, a interpretação cotidiana de cada mulher.

Neste conjunto do cotidiano, encontram-se: 1) a concepção da constituição de família; 2) a percepção e/ou sentimento diante das violências sofridas (tipologias) e elementos de enfrentamento e atribuição de sentido para a vida atual; 3) as expressões e as experiências religiosas das entrevistadas e a sua relação com a religião.

As três categorias empírico-teóricas (família, violência e religião) deram origem a 11 perguntas elaboradas para o instrumento de coleta de dados da história de vida das quatro mulheres entrevistadas – instrumento este colocado em anexo. Esclarece-se que o conjunto de categorias construídas deriva do recorte teórico que apoia essa pesquisa, confrontando-se teoria e empiria e novas concepções de interesses (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 42). Além disso, a noção de sentido de vida é

uma questão que se dinamiza fenomenologicamente na experiência humana segundo a história narrada pelas entrevistadas.

### 3.1 RELATOS BIOGRÁFICOS E O ENTRECruzAMENTO DA VIOLÊNCIA

Um aspecto que transitará no contexto de violência das entrevistadas será o ato de buscar e identificar a função ou a importância do papel da religião no enfrentamento de adversidades como elemento gerador de processos resilientes. Destaca-se que a noção de violência, aqui tomada, será aquela denominada, em razão de caracteres presentes nas relações sociais, embora haja teses considerando que a violência é uma condição biológica e inata.

Desta realidade dicotômica, extrai-se que “a violência não possui uma natureza absoluta” (BASTOS, 2010, p. 42). No entanto, ainda que se considere a violência de natureza congênita, Bastos (2010, p. 42) adverte: “o fato de a violência ser congênita deve, outrossim, despertar estratégias de recondução da violência para destinos benéficos à existência.” Nesse sentido, evitando-se uma visão simplista de que a violência contra mulher ocorra apenas de modo isolado numa escala de hierarquização e dominação em seio doméstico e nas relações intrafamiliares (e extensivo ao comportamento da sociedade), propõe-se aprofundar o olhar investigativo para perceber que há muitos outros elementos importantes que denunciam a existência de lutas, resistências, enfrentamentos, superação, omissões, mudanças, atitudes veladas e insidiosas, dentre outras.

No contexto da sociedade contemporânea, o conceito de família amplia o seu sentido de maneira a ser redefinido em toda a sua estrutura, antes tida como uma família nuclear, composta de pais e filhos — “instituição doméstica-chave das modernas sociedades ocidentais” (GLANZ, 2005, p. 21). Ao longo do tempo o conceito de família sofreu alterações internas e sociais, seja pelas ações dos seus próprios agentes, seja pelo comportamento da sociedade, num processo de interiorização e exteriorização, como aponta o estudo sobre as Famílias Brasileiras em situação de conflitividade, destacando que, “no Brasil, em relação às formas de organização da família, ainda com base no censo, os padrões de formação, dissolução e reconstituição da família tornam-se cada vez mais heterogêneos, e seus limites, mais ambíguos” (LEMOS et al., 2014, p. 34).

Assim sendo, na atualidade, a família se redefine em várias concepções, entre elas a da família monoparental, que é constituída pelo caráter filial em relação ao pai ou à mãe “(um dos pais e um ou mais filhos) e o lar de uma só pessoa (solteira, viúvo, divorciado ou casado, vivendo só)” (GLANZ, 2007, p. 26); a família múltipla (integração de duas ou mais famílias, com descendentes de ambas); a família socioafetiva (sem vinculação genética dos filhos em relação aos pais); a família construída sem uma relação sexual e de reprodução (maternidade e paternidade), mas instituída, sob a forma de comunidade “a partir de adesões ideológicas ou rituais, definidas pelos sujeitos que delas participam como ‘relação espiritual’” (MARIZ; MELLO, 2005, p. 72), que, por identidade de propósito, se denomina família anaparental.<sup>31</sup>

A mutação de conceito de família, no singular, para famílias, no plural, decorre do afrouxamento dos laços entre Estado e Igreja e das rápidas transformações de sua antiga constituição, em razão de mudanças sociais, econômicas e políticas, bem como as transformações provocadas pela mobilidade ocupacional e espacial, pelas mudanças das relações de gêneros, etc. (ALVES; CAVENAGHI, 2012, p. 8). No entanto, em qualquer estrutura familiar, a violência aparece sob múltiplas faces e consequências, cujos enfrentamentos demandam concepções culturais de cada dinâmica individual e familiar, observando-se que

[...] no contexto capitalista, a família, como espaço privado de construção de identidades e de novos padrões de sociabilidade e de subjetividades, ainda responde por determinados bens e serviços tais como: de cuidados, de intimidade, de privacidade e de retroalimentação dos laços afetivos entre seus membros, em distintas classes sociais (LEMOS et al., 2014, p. 33).

Dessa forma, as famílias pobres apresentam um estado de vulnerabilidade que fragiliza sua estrutura que muitas vezes se vê abalada pelas “separações, mortes, dificuldades econômicas e pela inexistência de instituições públicas eficazes que cumpram as funções de proteção social pública” (FREITAS apud LEMOS et al., 2014, p. 42). O projeto de vida da(s) família(s) mudou o seu vértice social: “a família é um grupo social fundado essencialmente nos laços de afetividade após o desaparecimento da família patriarcal, que desempenhava funções procriativas, econômicas, religiosas e políticas” (LÔBO, apud DIAS, 2006, p. 39).

---

<sup>31</sup> Termo criado por Sérgio Resende de Barros. In: DIAS, Maria Berenice. *Manual de direito das famílias*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006, p. 44.

Dito de outra forma, “as relações familiares são funcionalizadas em razão da dignidade da cada partícipe” (LÔBO, *apud* DIAS, 2006, p. 39), e “tornou-se necessário identificar, como família, também as relações que se constituem sem o selo do casamento” (DIAS, 2006, 39). Enfim, as famílias se identificam pela consanguinidade, pelas relações de afetividade, corresponsabilidade, identidade de propósitos, visando a constituição de uma entidade familiar, ao invés de *pater poder*, poder familiar.

A(s) família(s), seja qual for sua forma de estruturação, têm uma função protetiva, no entanto elas também podem ser instrumento de opressão e geradoras de violência, como apontam os estudos realizados por Stephen M. Cretney, com os quais apurou, em 1997, “que 32% dos crimes são praticados por membros da família da vítima”, dizendo que “não pode haver maior traição da confiança humana que a violência dentro da família” (*apud* GLANZ, 2005, p. 28 ). Nesse aspecto,

Tão flexíveis são as características da família pós-moralista hodierna, que já é viável fazer a montagem ou a desmontagem da mesma segundo a preferência de cada um. Já não se respeita a família em si, mas só enquanto instrumento de realização pessoal das pessoas. Aquilo que antes era uma instituição obrigatória metamorfoseou-se agora em instituição de gênero emotivo e elástico. (LIPOVETSKY, 2005, 139).

Diante disso, mesmo na diversidade de tipos e concepções de famílias, com diversas estruturações na sociedade pós-moralista de histórico individualista e esvaziamento das antigas prescrições morais obrigatórias (LIPOVETSKY, 2005, p.137), prevalece ainda a defesa da dignidade de seus integrantes e o repúdio de todas as formas de violência. Para realizar a articulação sobre as noções de violência, sentido de vida e prática religiosa, enquanto instrumental teórico, faz-se necessário “reconstruir tanto as trajetórias biográficas quanto as construções biográficas atuais” (ROSENTHAL, 2014, p. 215). Elucidando-se, portanto, o critério metodológico adotado, os pressupostos teóricos fundamentam-se pelas seguintes perspectivas:

1. Para que possamos compreender ou explicar fenômenos psíquicos ou sociais, temos que reconstruir sua *gênese* – o processo de seu surgimento, de sua conservação e de sua modificação.
2. Para compreender e explicar a ação de indivíduos é necessário conhecer tanto as perspectivas dos agentes como também os próprios  *cursos de ação*. Queremos saber o que eles concretamente vivenciaram, qual sentido atribuíram às suas ações à época e atribuem agora e em

qual contexto de significado – biograficamente constituído – inserem suas vivências.

3. Para compreender e explicar as declarações de um entrevistado/biografado sobre determinados domínios temáticos e sobre vivências específicas de seu passado, é necessário interpretá-las considerando sua inserção no *contexto de sua vida atual* e sua perspectiva atual e futura daí resultante. (ROSENTHAL, 2014, p. 215).

No universo teórico e empírico, o cruzamento entre dados e análise se identifica pelos diversos elementos apresentados na entrevista que não sejam apenas verbais ou transcrições escritas, mas “[...] toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 36). Desse modo, metodologicamente, a reconstrução da história de vida vivenciada e da história de vida narrada sobre as histórias de vidas das quatro mulheres entrevistadas será interpretada considerando-se três aspectos: a) os fenômenos psíquicos ou sociais (vivência), b) a ação dos indivíduos de atribuir sentido de vida no contexto de violência (percepção dos agentes) e c) a interpretação do contexto de sua vida atual (experiência narrativa).

### 3.1.1 Sujeito A (SA): uma trajetória de vida marcada pelo sexismo

Na história da humanidade, a relação de gênero pavimentou as relações humanas, porém, em sentido prático, acabou sendo amordaçada pelas relações patriarcais, as quais se constituíram numa relação de poder e se apresentaram como “relações estruturais e institucionais de dominação” (SCHUSSLER FIORENZA, 2009, p. 133), repercutindo até os tempos atuais. Todos esses matizes de relações forjaram uma variedade de violências, desde as mais sutis, simbólicas, cruéis às legitimadas pelo poder em regime de exploração-dominação com caráter de controle social. SAFFIOTI (s/d, p. 29) elucidada:

Integra a **ideologia de gênero**, especificamente **patriarcal**, a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as **relações patriarcais**, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, **o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna o Estado.** (Grifos no original).

O androcentrismo (“centração no homem”, em relação ao qual a mulher é o “outro”) “não se limita a construir diferenças sexuais dualistas, mas também determina a relação de poder entre os sexos” (SCHÜSSLER FIORENZA , 2009, p. 132), mantendo divisões e classificações assimétricas entre os seres humanos e, num sentido funcionalista, construindo uma valorização subjetiva e marcando a superioridade do gênero masculino em relação ao gênero feminino. “O patriarcado constrói relações estruturais e institucionais de dominação”, e, na teoria feminista, o seu conceito é tido “como instrumento para identificar e desafiar as estruturas sociais e ideológicas que permitiram aos homens dominar e explorar as mulheres ao longo de toda a história registrada” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 133).

Numa concepção dualista de gênero, o homem explora a mulher, vitimizandoo-a. Mas, quando analisada a questão dual do gênero, pelo sistema de dominação, o que se vê são mulheres de elite que também exploram homens escravos e mulheres escravas, embora em menor escala que as explorações praticadas pelos homens (SCHÜSSLER FIORENZA , 2009, p. 134-135). Enfim, Schüssler Fiorenza (2009, p. 142) afirma que “a ordem simbólica kyriarcal do Ocidente não só define a “mulher” como “o Outro” do Homem Ocidental, dotado de Razão, também mapeia os sistemas de opressão em oposição à lógica democrática da igualdade racial para todas as pessoas”.

Entre as características fundantes do poder patriarcal está a dominação sexista, marcada pela superioridade masculina, baseada no preconceito da inferioridade do sexo feminino, lembrando que, mesmo não sendo o objeto deste estudo, há mulheres também com atitudes patriarcais. Entende-se por sexismo “a supremacia de um gênero sobre o outro e opressões entre indivíduos por se diferenciarem a partir do seu aparato sexual [...] manifestação de preconceito com relação às mulheres” (SOUZA, 2016, p. 5).

A história de vida de SA apresenta-se num contexto de família nuclear, constituída pelo pai, a mãe e sete (7) filhos, sendo ela (SA) a segunda filha. Neste espaço, o pai exercia o poder e a dominação de forma violenta sobre todos os membros e as relações entre eles, especialmente com as mulheres da família. O pai é protagonista de inúmeras violências como SA<sup>32</sup> descreve:

---

<sup>32</sup> As vozes das entrevistas serão transcritas na fonte itálica e entre aspas para distinguir do conjunto do texto.

*Eu fui abusada quando eu tinha 10 anos [...], quando começou eu pensei que era normal, aí eu fui crescendo e fui vendo que não era normal. Aí ele começou com as ameaças dele, ele me chantageava, falava que ia matar minha mãe, que ia separar eu de meus irmãos, que ia levar eu para ir embora e que eu nunca mais ia ver minha mãe e meus irmãos e foi assim que começou a violência.*

Esta violência multifacetada se prolongou até os 23 anos de idade de SA, caracterizada pela privação de liberdade e dos direitos, pela separação simbólica da mãe, chantagens, ameaças, constrangimentos, humilhações, reiteradas agressões que se manifestavam como formas de controle e reflexo do sexismo do pai, que trouxeram como consequência a desintegração familiar. Com suas palavras, SA afirma:

*ele me privou de todos meus direitos: não me deixava sair com minha mãe, não deixava ir na igreja, ele deixava minhas irmãs, mas não deixava eu, nem deixava eu conversar com minha mãe, nem chegar perto, se eu chegasse perto ele dizia que eu estava contando alguma coisa para ela, ele batia nela e batia em mim.*

*Eu vi minhas irmãs todas indo embora de casa, todas fugiram porque não aguentavam as brigas com ele, com meu pai.*

Por outra parte, as relações patriarcais, permeiam as relações familiares de SA, que oportunizam o empoderamento de uns em detrimento de outros, como se observa no caso do pai e as filhas, do pai e a mãe, mas também aconteceu nas relações entre as irmãs e SA e, a mãe e SA, na qual destaca a opressão, a culpabilização e o desempoderamento de SA, como mostra o relato:

*Aí eu decidi contar minha história para minhas duas irmãs caçulas, menor do que eu, aí eu contei para elas pensando que elas poderiam me ajudar e ela não me ajudou, saiu esparramando pelo colégio inteiro onde eu estudava e não me ajudou e ainda ficavam me chantageando dizendo que iam contar para ele que eu tinha contado para elas [...] que minha filha era filha dele, que ele abusava de mim, elas ficaram me ameaçando.*

*Depois que minha mãe ficou sabendo da história, ela falou que eu que era culpada, porque na hora das brincadeiras quando ele ia brincar com a gente, ele brincava comigo de uma forma diferente.*

Para SA, o pai é “um monstro”, apontando, com esta denominação, para o sofrimento desmedido provocado por ele e, ao mesmo tempo revela a descaracterização do papel protetivo que devia ter sido exercido pelo pai. Assim, a situação familiar de SA é um caso de violência doméstica considerando-se que

todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, do outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratadas como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (AZEVEDO; GUERRA *apud* LEMOS, 2014, p. 168)

Dessa violência doméstica advieram seis gravidezes, das quais, quatro filhos sobreviveram. O medo e a solidão são dois sentimentos/situações que perpassam a história de vida de SA:

*Sentia-me sozinha, que não tinha ninguém, [...] eu tinha minhas irmãs, mas não tinha, estava aí todo mundo, mas eu não podia contar para ninguém. Eu vivi sozinha durante todo esse tempo que eu fui abusada, que eu sofria essa violência, eu não tinha ninguém, só Deus, eu contava só com Deus, era a única pessoa que podia me escutar porque ele não podia ameaçar.*

Dentro das relações patriarcais o medo cumpre uma função social, pois cria silêncio, omissões e cumplicidades que alimentam o *status quo* das violências e impedem sua superação. SA experimentou medo do agressor: “*aí eu ficava com medo, nunca contei nada para ninguém; [...] Eu sentia muito medo*”; reconhece que outras pessoas (“*minha família, minhas irmãs, meus parentes, o povo da rua, e o conselho tutelar*”) também tinham medo do agressor: “*todo mundo sabia, sabia da história, mas ninguém fazia nada para me ajudar, todo mundo tinha medo dele*”; e, olhando para o futuro SA experimenta o medo ao preconceito social: “*eu tinha medo, sabe? De eu estar com meus filhos sozinha e as pessoas julgar*”.

Baierl e Almendra (2002, p. 61) ao analisar a dinâmica perversa do medo e da violência urbana esclarecem que

o medo como sentimento afeta as pessoas e levam-nas a ter uma paralisação momentânea. Esta paralisação provoca reações diferenciadas, de um ser para o outro, assim como de um momento para o outro e de um contexto para o outro. Portanto, é historicamente situada. Essa reação pode provocar atitudes e comportamentos de *agressão, fuga ou entrega*. A pessoa reage agredindo (na mesma intensidade, maior ou menor que o agressor), foge ou se entrega.

Portanto, se “a reação já não é o medo” (2002, p. 61) poder-se-ia afirmar que a reação enquanto enfrentamento à violência baseia-se, não na submissão ao algoz – como forma de sobrevivência e segurança – mas, na libertação deste para proteger-se a si mesma e a outros, no caso de SA, proteger seus filhos:

*Eu nunca gostei de ver meus filhos sofrer, ele negar comida para meus filhos, negar o banho, negar tudo, quando eu vi ele negar um pedaço de doce para meu filho, aquilo para mim acabou, ele bateu no meu filho por conta de um pedaço de doce. Por conta de um pedaço de doce resolvi entregar tudo, acabar com tudo.*

Assim, a reação que colocou fim ao prolongado ciclo de violência vivenciado por SA deve ser compreendida tendo como pano de fundo a percepção de sentido de vida construído ao longo do tempo, pois para SA viver faz sentido por causa dos filhos. Em suas palavras, ela afirma: *“se meus filhos não existissem a minha vida não tinha sentido, nada disso tinha sentido, nada do que fiz teria sentido. Sem meus filhos o meu mundo ia acabar, não teria nenhum sentido”*.

Depois de um determinado tempo, passou a conviver em união estável com outra pessoa, tendo desta união estável dois meninos (gêmeos), totalizando assim uma procriação de seis filhos. Todos os quatro filhos, resultado de incesto, chamam o seu companheiro de “pai”, motivo que ela declarou ser a maior razão para conviver com outro homem: *“eu queria muito de um pai, uma pessoa que cuidasse dos meus filhos, amasse meus filhos, não precisava gostar de mim, mas gostando de meus filhos era o que importava”*.

A violência perpetrada por meio de incesto, desde os primórdios da civilização humana, é considerada como uma grave violência à pessoa e é tida como ilícita em muitos ordenamentos jurídicos, e o Brasil considera o incesto como uma conduta imoral, salvo se ele for cometido com menor de 14 anos, o que caracteriza o estupro, considerado como “crime de estupro de vulnerável”<sup>33</sup>. O incesto é uma figura atípica no campo penal brasileiro. José Nabuco Filho (s/d, s/p) explica que:

Apesar de universalmente proibido, o fato é que no Brasil o incesto não é definido como crime. Há, não raro, relações incestuosas que configuram crime, como o pai que pratica ato sexual com a filha menor de 14 anos, ou o pai que constrange a filha maior de 14 anos, com violência ou ameaça, a ato sexual. Esses fatos configuram, respectivamente, o estupro de

---

<sup>33</sup> TJ-SC - Apelação Criminal (Réu Preso) ACR 707029 SC 2008.070702-9 (TJ-SC)

Data de publicação: 22/05/2009

Ementa: PENAL - ESTUPRO - VIOLÊNCIA PRESUMIDA - INCESTO - CRIME CONFIGURADO - RECURSO DESPROVIDO. Normas penais visam proteger direitos fundamentais, entre eles a liberdade sexual de crianças e adolescentes. Justa e acertada a condenação de pai pelo estupro cometido contra filha menor de 11 anos, nada justificando o abuso do qual decorreu o nascimento de outra criança, muito menos o incesto, que é repellido pela moral e bons costumes.

vulnerável (art. 217-A, CP), com pena de oito a 15 anos de reclusão, e estupro (art. 213, CP), pena de seis a 10 anos.

A prática do incesto é uma conduta puramente imoral e não interessam ao direito penal condutas imorais que não causam nenhuma lesão a bem jurídico (Roxin). Por tal razão, no Brasil, se ascendente e descendente (maior de 14 anos) viverem livremente uma relação incestuosa, por mais que repugne a todos, não se configura como crime.

Entretanto, de acordo com Lévi-Strauss, a proibição do incesto é fenômeno universal. Nesse aspecto, é importante trazer a seguinte reflexão:

A proposta de Lévi-Strauss, a de que a proibição do incesto é universalmente imposta a fim de estabelecer a “*troca de mulheres* entre homens” — condição indispensável à instituição do matrimônio, da família, do parentesco e da própria vida social —, causou um grande impacto no contexto da reflexão antropológica, além de ter uma repercussão expressiva em outras áreas do saber (LOBATO, 1999, s/p).

Esta concepção impactou diferentes áreas do saber devido ao fato de que a relação sexual entre os seres humanos (homem e mulher), como meio de formação de grupos sociais por meio de “trocas de mulheres”, restringiria esta realidade ao aspecto sociopolítico da constituição, preservação, manutenção do casamento, estabelecimento de parentesco e de formação de novos grupos sociais, fazendo da mulher um objeto de troca. O impedimento das relações de pessoas do mesmo tronco genético, de matriz estruturalista, serviu para elaborar leis de proibição do incesto, “a fim de proteger a espécie humana das consequências genéticas nefastas do casamento entre parentes próximos” (LOBATO, 1999, s/p).

Apesar deste postulado, outras noções, como a da construção social de gênero, combatem a ideia político-social e jurídica, declarando que a “troca de mulheres”, que visa o estabelecimento de parentesco, fere a condição de existência das mulheres, porque elas são tornadas objeto do homem de relações patrilineares – “O lado de reciprocidade que funda o casamento, não é estabelecido entre homens e mulheres, mas entre homens por meio de mulheres, que são somente a ocasião principal” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 155).

Apesar da defesa contra o incesto, desde a leitura antropológica estruturalista, teses feministas, como a de Simone de Beauvoir, partilham a mesma base de explicação, mas questionam, a partir da concepção da mulher na sua condição de gênero, isto é, a negação de uma constituição igualitária de grupo feminino, paralelo ao grupo masculino, devido ao fato de não colocar a mulher como

“outro sujeito”, que não teve “uma relação direta e autônoma com os homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 91-92), tendo em vista que “a mulher não é nunca senão o símbolo de sua linhagem [...]. Ela é apenas a mediadora do direito, não a detentora”.

Enfim, a terminologia latina, “incesto” é um termo composto de duas palavras *in* e *cestus* ou *incestum*, significando “sacrilégio”, “impuro”, “sujo”, “não-casto” (CROMBERG, 2001, p. 28). Denotativamente, o verbete “incesto” quer dizer “união sexual ilícita entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos”. (FERREIRA, 1986, p. 930). Um olhar geral rastreia o incesto como uma interdição social, seja como comportamento imoral e anti- religioso, seja conduta ilegal. Antonio Carlos de Lima (2017, s/p) faz a seguinte reflexão:

Praticamente todas as definições de incesto estão ligadas à ideia de **proibição**. Primeiro, a teoria biológica de um “*horror inato ao incesto*”, considera-o como a proteção natural contra os malefícios do cruzamento endogâmico. Já a teoria moral reporta a aspectos socioculturais, entendendo que, de acordo com uma perspectiva estruturalista, a proibição do incesto é cultural, mas necessária para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade. A **Bíblia** o proíbe em Levítico 18:6 ss “*não descobrirás a nudez da mulher de teu irmão; é a nudez de teu irmão*”.

Não sendo objeto do estudo identificar a existência, ou não, da criminalidade ou conduta moral, o que se verifica na história de SA é o fato de ela perceber, em sua experiência de vida, que houve violência perpetrada por seu pai, família, escola, sociedade, Estado, Conselho Tutelar, situação expressa na seguinte fala: “*Ninguém fazia nada para me ajudar. Ninguém tinha coragem de ir lá enfrentar ele, eu ficava lá sofrendo, rezando para poder aparecer alguém para poder me ajudar e nunca aparecia ninguém.*”

No entanto, ela, vítima de sexismo, vivenciou processos resilientes: na resistência esperou sempre pela intervenção de alguma pessoa ou instituição que pudesse ajudá-la. Quanto à experiência religiosa, como mecanismo de enfrentamento ou de resiliência, SA narra que, privada de ir à igreja, “*eu ficava lá sofrendo, rezando para aparecer alguém para poder me ajudar*”, demonstrando que ela tinha esperança de uma intervenção transcendente (= Deus), ao dizer que ficava “*rezando*”, o que significa descrever uma experiência de diálogo com aquele que não podia ser atingido pelas ameaças do agressor. Somente ele foi a testemunha de todos seus sofrimentos e é, precisamente por ele, que ela conseguiu enfrentar,

como SA reconhece: “consegui, não por conta das pessoas, mas por conta de Deus”.

O que marca o ponto central da resiliência de SA é o amor pelos filhos; presenciar a violência do próprio pai contra os filhos-netos, assim como aconteceu no dia em que ela decidiu sair da casa, pela simples negação de um pedaço de doce e a surra que ele deu à sua criança, o que fez com ela tomasse a atitude transformadora para mudar sua vida. O sentido de amor aos filhos a encorajou a superar a violência sofrida. Criou força para não só para enfrentar o pai, que foi processado, preso, cumprindo pena, como para iniciar uma nova vida conjugal com outro homem, que ela considera importante para ser o pai dos seus filhos. Foi possível perceber que na história narrada por as, ela reconstruiu, sentiu, emocionou, chorou, sofreu e se indignou ao lembrar a experiência de violência (dizendo “*ele é um monstro*”), ao mesmo tempo em que conseguiu apontar fatores da reconstrução do sentido de sua vida: amor aos filhos, a certeza de que o amor que recebe do atual companheiro, que “*vale por dois*”, no sentido de, apesar de não amá-lo, sabe que ele a ama pelos dois.

Neste comportamento evidencia-se como um sentido apoia ou possibilita a preservação da sua vida e a vida das suas crianças. Assim, a possibilidade de se realizar, com responsabilidade, decisão e consciência, o sentido da vida implica, certamente, que “algo sem sentido” seria o jogar fora a vida (FRANKL, 1990, p. 74). Além disso, o fato de SA manter-se em atitude de rezar, esperando alguém para ajudá-la, evidencia que a religião ou a sua religiosidade, ou melhor, a sua crença, a fez esperar e ter expectativa.

Nota-se, pois, que, no entrecruzamento da violência, religião e resiliência, a maior busca de sentido fundamenta-se na resiliência. Na medida em que SA externa profundo amor e respeito aos filhos e o expressa no novo lar, na liberdade de bem-estar, em ser e estar, de partilha — sentimento aprofundado pelo fato de que cada filho, advindo do incesto, apresenta alguma limitação de saúde, especialmente ao quarto filho que ela chama, carinhosamente, de “*meu anjo, meu príncipe*”. Tudo isso deixou transparecer que o seu amor acoberta qualquer estado de vergonha em relação à condição da origem de seus filhos. Na observação empírica, foi possível presenciar, igualmente, o carinho que o companheiro de SA tem em relação a todos os seus filhos, que o chamam de “pai”.

No que diz respeito à noção de “vontade de sentido”, Frankl (1990, p. 55) explica que ela é algo da condição humana, e acrescenta que ela (a “vontade de sentido”) é indispensável e que não podemos nada além de “querer sentido”, como realização vital plena de sentido, pois

A vontade de sentido nesta acepção transcendental e algo *a priori* (Kant) ou existencial (Heidegger). Ela está tão arraigada na *condition humaine* [condição humana], que nós não podemos abster-nos de “procurar sentido” até que nós creiamos tê-lo encontrado (FRANKL, 1990, p. 55)

O perfil resiliente de SA manifesta-se na atitude mantida ao longo do tempo em que a violência ocorreu, já que, apesar do medo e da solidão que ela experimentou, manteve sempre uma expectativa no futuro, em outras pessoas das quais esperava uma intervenção. Embora sentindo-se, muitas vezes, frustrada por não acontecer, ela nunca desistiu de acreditar em outras pessoas. SA reconhece que ao tomar a decisão de enfrentar seu agressor, saindo da casa.

Pode-se afirmar que SA é uma pessoa sociável que ainda acredita no gênero humano. Nos processos de socialização destaca-se, principalmente, seu amor pelos filhos, pois ela acredita que sem eles nada teria sentido na sua vida. “De fato, o mundo nos dá os motivos que nos desafiam para a ação. Ele nos dá as razões para abordá-lo desta ou daquela forma, seja fazendo algo, seja amando alguém” (FRANKL, 1990, p.35).

Enfrentadas as violências, SA vinculou-se a uma instituição religiosa neopentecostal e recebeu o batismo com a oferta de esquecer o passado. Também contou outra motivação para esta adesão: participar do coral da igreja, mas não obtendo o bem de salvação oferecido, ela decidiu abandonar esse seguimento. SA reza em casa assistindo um programa de televisão e não frequenta nenhuma igreja, porém manifesta seu desejo de participar da igreja católica e batizar seus filhos nessa igreja, por entender que é “o caminho certo”. Sua religiosidade se manifesta, também, na relação com as imagens da Nossa Senhora Aparecida e do Divino Pai Eterno, a quem pede proteção e bênção sobre sua família nas idas e vindas do cotidiano.

Embora a atitude de SA apresente ações ativas, a anterior “passividade” em relação às violências e seus efeitos, não deixam de enquadrar esta história como uma experiência resiliente ao se valer da vontade de sentido pela preservação da

vida e do amor, que foi alimentada na crença e confiança em outrem. Frankl (1990, p. 35) explica que “o comportamento humano é humano apenas na medida em que ele trata de um agir-no-mundo, e o agir se deixa reduzir novamente ao ser-motivado-pelo-mundo”.

### 3.1.2 Sujeito B (SB): uma *excludência* estigmatizada pelo social

A desigualdade social é um fenômeno que transpõe e desafia a todos. As iniciativas com relação às ordens políticas que trespassam o Estado e a sociedade, apesar das leis, programas e projetos, pouco avançaram para erradicar a pobreza. A grande maioria da população mundial carece de dignidade. A pobreza tornou-se estigma global a dilacerar vidas pelo viés da dor e sofrimento, expostos de forma agressiva na mídia que relata fatos sobre os invisíveis e os criminalizados, sem amenizar a condição de vida desses sujeitos entregues à crueldade da violência e suas consequências.

No rastro da desigualdade social está a exclusão retratada no outro. O outro é o diferente, o desigual, que foi dado a reconhecer por meios de lutas e reivindicações democráticas de proteção à dignidade da pessoa humana. Isso, em termos de classes sociais, é a divisão hierárquica entre ricos e pobres. É a diferença entre as múltiplas situações da existência humana.

Mesmo de modo isolado, a consciência coletiva desperta para o fato de que, apesar das diferenças, torna-se importante não só reconhecer “o direito de ser tratado como igual” (VIEIRA, 2001, p. 235), que perpetua a desigualdade, mas, sim, “tratar como igual àqueles que, no passado, foram tratados desigualmente”, encerrando-se uma “ideia de compensação pelas injustiças passadas” (VIEIRA, 2001, p. 236).

Nesse aspecto, não há possibilidade de distribuição de justiça. A desigualdade passa a ser tolerada mesmo em sociedades que se dizem igualitárias em direitos e oportunidades, em prol da “igualdade de cidadania”, inscrita apenas em anais legislativos e programáticos, porque as diferenças subsistem. (VIEIRA, 2001, p. 223). O humanista Patrick Colquhoun (*apud* MARSHALL, s/d, p. 78), refletindo sobre os processos herdados do sistema de desigualdade – promovido pela riqueza como fruto do trabalho da pobreza –, declara que por “pobreza” deve-se entender “a situação de um indivíduo que, devido à falta de quaisquer reservas

econômicas, é obrigado a trabalhar, e a trabalhar muito, a fim de viver”. Por “indigência” entende-se, a “situação de uma família que se ressentiu do mínimo necessário para uma vida decente”.

Escrevendo de outra forma pode-se dizer: “A pobreza exerce uma influência nefasta em todas as etapas da vida humana, desde a concepção até o túmulo” (HERRERA, *apud* PINHEIRO, et al, 2002, p. 611). Acresce a esta reflexão o fato de que:

A miséria é o novo “apartheid” dos nossos tempos, conforme afirma, com absoluta convicção, o especialista argentino Leandro Despouy. A única diferença – sustenta o especialista – é que o “apartheid” foi condenado e repudiado, enquanto a miséria passeia impunemente perante a indiferença geral. (HERRERA, *apud* PINHEIRO, et al, 2002, p. 611).

Com relação aos relatos de SB, em todo o seu contexto de violência, sobressai a estigmatização social devido ao estado de pobreza, que ela descreve com expressões tais como “*a gente é de família muito humilde;; nós foi criado na roça, trabalhando; nem leitura nós não tem, mas é isso*”; ao referir-se à placa que foi colocada no túmulo de seu esposo, no cemitério municipal de Itaberaí, Goiás. Ela afirma: “*Carente é quando a gente não tem né? [...] é porque a gente é pobre demais e não tem condição de fazer um enterro digno né?*”.

As vidas marcadas pela precariedade reproduzem-se no mesmo nível da precariedade social; a desigualdade social danifica a vida cotidiana, ampliando-se o confronto e as contradições, pois, a partir da percepção de Weber (1991), pode-se compreender que a reprodução da violência (violência também simbólica) pode ser tida como “uma teodicéia de seu próprio privilégio”<sup>34</sup>, orientada pela justificativa social do poder dominante. Na análise sobre o conhecimento da dor, Bourdieu, em *A miséria do Mundo* (1997, p. 735), esclarece que:

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-los; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas por mais cético que possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente

---

<sup>34</sup> A tese de Weber foi analisada por CATANI, Denice Barbara. Excertos bourdieusianos. In: A educação por Bourdieu. *Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor*. Bourdieu pensa a educação. São Paulo: Segmento, s/d, p. 66-73. A autora usou a teoria de Weber para analisar o racismo da inteligência, à luz das ideias de Bourdieu.

a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas.

SB é uma mulher de aproximadamente 60 anos de idade, negra, de baixa renda, aposentada, filha de migrantes baianos, criada no interior de Goiás. Atualmente é moradora de uma casa construída pelo Programa Minha Casa Minha Vida. Ela teve vários relacionamentos afetivos, ficou viúva em dois deles: uma vez por causa do assassinato do seu esposo. Atualmente, tem uma relação estável e é mãe de três filhos (duas meninas e um menino). A filha mais velha foi criada pela madrinha. A outra filha e o filho foram criados por ela mesma.

Além da pobreza e suas desigualdades, reconhecem-se outras faces da violência que marcaram a vida desta mulher: o assassinato do seu esposo Z, perpetrado pelo próprio filho (F) de SB, enteado do Z: *“o F, meu filho, tinha bebido quando aconteceu o fato de ele chegar de matar o companheiro meu, né?”*. Relembrando o dia dos fatos, SB relata *“Aí nisso chegou ambulância levou ele (Z) para o hospital já sem vida e o F foi para cadeia”. [...] “Eu me senti acabada, acabada assim que parece que estava tudo acabado para mim assim e até hoje que eu penso, doe [...]”*.

Segundo a leitura que SB o ressentimento do enteado contra o padrasto, teria uma razão mais profunda do que o uso de drogas lícitas ou ilícitas por parte do filho (F), contudo seria o resultado de uma vingança jurada em ocasião de outra violência no âmbito doméstico, pois Z tinha batido em SB: *“Aí ele (F) fala que foi porque ele (Z) bateu em mim, e ele falou que um dia vingava, eu falava não, não é para fazer isso não, é para pôr nas mãos de Deus. E esqueceu, nós esqueceu, até o dia que chegou que ele (F) fez. Foi muito triste, muito doído para mim, para ele, que um estava debaixo do chão, outro estava na cadeia, foi sofrido [...]”*.

A respeito da violência física que SB sofreu no âmbito familiar ela recorda *“[...] um desses maridos que faleceu me bateu, meu olho ficou todo roxo”*. *“O motivo é que ele bebeu e ficou agressivo”*. E descreve: *“[...] eu trabalhava, eu cheguei do serviço e ele já estava bêbado, tinha bebido na rua e quebrou uns pratos e enfezei, chamei a mãe dele para dar um jeito nele, aí dei um empurrão nele e ele me deu um murro, eu chamei a mãe dele para ver que eu estava cansada, que eu tinha chegado cansada do serviço, e ele me bateu”*.

Neste sentido SB entende que o comportamento e as atitudes de Z, de alguma forma, contribuem com a situação de empobrecimento na qual se encontram, pois gastar dinheiro em bebidas alcoólicas, ser agressivo e quebrar os pratos enfraqueciam tanto a relação deles como parceiros como os esforços em vista de melhores condições de vida. Havia nas atitudes de Z um desperdiço dos recursos materiais e econômicos que com tanto esforço conseguem: “[...] é difícil ficar pelejando com uma pessoa que quer que a pessoa cresça, faça alguma coisa e a pessoa não entende né?”.

Sobre os sentimentos e marcas na história vivida e no processo de reconstrução da história narrada, SB expressa: “a gente quase perde a cabeça, a gente pensa em suicidar, em fazer alguma coisa, mas Deus é muito Pai, eu pensei duas vezes em suicidar para sair, assim para mim não escutar mais conversa, nem coisas, né? Porque dói demais. Disse ainda que ficava “com medo da família do Z revoltada em cima de mim”, e ainda acrescentou “[...] a gente fica envergonhada [...] quando acontece com o filho da gente, primeiro vem para as mães e para os pais é porque não soube educar”, portanto, dor, desesperação, vergonha e culpa foram as experiências mais fortes que SB experimentou diante das violências.

No processo de superação das violências sofridas, SB assinala vários fatores, situações e pessoas que contribuíram neste caminho:

a) a experiência de Deus como Pai. Assim ela explica: durante esse tempo “eu pensei muito em Deus”, e descreveu “uma vez comprei até o veneno, depois fui beber e parece que Deus revogou, que eu ia beber mesmo. Passou aquele branco na minha cabeça, e eu falei não que bebo e acabo com isso, aí Deus é pai, não desampara ninguém e naquela hora parece que tocou no meu coração que não era hora de eu ir [...] que esperasse a hora de eu ir, que Deus sabia”; assim mesmo ela indica que durante esse tempo participou de várias comunidades cristãs católicas “já fiquei muito na comunidade São Francisco, na Santo Antônio e naquela nossa lá”; participou de rezas “foi ótima, uma vez rezava na casa da gente, ai ia fazer celebração, ia um dia, era na casa de um; outro dia era na casa da gente”, assim como de outros tipos de celebrações como SB explica: “eu sempre que era fim de mês ia de ônibus para Trindade assistir a missa no nosso Divino Pai Eterno”; SB declara-se fiel da igreja católica “eu não vou sair dela, só vou sair dela quando morrer, não troco minha religião. Gosto muito das minhas folias, das folias dos Santos Reis sou muito devota ao Divino Pai Eterno, aos Santos Reis”.

b) SB também recebeu o apoio de várias pessoas: entre eles, um casal de amigos, um parente e uma amiga. O casal de amigos *“M e N foram lá em casa me procurar, que quando eu estava de cabeça baixa chegou lá em casa e falou [...] não é porque você está viúva que eu estou chamando você, que é bom que você distrai”*, SB lembra que aceitou esse convite e reconheceu seu aspecto favorável no processo de (re)construção, contudo faz uma ressalva *“eles que me ensinou erguer a cabeça [...] limpei a igreja e convivi com o povo, um conversava, o outro conversava, mas sempre o sentido estava aí, sabe? Porque você não esquece e foi indo assim, eles me deu muito apoio”*; força recebida também por uma amiga que não mora na mesma cidade. SB pondera o acompanhamento que recebeu de um parente que lhe apoiou economicamente, como ela mesma relata: *“X era muito bom para mim, ajudava eu, conversava, ajudava até nas coisas assim quando a gente é muito fraca, me ajudava muito”*, e na superação da culpa com palavras que a consolaram e animaram *“X me ajudava e falou assim para mim: ô SB, explicava, não é só seu filho que passou por isso, não é só você que passa, não precisa ficar com tanta vergonha, não precisa. Você pode sair, levanta a cabeça e pode sair para rua [...]”*; e, finalmente,

c) o sentido do trabalho: SB explica que tomou a decisão de trabalhar com mais afinco para preencher o tempo e ocupar a mente com outras coisas, como consta na entrevista: *“e falei assim eu vou trabalhar para ver se eu esqueço”*, entretanto SB reconhece *“a gente esquece um pouco [...] tem dia que eu trabalho você vê, você esquece mais, porque se não, você faz besteira”*.

Nesse contexto, pode se identificar que a violência está representada pela condição do estado de pobreza, agravada pelo racismo, pelo machismo, pela discriminação social e pela ruptura familiar. Assim mesmo cabe indicar que, na história de vida de SB, há processos resilientes, associados: a) as pessoas significativas que lhe deram apoio de diversas formas, proporcionando emprego, conversando com ela; b) o trabalho; c) a experiência religiosa e a esperança em Deus; d) o temor de Deus para evitar o suicídio; e) o silêncio como estratégia de fuga para não enfrentar a situação traumática; f) a crença nos santos católicos como intermediadores de Deus.

SB externa um sentido profundo de vida fundamentado na crença em Deus e na orientação escolhida para si mesma; as quais provocaram mudanças da autoimagem para não sucumbir e superar a vergonha e a culpa, que lhe foram

atribuídas. Neste aspecto, a violência tem outro sentido e não apenas a questão da educação dos filhos, pois, na cidade, “a maior parte dos crimes e atos de violência tem causa na própria estrutura urbana” (ALVES, *apud* KUPTAS, 1997, p. 64).

O sentido de vida experienciado por SB possui diferentes critérios que não só fortaleceram a percepção da sua sobrevivência, mas também permitiram que novas experiências fossem minimizando as suas situações de desespero, mesmo tendo que lidar com as condições de precariedade material e o descaso de políticas sociais e assistenciais. A forte esperança em um salvador reproduz a crença conferida pela tradição familiar, cuja figura paterna foi e está presente de forma significativa em sua vida.

Frankl, racionaliza a percepção acerca do sentido de vida sobre condições duais, isto é, o sentido da vida não se dá simplesmente em estados de desespero como formas de superações, mas se dá também, como meio de evitar ações a que o desespero pode conduzir, a exemplo do suicídio. Negar a morte, sob qualquer circunstância, é uma questão de sentido que o indivíduo pode atribuir como forma de “luta pelo sentido” na trajetória de sua vida.

Noutras palavras: “a questão do sentido também é candente nos campos de morte, nos leitos de morte” (FRANKL, 2013, p. 35) e, porque não dizer? na luta de sentido para se evitar a morte pelo suicídio. Como disse Frankl (2013, p. 35), primeiro deve-se “permanecer com vida”; depois esclarece-se a “questão do sentido”, e com isso pode-se “partir e morrer”. Weber (2002, p. 12) acrescenta que:

Uma ação com sentido, isto é subjetivamente compreensível, não se dá em muitos casos de processos psicofísicos e, em outros, só é reconhecida pelo especialista; experiências místicas que não podem ser comunicadas adequadamente em palavras nunca são inteiramente compreensíveis para alguém não suscetível a tais experiências.

Por outro lado, se se supera a condição de desespero, seja pela sobrevivência, seja em razão da crença tributada a um Deus de salvação de almas, SB torna-se vítima institucionalizada da violência legitimada pela política social de exclusão e discriminação aos pobres, mesmo depois da sua morte, na medida em que se verifica que o sepultamento de seu companheiro foi feito na faixa de terreno municipal onde os túmulos são rotulados com a expressão “carente”, representando-se um código identitário social.

A delimitação de sepultamento em espaço definido, politicamente como “carente”, pela prefeitura municipal, impõe analisar, à luz do olhar de D’Adesky (2001, p. 55), que o espaço social - no caso a faixa de sepultamentos destinados aos identificados “carentes” no cemitério - está implicando numa configuração de locais identitários e que podem revelar relações desiguais provenientes pela diferença socioeconômica. Em termos de violência simbólica, Bourdieu (2001) auxilia a enxergar que a estrutura hierárquica do poder, de privilégios e exclusões, legitimada pelas forças do poder público, atenta contra a dignidade dos direitos da pessoa humana.

A condição socioeconômica de SB, embora em confronto com a estrutura social de desigualdade, revela outros valores de resgate da própria vida humana, promovendo sentido de transformação para continuar vivendo. Mesmo numa família “humilde”, o parente X teve a sensibilidade de colocar para SB sua capacidade de superação, reconhecendo que a autonomia dos filhos muitas vezes conta na hora de fazer suas escolhas e, portanto, SB não era culpada da situação trágica vivenciada. O parente X disse à SB: *“ergue a cabeça e sai, que você não tem culpa, você não ensinou isso para eles”*.

É preciso postular, portanto, que “pensar o trágico da existência, isto é, o conflito intransponível dos valores, não é necessariamente retirarmo-nos da existência, nem proibirmo-nos de agir” (TAGUIEFF, 1997, p. 125). SB age, apresenta-se resiliente, mas tem uma vida, que, culturalmente, recebe os dardos negativos de uma sociedade indiferente e promotora de desigualdade.

A situação de violência, no caso de SB, merece ter outro olhar, pois além dos fatores internos subjetivos, outros, de dimensão externa, objetivados, perpassam a sua realidade. Quando SB se sente envergonhada e culpada pelo olhar da sociedade, questionando sua condição de educadora, é preciso ampliar a análise e perceber o que isso quer dizer em seu mundo cotidiano.

No contexto social, ser mãe impõe às mulheres determinadas atividades, responsabilidades e atribuições ditadas em função do sexo feminino (biológico); além de serem procriadoras, as mulheres, são tidas como as principais educadoras no âmbito privado, o que gera uma diferenciação com respeito ao pai/procriador. Esta diferenciação homem/mulher, pai/mãe, provedor/educadora, é a fonte da punição social que SB enfrenta e torna-se uma desigualdade que permeia todo o sistema social, expressando as relações de poder que se estabelecem dentro dele.

Nesse aspecto, Weber (2002, p.12) esclarece que “a fronteira entre uma ação com sentido e uma ação meramente reativa (isto é, sem sentido subjetivo elevado) é extremamente tênue”, levando a ação puramente tradicional a flutuar entre as duas ações anteriores. Acerca do mundo social e, por ocultamento ou desvelamento, suas misérias, Bourdieu (1997) explícita que a desigualdade social é um regime de contradições e se institucionaliza na estratificação de relações partilhadas, consciente ou inconscientemente, pelo grupo ou classe. Esse comportamento se instrumentaliza por meio de uma reprodução social como padrões de repetições, categorizados por estratégias de dominação.

### 3.1.3 Sujeito C (SC) e Sujeito D (SD): duas vítimas dos efeitos das drogas

No mesmo espaço de diferenciação social, de desigualdade social, de discriminação e de indiferença das autoridades públicas, da ausência de políticas públicas, de programas e projetos de assistência e de apoio à condição juvenil e a jovens usuários de drogas, próximos ao movimento do tráfico de drogas, ocuparemos com as histórias de vida de SC e SD – duas mães, cujos filhos jovens (usuário e/ou traficante de drogas) já tiveram passagem pelo crime e morreram por overdose ou assassinados.

Por “juventude”, faz-se aqui uma análise conceitual a partir da reflexão social e não só por definição da idade cronológica. Bourdieu é categórico e diz que “as divisões entre as idades são arbitrárias” (1983, p. 112). Maria Tereza Canezin (et al, 2002, p. 60) observa que o fenômeno juventude é compreendido no sentido de “uma passagem geracional ou de situação de transitoriedade para a vida adulta”, fazendo a seguinte reflexão:

A juventude é considerada uma categoria historicamente determinada, um fenômeno da modernidade. É tradicionalmente compreendida como um período crítico de transição do desenvolvimento humano, fazendo-se acompanhar, sobretudo nas sociedades contemporâneas, de grandes dificuldades de adaptação e integração. Considera-se como uma das etapas de maiores transformações físicas, psicológicas e intelectuais do ser humano, por ser um momento de ingresso no universo social e político da sociedade mais ampla.

A juventude, como um fenômeno da modernidade, é uma categoria que se legitima historicamente, diz José Antonio Peres Islas (*apud* GUIMARÃES; SOUSA,

2009, p. 18), explicando as vertentes de estudos do conceito juventude (Pedagogia, Psicologia, Sociologia). Indica que “o conceito de juventude nasceu de uma disputa de saberes, na maioria das vezes, disputa carregada da perspectiva adulta”. Todavia, há diversos olhares que criam diferenciações entre adolescente “com seu caráter marcadamente biológico”, e juventude “por sua condição de constituição social” (SOUZA, 2010, p. 113).

Desse modo podemos deduzir que, as caracterizações de “juventude” não podem ser apreendidas apenas considerando a transitoriedade para a vida adulta; esta categoria também diz respeito ao desenvolvimento humano num contexto social determinado. Assim sendo,

Ser jovem é residir em um incômodo estado de devir, justificado socialmente como estágio de imaturidade, impulsividade e rebeldia exacerbada. Nesse caso, é possível afirmar que o jovem é aquele que ainda não é, mas que pode ser, ou que será. Em síntese, são dois lados da mesma moeda. Os mesmos estereótipos que constroem um imaginário social de valorização da juventude são aqueles que a impedem de uma participação social plena. A manutenção dos estereótipos dificulta a ação política. Em termos gerais, ser jovem é uma condição social com qualidades específicas e que se manifesta de diferentes maneiras, segundo características históricas e sociais (NOVAES *apud* TEIXEIRA et al., 2010, p. 71)

A vertente de análise que interessa a este estudo é a da visão sociológica, porque ela

[...] aborda o juvenil como um segmento da população ou grupo(s) com características próprias segundo os espaços sociais onde se encontra(m), e que vai se modificando e diversificando historicamente como produto das transformações da própria sociedade e de suas instituições. (ISLAS, *apud* GUIMARÃES; GOMES SOUSA, 2009, p. 18).

Sobre o conceito de “condição juvenil”, Marília Ponte Sposito, adotando a teoria de Braslawsky, indica que “a busca de autonomia, em redefinição constante frente aos laços de dependência com a família, e a transitoriedade, constituem elementos estruturadores da sociabilidade juvenil” (1994, p. 163).

Além do aspecto da juventude, SC e SD têm histórias de vida em que as violências, a pobreza e o preconceito, e as consequências do envolvimento de seus filhos no “mundo das drogas” (uso e tráfico) se expressam de diversas formas, enquadrando-se em um contexto mais amplo, perpassado pela desigualdade social.

SC é uma mulher negra, de 30 anos de idade, que cresceu numa família nuclear, mãe de quatro filhos, prestadora de serviços gerais em órgãos públicos. Atualmente chefia sua família monoparental; com catorze anos de idade engravidou pela primeira vez e foi morar com o pai de seu segundo filho. Nesta relação ela sofreu vários tipos de violência no âmbito doméstico: “[...] eu casei com o pai de B (segundo filho), já estava grávida de A (primeira filha) e ele era muito violento, nossa, mas eu sofri na mão do pai de B, morava na chácara, ele saía, voltava, eu ia falar qualquer coisa me batia, nossa sofri demais na mão dele, tanto que eu larguei dele quando B tinha um aninho”.

Ao descrever as violências sofridas, inclusive mesmo durante a gravidez do segundo filho, SC descreve: “o pai de meu menino (B), meu ex-marido ele era muito violento, assim ignorante [...] teve uma vez, que eu me lembro mesmo, que nós discutimos, nossa ele jogou eu no chão e pisava na minha cabeça tanto, [...] eu estava grávida do B, filho dele. E ele pisava na minha cabeça assim ó sem parar, eu fiquei sangrando, sangrei pelo nariz”.

Após este acontecimento SC tentou se separar, porém acabou voltando para o agressor, alimentando-o no ciclo da violência, que muitas vezes conduz as mulheres à morte. Em suas palavras ela disse: “aí eu passei a mão na cabeça separei e voltei de novo. Continuo do mesmo jeito”.

A respeito de outras formas de violência sofrida, SC lembra as ameaças e a privação de liberdade: “ele falava que se eu saísse de casa ele ia me matar [...] Aí eu peguei e vim embora, escondido dele, porque ele punha eu em cárcere privado, tipo assim fechava eu dentro de casa”.

É de considerar que a violência sofrida por SC acompanha os dados estatísticos, em razão da sua idade e da raça da vítima e pela relação com o agressor, como afirma o relatório do *Mapa da Violência 2015*: Homicídios das mulheres no Brasil, na vida das mulheres há um incremento significativo da violência a partir dos 10 anos de idade, registrando um alto índice de mortalidade que se prolonga até os 30 anos de idade, violência exercida por parentes próximos, parceiro ou ex-parceiro; e contextualizada, na maioria dos casos, no âmbito privado das vítimas. Assim mesmo

[...] as taxas das mulheres e meninas negras vítimas de homicídios cresce de 22,9% em 2003 para 66,7% em 2013. Houve, nessa década, um aumento de 190,9% na vitimização de negras, índice que resulta da relação

entre as taxas de mortalidade brancas e negras, expresso em percentual (WAISELFISZ, 2015, s/p).

Ainda no contexto da violência, a resolução dessa situação apresenta alguns desafios pessoais e estruturais para SC: para onde ir (fugir)? Com quem poderia contar para ajudá-la? O que fazer com as crianças? Como fazer para se sustentar e cuidar dos filhos? Todas estas questões se refletem na entrevista de SC com as seguintes palavras: *“Eu peguei e falei assim: Senhor essa não é vida para mim não, por mais que eu não tenha o apoio da minha mãe, assim porque não falava nada assim que era para ir para casa dela, eu vou caçar um rumo, meu filho já tem um ano, eu vou por ele na creche, eu vou ver o que eu posso fazer”*.

Após a fuga junto com seus dois filhos, como forma de resolução da violência vivenciada nas mãos de seu parceiro, SC atravessou um período que ela mesma descreve assim: *“aí separei dele, fiquei esse tempo tudo namorei, festei, passei bastante, estava nem ai, não porque era solteira, queria é mais me divertir né?”* É importante ponderar que, no momento da separação, SC tinha aproximadamente dezessete anos de idade e era mãe de duas crianças; na construção social de gênero a maternidade invisibilizou sua condição juvenil. Tendo sido o casamento uma experiência insatisfatória e traumática, SC reivindica a importância de sua juventude, que abrange o reconhecimento de seus direitos sexuais e reprodutivos, definidos em diversos eventos<sup>35</sup> nacionais e internacionais, tendo em vista “que no centro da afirmação desses direitos está o fortalecimento da autonomia e o empoderamento dos indivíduos” (PINTO, 2013, p. 20).

SC terminou seu último relacionamento estável por causa de ameaças verbais, proferidas por seu parceiro, contra ela e um de seus filhos (enteado do parceiro). Na época, SC tinha 29 anos de idade: *“Eu era casada e separei do M<sup>36</sup> por violência que ele quis fazer com o meu filho, não de pôr a mão, mas verbal, de ficar falando as coisas. Só teve um dia que quis avançar em mim e eu revidei e falei:*

---

<sup>35</sup> “O reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos entre os direitos fundamentais da população jovem está alinhado aos compromissos assumidos pelo Estado brasileiro durante a Conferência Mundial de Direitos Humanos, Viena 1993; na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), Cairo 1994; bem como nos princípios da Convenção para Erradicar, Sancionar e Punir a Violência contra as Mulheres (CEDAW), também de 1994.” (PINTO, Ana Flavia M., 2013, p. 20)

<sup>36</sup> Omitem-se os nomes das pessoas, indicados pela entrevistada, substituindo-os por letras, para assegurar a privacidade delas.

*‘tem que separar, porque desse jeito não dá não, eu não vou largar meu filho por causa de homem, né?’*

Contudo, para SC nenhuma violência sofrida foi tão pesada como o homicídio de sua filha, uma adolescente negra de 13 anos de idade. Sobre as causas do óbito SC indica que *“ela se envolveu com pessoas que não devia se envolver, mexeu com droga e acabou sendo matada né? Com muita violência mesmo, foi terrível, né? Pegaram minha filha, mataram e posto fogo, foi muito cruel, mas Deus proverá, né?”* Sobre os sentimentos vivenciados nesta experiência SC destaca a revolta, a raiva e, principalmente, a dor da perda: *“a dor é tanta sabe? Só dor, aquela dor na alma, aquela dor no peito, aquela agonia, aquela sensação que você não está neste mundo, sabe?”*

Assim mesmo, SC experimentou muitas vezes preocupações e medo antes que o assassinato da filha (A) acontecesse. No seu relato indica que muitas vezes advertiu A sobre os riscos que estava correndo *“ai eu sempre falava para ela: - minha filha eu tenho medo das companhias com que você está andando, eu tenho medo de achar você morta minha filha. No entanto, A tinha outro conceito sobre essas pessoas, refletido na resposta dada a SC: Não, eles gostam de mim, eles fazem tudo para mim, eles são meus amigos, desse jeito né?”*; após o assassinato SC reconhece que o medo faz parte do cotidiano com as seguintes palavras *“não tem jeito, você não vai passar por cima e a gente acaba ficando com medo, vivo com medo porque tenho outros filhos, não sei o que tem por trás disso né?”*.

O ocultamento da violência, ou das violências no caso de A, revela a omissão da estrutura social institucionalizada e politizada, podendo se reconhecer na trajetória de vida de A outros tipos de violências silenciadas, como informa SC: *“com 12 anos eu descobri que ela não era moça mais [...], eu quase matei ela de tanto bater para ela poder falar para mim, eu lembro como se fosse hoje eu falei assim –se você não falar para mim minha filha, vou pisar no seu pescoço, aqui até você falar, e ela falou para mim [...] era com um homem casado, colega meu da infância, pai de duas meninas [...] eu fui pegando ela pelo cabelo para ela me mostrar e ele desmentiu”*.

Por conseguinte, esse ato qualifica-se como estupro devido à idade de A e à irresponsabilidade do homem. Apesar do processo social de culpabilização da vítima é preciso resgatar o teor da lei que amparava esta adolescente, como afirma o Ministro Neri Cordeiro

'basta que o agente tenha conjunção carnal ou pratique qualquer ato libidinoso com a pessoa menor de 14 anos. O consentimento da vítima, sua eventual experiência sexual anterior ou a existência de relacionamento amoroso entre o agente e a vítima não afastam a ocorrência do crime'<sup>37</sup>

Supor o consentimento de A não afasta as responsabilidades nem minimiza o impacto desta violência sexual na vida de A; em primeiro lugar, por ter sido desacreditada publicamente e, segundo, por ter sido punida física e verbalmente por SC, ficando como um fato social silenciado pelos adultos envolvidos.

A violência física que A enfrentou no âmbito privado, reproduz a dominação hierárquica dentro da família e da qual SC já teria sido vítima. Assim, a lógica da hierarquização do poder estabelece que as mulheres apanhem de seus parceiros e, pela sua vez, estas batem nos filhos, podendo identificar neste movimento a lógica do galinheiro apresentada por Heleieth Saffioti (1997), relações estas que se baseiam na compreensão de gênero e dos papéis que cada um assume dentro das relações familiares.

Outros aspectos, associados à violência politizada e institucionalizada, observados na vida de A, referem-se às intervenções reiteradas do Conselho Tutelar e da Polícia ativados por SC para auxiliá-la, que a buscaram e levaram de volta para casa, retirando A de determinados lugares, situações e companhias de risco; um ano depois, SC optou por não chamar mais a polícia, pois a situação tinha-se tornado frequente. SC lembra a última vez que isso aconteceu relatando *“A saiu escondida de novo meu Deus? Mas amanhã aparece porque ela já é acostumada fazer isso. Não vou nem ligar para polícia, mais não, não aguento mais ir atrás da polícia, ir atrás de Conselho, amanhã ela aparece [...]”*. Por outra parte, SC esperava uma vaga numa clínica de recuperação para dependentes químicos, pois A tinha se tornado usuária de drogas: *“eu lutei muito quase um ano [...] tinha arrumado até uma clínica para tentar por ela, [...] o que eu podia fazer, mas eu tinha um nenê de um ano de idade, não podia fazer mais e minha condição financeira não dava para pagar uma clínica particular, aí deu no que deu”*.

---

<sup>37</sup> **Presunção de violência.** Consentimento da vítima não afasta tipificação de estupro de vulnerável. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jun-02/consentimento-nao-afasta-tipificacao-estupro-vulneravel>> Acesso em 06 nov. 2017.

Embora A tenha sido responsabilizada pelo seu homicídio, as causas de sua morte tem raízes profundas na estrutura social, ao igual que a história de vida de SC, pois sua situação de vulnerabilidade foi constante como o denotam a ausência do pai biológico, a pobreza, a violência doméstica (testemunhada e padecida), ter sido membro de diversos arranjos familiares predominando o caráter monoparental, assumir sendo adolescente o cuidado dos irmãos menores, vítima de estupro a vulnerável e exposta a vergonha social, uso de drogas, 'amiga' e vítima de traficantes, demora para dar início ao tratamento de desintoxicação. Pode-se afirmar que ela é a única e real responsável de sua morte?

A história de vida de SD também é marcada por diversas violências. Ela é uma mulher negra, de 49 anos de idade, de baixa renda, mãe de três filhos (dois homens e uma mulher) e que atualmente vive um relacionamento estável. Desde o início, a história narrada de SD indica como um fio condutor, a experiência da perda e da dor, mas também a busca de sentido e as lutas que ela enfrentou para superar as situações adversas que atingiram sua própria vida e a de sua família, como ela mesma reconhece: *“eu sempre fui uma pessoa muito batalhadora, eu vim de uma família muito humilde, comecei trabalhar muito jovem para sustentar, eu sempre tive emprego quando tinha força para trabalhar, de dez anos para cá eu comecei a fraquejar pela doença também”*.

Estando na fase da juventude SD, migrou da roça para capital do estado de Goiás para trabalhar em serviços domésticos, sofrendo violência sexual e moral por parte dos patrões, pois além do abuso sexual, foi culpada de tê-lo provocado. Ela diz: *“Eu estava com 16 anos, fui trabalhar na casa de uma família, e na casa dessa família estava com oito meses que eu trabalhava quando eu fui agredida pelo patrão, eu conversei com a minha patroa e fui jogada na rua como uma vagabunda, ela disse que eu era errada que eu tinha seduzido o marido dela, mas naquela época nada disso porque eu era uma menina boba da roça, do interior e fui para capital para trabalhar, não tinha nenhuma experiência. Ao retornar para a casa dos meus pais eu conversei com eles, eles não conseguiam entender, não sei foi pelo modo como eles foram criados, eu fui castigada, aos 16 anos, aí eu decidi sair de vez de casa, caçar um rumo para minha vida. Até então eu não sabia o que era dor, eu não sabia o que era dor, aí fui para a casa dos outros mendigar o pão de cada dia. Às vezes eu tinha um lugar para dormir, um lugar para comer, às vezes eu não tinha, pelo orgulho não queria mais voltar para a casa dos meus pais.”*

SD também aponta um histórico de discriminação e preconceitos associados a sua condição física e sua saúde, pois enfrentou diagnósticos de câncer e de hanseníase em tempos diferentes. No relato SD lembra que *“aos 39 anos eu descobri que tinha uma doença [...], mais a ignorei, não quis saber o que era, trabalhando, trabalhando, eu fui enfraquecendo, fui perdendo as minhas vistas, percebi que não estava certo, procurei um médico de rotina para saber, eu fiz uma bateria de exames e não deu nada e eu sempre sentindo dores muito fortes, aí me deram um encaminhamento para buscar mais. Foram vários dias de labuta na busca de tratamento que comprovou que eu tinha o câncer, eu digo eu tinha porque hoje eu não tenho ele mais. E, logo em seguida, descobri que estava com hanseníase, aí veio o preconceito da sociedade, lá fora, e da própria família, era o que mais me matava, o preconceito da pessoa”*.

Ao tentar explicar o preconceito que sofreu pela hanseníase SD relata *“a minha enfermidade para eles era uma doença que pegava, eu perdi o emprego, eu já não era bem vinda mais nos locais, não pela minha família porque eles me apoiaram, me deram total para apoio para eu vencer, mas os colegas, a sociedade, lá fora não me aceitavam no meio do grupo. Eu comecei tratar, a buscar a ajuda para vencer, mas essa não foi a pior experiência da minha vida”*; a outra face do preconceito se revelou dentro da própria casa onde SD morava: *“as pessoas que vinham na minha casa e tinham conhecimento da doença não tomavam um copo de água na minha casa por nojo, não comia na minha casa por nojo, e sempre diziam para mim cuidado ao pegar uma criança, cuidado ao você tocar, aquilo me matava cada dia. Aí eu fui entendendo, que era o preconceito, eu não sabia o que era a palavra preconceito aí eu fui entendendo, aí eu comecei esconder a minha mão”*.

O preconceito gerou uma situação de exclusão, assim como o desprazer social, a tristeza e a insegurança em SD. Com suas palavras ela reconhece: *“eu não tinha mais vontade de sair, eu comecei esconder a mão para ninguém mais ver que eu carregava uma doença na minha mão, mas sabe qual é a pior doença que você carrega é da alma, eu estava deixando que aquela doença tomasse conta da minha alma, porque eu estava com medo de sair e agüentar para vão. Aí eu fui secando, secando, emagrecendo, emagrecendo e algumas pessoas me tiravam pedras dizendo que eu tinha AIDS, porque eu era uma mulher gorda que entre 30 dias emagrece, as pessoas não queriam saber ou que eu tinha ou deixava de ter.”*

A doença da alma, como SD a chama, indica dores profundas da existência humana, ferida pela violência e suas consequências, apesar de a cura de almas ser desenvolvida por uma vertente principalmente religiosa institucionalizada, sendo possível realizá-la por outros meios, como indica o próprio Viktor Frank (1990), isto é, pela realização de projetos de vida conscientes que direcionam a vida, transcendendo situações e experiências dolorosas, como ela mesma assinala na história narrada, referindo-se à superação do preconceito, educando as pessoas com respeito da doença (hanseníase): *“eu até coloquei na minha porta, na época, “a minha doença não é contagiosa, não tenha medo”, eu tinha um cadarço na minha porta e desse dia eu entendi que eu não tinha vergonha, eu não tinha porque ter vergonha de mostrar a minha mão para ninguém, ela era seca mesma é a verdade, mas eu tinha o maior orgulho quando eu mostrava para o pessoal, (mostrando sua mão) esta é a minha mão, todos olhavam em mim espantados, e foi assim que eu venci, foi andando, foi falando, foi correndo que eu tive tudo para ter-me entregado, ficando de cama, mas não me entreguei. Essa é a história de quem passou. Gente, pelo que eu passei, não abaixe a cabeça, levanta a cabeça, segue em frente porque o câncer tem cura, a hanseníase tem cura, depende de nós querer tratar”*.

A perda e a dor decorrentes da violência manifestaram-se na história de vida de SD associada à perda violenta de parentes. Na entrevista SD descreve o homicídio de seu irmão da seguinte forma *“[...] essa perda me marcou muito. Hoje faz sete anos que ele nos deixou tirado pela mão do homem”*. A morte aconteceu por causas externas, qualificando desta forma a violência sofrida por ela e sua família.

Da mesma forma, ao narrar sobre a morte de seus dois filhos (um usuário e outro traficante de drogas; um sofreu um infarto por causa pelo uso de drogas e o outro assassinado na porta de casa) SD descreve *“[...] eu perdi sim para as drogas dois amados, dois filhos. E a dor é diferente. A dor do caçulinha que morreu com o enfarte doe muito mas, a dor da morte do que morreu pela mão do homem, ela rasga meu coração, a cada dia ela rasga um pouquinho assim, ela destruiu meu coração”*.

Referindo-se à história de vida do filho caçula, SD assegura que percebeu mudanças físicas e comportamentais depois de ele ter decidido sair de sua casa *“ele decidiu ir para Goiânia a trabalho com a equipe, ao chegar em Goiânia ele ficou uns quatro meses trabalhando e ele vinha em casa de quinze em quinze dias. [...]*

*Nesses quatro meses eu percebi muita mudança no meu filho, já não era aquele menino meigo, carinhoso mais, ele estava distante, eu pensava que era mudança né? [...] o meu filho era um menino muito forte, assim gordo, ele começou a perder quilos rápido. O meu filho já não estava trabalhando mais, eu conversava com ele e ele dizia que não era nada, nada. Eu pensava que não era nada”.*

SD só começou a suspeitar que fosse usuário de droga depois de ter ouvido rumores na rua. *“[...] E daquele dia em diante eu comecei falar com Deus, se meu filho estava usando mesmo essas porcarias, eu não queria acreditar o que estava me falando o povo de fora, mas que ele me levasse até ele para mim ver”. “Um belo dia, Deus me mostrou; não foi o pessoal lá de fora que me contou, eu vi com meus próprios olhos a meu filho fumando droga, eu fiquei arrasada, arrasada, mas na hora eu também não falei nada para ele; eu simplesmente voltei para casa e cheguei e falei para minha mãe: “É verdade, o meu pequeno está usando droga. Uma ou duas horas depois ele chegou em casa com aquele olho vidrado, brilhando e foi para a casa dele”.*

SD reconhece que essa descoberta foi impactante, pois seu filho caçula já tinha dois anos usando droga e ela não tenha percebido, o que a levou a se questionar a respeito de seu papel de mãe: *“Eu me fiz a pergunta na mesma hora: - aonde eu estava nesses dois anos? que eu nunca descobri?-Que tipo de mãe fui eu que nunca enxerguei que meu filho estava usando droga”?. “[...] Eu não bati no meu filho, eu não humilhei o meu filho, eu simplesmente dei um abraço nele e disse: - Nós dois vamos lutar juntos para você sair, eu quero que você confie na sua mãe a partir de hoje; eu não sou só sua mãe e sou sua amiga, estou aqui para te ajudar. Eu lutei junto com ele para tirar ele do mundo das drogas, mas eu não tive tempo, meu filho usou droga cinco anos, ele foi dependente das drogas, aí para finalizar, no dia 10 de novembro, eu não sei que tipo de droga meu filho usou, qual o tipo de droga que deram para ele, o coração dele não resistiu a tal droga, no dia 10 de dezembro, às 19h, meu filho estava acabado pela droga, a droga destruiu, acabou com a família, então eu o entreguei para Deus naquela hora, essa foi a história de um pequeno, de um filho amado”*

Sobre o filho mais velho (traficante assassinado), SD narra alguns fragmentos da sua história de vida: *“[...] aos 18 anos meu filho caçou um méio de ganhar dinheiro fácil; meu filho passou a traficar droga, a ser traficante [...], meu filho pegava serviço para longe, mas era tudo disfarce dele. [...] Até que eu descobri,*

*porque um policial bateu na minha porta procurando por meu filho mais velho. [...] Ele pegou uma ficha do tamanho de uma semana e disse para mim: o seu filho é um traficante, estou aqui para prender teu filho. Não! Meu filho? Naquela hora eu descobri quem era meu filho, eu disse: ele não está. [...] A rua da minha casa cercaram de polícia como se meu filho fosse um dos piores bandidos que estava ali, só que meu filho não estava, toda minha casa foi revirada, eles caçavam droga, eles caçavam droga na minha casa, eu simplesmente sentei e falei para eles: revira tudo, mas vocês não vão encontrar nada, porque eu não tenho nada, eu não sabia que meu filho mexia com isso, e assim foi passando. Meu filho fugindo, fugindo, até que um dia ele foi preso sim, meu filho foi preso em minha frente e eu não pode fazer nada para ele. Foi levado, ficou preso, pagou o tempo dele, foi posto em liberdade, respondeu ao processo, pagou, estava pagando só que ele estava enterrado até o pescoço aí ele falou para mim: mãe eu cansei dessa vida, mãe, eu vou sair. Mãe, eu vou ser um novo homem de agora para frente, mãe eu vou trabalhar noite e dia para pagar até o último centavo que eu devo, mãe, de hoje em dia, não compro mais um tênis, não compro mais uma camisa nem uma calça, mãe, enquanto eu pagar tudo o que eu devo. Esse era o sonho do meu filho e saiu, mas ele viveu só quatro meses depois que ele saiu”.*

Os homicídios do filho mais velho de SD e da filha (A) de SC foram silenciados de tal forma que ambas as mulheres sentem uma justiça injusta no Brasil; não há um sistema de proteção para as famílias; o medo e o silêncio impõem-se como modo de sobrevivência diante da violência. SD questiona a situação afirmando: *“A violência é uma etapa difícil para mim, muito difícil. Eu me senti desprotegida, todos desprotegidos pela própria lei, que no nosso país não existe lei. No nosso país no existe a palavra proteção, não; existe discriminação, que exclui o caso de seus filhos, das vítimas pelas quais alguém deve responder [...]. A justiça da terra só protege aos mais fortes, os poderosos, [...] eu não quis mais saber sobre a perda do meu filho, porque um ano se passou e a própria justiça nunca sequer bateu na minha porta para dizer por que meu filho morreu, não”.* SC reforça esta percepção ao falar sobre a justiça no caso da filha A: *“passou uns tempos depois que minha filha morreu, eles mataram o rapaz, um dos rapazes que foram dois, mas ficou o outro. O outro, de menor, dizem que ia pegar pouco tempo de cadeia, uns falam que ele está solto outros que não; minha revolta é essa porque tem um ano e sete meses que minha filha faleceu e um cara desses, o que ele fez com minha filha*

*e ele está solto? Mas, isso é a justiça no Brasil. Não tem jeito, você não vai passar por cima e a gente acaba ficando com medo”*

O filho mais velho de SD e a filha (A) de SC, são jovens negros e pobres que moravam nas periferias do município e foram, respectivamente, traficante de drogas e usuária de drogas, no entanto nenhum destes traços justificam suas mortes violentas e o descaso que seguiu. O silêncio apresenta-se nos relatos de SD e SC como um mecanismo de sobrevivência das famílias, ao mesmo tempo que revela a cumplicidade social e política com determinados sistemas de extermínios, como constata Renato Sergio de Lima, no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* 2016:

E pouco importa que tais mortes sejam cometidas, em sua maioria, contra jovens negros das periferias brasileiras, já que estes compõem a parcela da população que fica invisível para a sociedade e para as políticas públicas. Vemos a violência letal apenas pela ótica das estatísticas e pouco nos mobilizamos em um projeto de mudança desta realidade. Ao adotarmos tal postura, não enfrentamos o dilema de uma sociedade leniente com a morte violenta e que, muitas vezes, a valoriza e a cultua. A violência é vista como resposta legítima à criminalidade. Buscamos inimigos a serem eliminados e olhamos apenas de relance para os ruídos e as ineficiências de um sistema de justiça criminal e de segurança pública falido (LIMA, 2016, p. 21).

Portanto, é imprescindível dar visibilidade e voz a esta situação, já que não se está lidando apenas com números ou estatísticas, mas com a vida de pessoas e famílias. No cenário dos homicídios vem-se tornando parte do cotidiano como SD relata: “[...] até então eu sabia da perda dos colegas, que tinha acontecido outros assassinatos, também igual ao meu filho, a menina que eles cortaram que eles colocaram fogo”, corroborando assim que “o negro no Brasil, jovem e pobre, está inserido numa arena de luta de injustiça e de desigualdade social que o leva a constante risco de vida”. (CÁCERES, 2017, p. 25)

Ao relatar sua relação com Deus: “[...] *Eu fui fraca: ó meu Deus! Está com três meses que o Senhor tirou o meu pequeno agora leva meu grandão, porque era assim que eu chamava meus filhos: pequeno e grandão; eu vou embora com eles, o quê eu vou ficar fazendo aqui, agora? O meu filho partiu com 27 anos de idade, uma vida toda pela frente, eu perdi sim para as drogas dois amados, dois filhos. E a dor é diferente; a dor do caçulinha que morreu com o enfarte, doi muito; mas, a dor da morte do que morreu pela mão do homem, ela rasga meu coração; a cada dia ela rasga um pouquinho assim, ela destruiu meu coração*”. “[...] *mas, o primeiro passo que eu tive foi a confiança em Deus, foi agarrar nas mãos de Deus, porque eu*

*aprendi uma coisa na minha vida, a confiar em Deus, não na lei da Terra, porque a justiça, nós não temos.” “Eu deixei que Deus sabe o porquê, que isso aconteceu com meu filho, segurança não, nós não temos”.*

Nos registros de violência feitos por SC e SD, foi possível identificar vários momentos em que elas colocam a sua dor nas “mãos de Deus”, mas sem o conformismo na salvação do transcendente, até porque cada uma delas, a seu modo, faz autocríticas de suas condutas diante da vida e em relação aos seus filhos.

Um aspecto que merece atenção é o fato de SD tomar consciência, por si mesma, diante da sua dolorosa experiência com a doença, dizendo que soube o que era o preconceito, experimentado como desconfiança, rejeição, “nojo”, “medo”, “vergonha”. Além disso, o estigma social do “mundo das drogas” foi verbalizado por um policial, em conversa amistosa, nos dizeres: “[...] *quem entra SD, só sai no caixão*”. Este relato associa-se à legitimação da violência pelos órgãos de controle social do Estado. O “preconceito” será tido, nesta análise, como um “pré-julgamento” sobre aquele que é “diferente” – considerando-se que, de acordo com Young-Bruehl (2005, p. 167) o preconceito abrange outros elementos de comportamentos sociais, baseados em imagens pré-fabricadas, para as quais respondem a diversas formas de violência – aspecto que também caracteriza a desigualdade social, que baseia a questão da discriminação. Irene Dias de Oliveira (2012, p. 18) elabora uma definição dizendo que “a discriminação é uma ação, uma manifestação, um comportamento que visa prejudicar o outro constituindo-se, desta forma, num gesto violento”.

### 3.2 RECONSTRUÇÕES DE VIDA E A LIMITAÇÃO DO MOVIMENTO SOCIAL

Nas histórias vividas, segundo Rosenthal (2014, p. 219), as informações registradas nas narrativas biográficas remontam ao passado e, também, ao momento atual e suas expectativas, conjugando-se o vivido e o narrado. Nesse aspecto, a percepção que se tem é que os contextos podem inter-relacionar-se e intercambiar-se, porém as ações dos sujeitos baseiam-se em níveis de compreensão de conteúdos subjetivos, sem se desvincularem da questão objetivada da sociedade.

Na objetivação da sociedade, como facticidade compartilhada, Berger (2013, p. 16 e 23) destaca a ideia de que os atos dos indivíduos (a coletividade) acionam mecanismos de mudança na estrutura social, ao mesmo tempo em que atuam na

construção da realidade presente. Isso, na teoria de Rosenthal (2014, p. 219), seria denominado como atos de recordação e de narração construídos por representações a partir da memória, oferecendo-se uma estruturação e uma significação interna ou externa.

No campo temático de reconstruções de vida acionadas pela história vivida e pela história narrada, imbrica, por outro lado, a limitação de movimentos sociais, especialmente porque a estrutura social oculta forças, mecanismos e estratégias que impedem a sua identificação imediata, em razão da objetividade coercitiva da sociedade que se operacionaliza por meio do controle social e da legitimação política, baseados no seu poder de se impor, principalmente, como realidade (BERGER, 1985, p. 25). Nesse contexto, desigualdades e diferenças no ideário social e político implicam, por desocultamento, (re)construir a noção moderna de dignidade e de cidadania, pois:

As minorias, caracterizadas por uma propriedade particular (raça, cor da pele, orientação sexual etc.) transformam sua fraqueza em força pela atuação de seus movimentos sociais (negros, mulheres, gays). Questões tradicionalmente consideradas da esfera privada — economia doméstica, relação homem-mulher — ingressam na esfera pública, tornando-se questões públicas. A relevância moral leva à fonte positiva de identificação e, daí, à representação política, nos casos de eleição de mulheres, negros ou gays para o parlamento. (VIEIRA, 2001, p. 235).

Das marcas orientadoras para a identificação da interseccionalidade de cada história de vida (vivenciada e narrada), faz-se necessário, consoante orientações metodológicas traçadas por Rosenthal (2014, p. 122), “apreender a relação constitutiva entre as definições construídas pelo próprio indivíduo e as que partem do outro”, num processo de “relação constitutiva entre geral e particular e os efeitos desta relação”, com vistas a identificar os enquadramentos sociais do “contexto cotidiano e formalmente organizado” – as categorias teóricas e os dados (discursos das histórias narradas). Por meio deste exercício, a tarefa será explicar a grandeza que subjaz no processo de “busca de sentido” diante da diversidade de violência que as quatro mulheres experienciaram em suas vidas. Isso permite inferir a “resiliência” não apenas pelo aspecto das representações, promoção de autoimagem, autocrítica, motivação, satisfação para seguir a vida, tendo em vista que:

Uma análise fenomenológica da experiência direta não adulterada que podemos verificar no simples *homem comum* e que somente ainda

precisamos traduzir em terminologia científica, revelaria que o ser humano não só busca um sentido – mercê de sua vontade de sentido – mas também o encontra. (FRANKL, 2003, p. 71).

A ideia é considerar, no conceito de resiliência, à luz da explicação de Daniel Rodrigues (*apud* SILVERIA; MAHFOUD, 2008, p. 570), “a existência de um imponderável..., que determinará o resultado final”, mas que não é antecipadamente previsto, como ocorre com a afetividade e o transcendente. As características empíricas de ordem afetiva-relacional não compiladas por outras áreas de saberes - a exemplo de valores que se expressam na forma mais profunda, como o amor, a fé e a religiosidade – implicam em novidades importantes de ressignificação e de (re) construção do conceito de resiliência, o qual conjuga, no plano da consciência, aspecto de natureza subjetiva, mas também de ordem objetiva.

Pelo critério de “busca de sentido”, “o que importa é a atitude e postura com que a pessoa encara um destino inevitável e que não pode ser alterado” (FRANKL, 2003, p. 71). Na dinâmica da vida, a “busca de sentido” pode remeter a uma forma de “fazer ou criar alguma coisa”, ou “experimentar alguma coisa, amar alguém”, assim como, numa situação sem esperança, na qual nada mais pode ser feito, “também verá um sentido” (FRANKL, 2003, p. 71). Um aspecto interseccional de processos de resiliência que se apresentou comum nas histórias de vida das entrevistadas, e, que, numa primeira leitura superficial pode induzir à compreensão de um elemento negativo e frustrante da existência, serve como um “valor” de presentificação para a transformação de atitudes, diz respeito aos relatos quando elas afirmam que não se esqueceram das violências sofridas. Isso clarifica que o não-esquecimento de uma situação adversa ou violenta pode, de fato, se (re) constituir-se numa força motivadora de mudanças e (re) construir um novo sentido. Nesse movimento, entre o narrado e o vivido, é possível verificar que o processo resiliente em história de vida interliga situações atemporais (passado, presente e futuro) que se descodificam subjetivamente noutros significados.

### 3.2.1 Gêneses e intersecções da violência e a importância do papel da religião

A abordagem da gênese e das intersecções da violência nos contextos apresentados pelas quatro mulheres penetra o universo de discurso humano, cujos significados, muitas vezes, estão reduzidos ao plano da consciência e do

comportamento como uma questão de normalidade ou de causalidade, se assim se considerar que o ser humano constrói a sua realidade e nessa construção se percebe que a própria pessoa também esconde os seus nós ou é modelada a se convencer de que na sociedade há uma grande complexidade de experiências sociais.

Berger (2013, p. 24) explica que a sociedade é construída de modo dialético pelo homem e o próprio homem se constrói na sociedade. Nessa processualidade, “o teste final de sua realidade objetiva é a sua capacidade de impor-se à relutância dos indivíduos”. Há, na sociedade, um poder sancionador e até punidor para as condutas individuais, de modo que “a sociedade pode até destruir o indivíduo” (BERGER, 2013, p. 24). Por isso a advertência bergerniana aponta para a seguinte direção:

Como a sociedade aparece ao indivíduo como uma realidade que lhe é exterior, pode acontecer frequentemente que as operações dela permaneçam opacas ao seu entendimento. Ele não é capaz de descobrir por introspecção o sentido de um fenômeno social. Precisa, para tanto, sair de si mesmo e empenhar-se no tipo basicamente idêntico da investigação empírica que é necessário para que ele possa compreender qualquer coisa fora de sua própria mente. (BERGER, 2013, p. 24).

Por isso, Geertz (1989, p. 10) aponta para a questão da inspeção da situação como estratégia de decifração de códigos do mundo simbólico. Assim, a análise das biografias das quatro mulheres exige uma penetração, ainda que marginal, daquilo que os sujeitos falantes possibilitam compreender ou que eles mesmos conseguem acionar, consciente ou inconscientemente, as suas memórias e lembranças, bem como o que vai ao entorno de seus contextos de vida: a vida social empírica ou a sociedade. Também é preciso penetrar no próprio contexto dos sujeitos, onde subjazem sentidos múltiplos, entre eles a importância do papel, ou não, da religião em suas vidas, quando elas são afetadas pela violência. Nessa acepção, Weber (2002, p. 12) esclarece acerca do método investigativo:

Ser capaz de colocar-nos no lugar do ator é importante para a clareza da compreensão, mas não é uma condição prévia absoluta para a interpretação de sentido. As partes compreensíveis e não-compreensíveis de um processo frequentemente estão inextricavelmente interligadas

Frankl (1990, p. 24), lecionando sobre a questão de sentido da vida, esclarece que a busca da humanidade por “uma vida com conteúdo” perpassa as gerações e ganhou nos últimos tempos uma significação político-partidária. Günzl (apud FRANKL, 1990, p. 29) afirma que: “se no passado questões da economia e mais tarde questões da sociedade determinavam o clima político, agora começa claramente uma fase de desenvolvimento que é dominada pela questão do sentido”. A partir dessa ideia, Frankl (1990, p. 29) faz a sua crítica tensionando-a com a ideia de que não se pode deixar a “falta de sentido” nas mãos dos políticos. Esses estão distantes do significado do que seja verdadeiramente humano. Daí a fria estatística reportando o extremo ato da violência: a morte.

Nessa medida, “a escalada do número de suicídios com a qual somos hoje confrontados mostra-nos *que sob as condições sociais predominantes, apesar do bem-estar social, pode-se chegar ao extremo da frustração existencial*” (FRANKL, 1990, p. 29). As quatro mulheres entrevistadas possuem traços comuns: com respeito à classificação racial SA, SB, SC e SD são mulheres negras<sup>38</sup>; na classificação da faixa etária SA com 26 anos de idade e SC com 29 anos de idade são consideradas jovens pelas leis brasileiras, seguindo o Estatuto da Juventude<sup>39</sup>; enquanto SB e SD são mulheres adultas, encontrando-se na faixa entre os 45 a 55 anos de idade.

O fator mais desafiador apresenta-se no aspecto de pobreza familiar das quatro mulheres entrevistadas cujo cálculo atenta para uma compreensão mais ampla dos fatores que compõem essa análise, os quais não se reduzem à renda familiar, como alertam os pesquisadores ao propor uma nova metodologia nas

---

<sup>38</sup> O IBGE define como “cor ou raça - característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena”. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>> Acesso em 14 Out 2017. No entanto, nesta pesquisa optamos pelo sistema de classificação aplicada por Jacques d’Adesky na sua pesquisa sobre *Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*, isto é, a classificação binária branco/negro, acolhendo-nos a justificativa apresentada pelo autor. “Essa é também a classificação adotada pelo Movimento Negro, cujo termo negro engloba mulatos, pardos, morenos, sararás, etc., em uma só e única categoria” (D’ADESKY, 2001, p. 33).

<sup>39</sup> Segundo o *Estatuto da Juventude* (Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013), artigo primeiro, parágrafo 1: Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm)> Acesso em 14 out. 2017

pesquisas sobre a pobreza e o desenvolvimento humano numa perspectiva multifatorial<sup>40</sup>, considerando que

As seis dimensões da pobreza avaliadas a partir das informações reunidas na Pnad são: a) vulnerabilidade; b) acesso ao conhecimento; c) acesso ao trabalho; d) escassez de recursos; e) desenvolvimento infantil; e f) carências habitacionais. Dessa forma, todas as dimensões mais básicas da pobreza tradicionalmente consideradas, com exceção das condições de saúde, puderam ser incluídas. Cada uma dessas seis dimensões representa, em parte, a falta de acesso aos meios necessários para as famílias satisfazerem suas necessidades e, em parte, a existência de necessidades básicas insatisfeitas, isto é, fins que não puderam ser alcançados. (BARROS et al, 2006. p. 21)

Contudo, a delimitação desta pesquisa não contempla a análise exaustiva multifatorial da pobreza. O enquadramento de pobreza das mulheres entrevistadas, e de suas famílias, se caracteriza pelos dados aportados nas entrevistas e pela observação da pesquisadora, encontrando-se que: duas das quatro famílias são chefiadas por mulheres negras, sozinhas (SC, SD); sobre o nível de escolaridade somente SC finalizou o ensino meio; SD e SB são analfabetas funcionais e SB é analfabeta; SA, SB e SC usufruem o programa federal de moradia “Minha casa, Minha vida”; e SC e SA se beneficiam com o programa da Bolsa Família; nas famílias de SA e SD contam-se membros da família ou elas mesmas com tratamentos de saúde permanentes, realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS); todas as mulheres (SA, SB, SC e SD) percebem baixa renda, sendo que SA está desempregada; SB é aposentada como esposa de sobrevivente; SC trabalha de carteira assinada e recebe um salário mínimo; e SD está aposentada por enfermidade.

O último aspecto a ser contemplado na gênese e interseccionalidade da violência refere-se à questão de gênero na qual se percebem as relações dos homens e das mulheres e as relações entre ambos, constituindo-se num eixo de hierarquização de relações (SAFFIOTI, 1997, p. 41). Nas histórias de vida das quatro mulheres destacam-se alguns dados interessantes: o sistema de dominação imposto pelos agressores.

---

<sup>40</sup> “Sua composição inclui, ao todo, 6 dimensões, 26 componentes e 48 indicadores. Tudo se passa como se fizéssemos 48 perguntas às famílias, as quais devem responder, sim ou não. Cada sim é computado como uma necessidade insatisfeita, uma carência ou uma fonte de vulnerabilidade e, portanto, leva a que o indicador de pobreza aumente a pontuação da família na direção de um maior grau de pobreza” (Pesquisa “Pobreza multidimensional no Brasil” – IPEA) Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1227.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1227.pdf)> Acesso em 14 out. 2017.

Nos abusos físicos, sexuais, psicológicos e morais, na exploração imposta sobre a vida e o corpo de SA, por parte do agressor/progenitor foi chancelado socialmente em primeiro lugar pela cumplicidade de outros sujeitos-homens que se tornaram cúmplices (um deles por ter aceitado reconhecer legalmente a filha de SA e o outro por ter sido um namorado fictício para encobrir o agressor); em segundo lugar, pela omissão de ação por parte dos órgãos (Conselho Tutelar, escola, família, parentes) sob o pretexto de medo ao agressor; e, em terceiro lugar, as constantes ameaças, chantagens e xingamentos pelos quais SA foi desmoralizada pelo agressor que a chama, tacitamente, de prostituta referindo-se à expressão “deu para traficante” e assim como culpas imputadas pelos próprios parentes.

A dominação do agressor também pautou as relações familiares, exercendo uma alienação parental, impedindo que SA desenvolvesse uma relação com sua progenitora. Outro aspecto relevante refere-se à motivação que SA teve para escolher um parceiro, apenas gostando dele e não o amando, já que o parceiro legitima a figura paterna para seus filhos em razão da autoridade e proteção que ele representa socialmente para ela e seus filhos.

Na história de SB o traço mais relevante das relações de gênero apresenta-se na razão de fundo que motivou o filho de SB assassinar o padrasto: vingar-se de outra violência cometida pelo padrasto contra a mãe. Poder-se-ia tratar de um “crime de honra inverso”, entre homens que disputam poder no espaço doméstico. Por outra parte, a condição ébria do parceiro no momento da violência física encobre a motivação real da agressão sofrida por SB, isto é, o poder.

Ainda na história narrada por SB, consta que solicitou a intervenção da sogra (mãe do parceiro) para testemunhar uma briga entre eles, como interpretar este fato? Seria necessário indagar se existia uma parceria entre estas mulheres, de ajuda mútua ou se SB reconhece a autoridade matriarcal da sogra, sobre o qual não se apresentaram maiores detalhes na entrevista? Por outra parte, a história de vida de SC aponta como traços marcantes das relações de gênero a violência física e psicológica sofrida no primeiro casamento, presente em menor grau em outras relações afetivas, e reproduzida na educação da filha mais velha; a impunidade do “estupro a vulnerável”, sofrido pela filha e a atitude machista do homem que manteve relações sexuais com a filha de SC quando esta tinha 12 anos de idade; as ameaças verbais do último esposo contra seu filho (enteado do parceiro). O homicídio da filha (A) que potencializou a violência com a carbonização do corpo,

nas regiões do rosto e no peito da vítima, assassinato cometido em cumplicidade com dois homens que A considerava seus “amigos”.

Na história de SD a violência pela leitura de gênero se expressa no abuso sexual cometido pelo patrão e a culpabilização cometida pela patroa, assim como pela perda do emprego em decorrência desse fato; a falta de credibilidade diante dos próprios pais e como eles lidaram com essa situação, também apontam para um processo de culpabilização e castigo da vítima da violência sexual. Assim mesmo, a ruptura da relação afetiva com o parceiro em tempos de crise existencial por considerar que SD não era mais capaz, revela uma limitação física na realização de “tarefas” inerentes a sua condição de “dona do lar” e esposa. A subestimação do parceiro contribuiu ao processo de desempoderamento já vivenciado por SD.

O abandono das amigas e das patroas em tempo de doença, e a exclusão sofrida por causa do preconceito, revelando outra hierarquia das relações no oposto binário de pessoas saudáveis/pessoas doentes. Aspecto importante, na história de SD refere-se, igualmente, à relação familiar que restou após o assassinato dos filhos: um grupo de mulheres – a mãe, a irmã e a filha, observando-se que os irmãos não foram contados dentro do círculo familiar atual.

Finalmente, outro aspecto que precisa ser retomado são os danos morais provocados na vida destas mulheres pelas violências contra seus filhos, como marcas da dor, a qual diminui, mas não acaba. Indica-se, desta forma, a perda da dignidade das mulheres e de suas famílias estigmatizadas pela pobreza, o descaso e a indiferença social, estrutura na qual os órgãos de controle social do Estado se mostram coniventes com os mecanismos de punição aos jovens envolvidos com o tráfico de drogas, sob as formas de extermínio.

É preciso conhecer, desvendar, perceber, também, a auto-transcendência do ser humano – o que pode ser feito segundo a consciência e a tomada de decisões resilientes, muitas vezes não difundidas socialmente como outras formas de modelagem e de mudança da própria sociedade.

#### 4 A DIALÉTICA DO “VOLTAR-SE A” NAS HISTÓRIAS DE VIDA

Se a concepção bergerniana da sociedade é tida, pelo movimento dialético, composto de exteriorização, objetivação e interiorização, em que o fundamental fenômeno social objetivado se apresenta à sociedade como um modelo *sui generis*, “o homem, como o conhecemos empiricamente, não pode ser concebido independentemente da contínua efusão de si mesmo sobre o mundo em que ele se encontra” (BERGER, 2013, p. 17). Com esse duplo movimento acerca do fato antropológico da humanidade, Berger (2013, p. 17), elucida que:

O ser humano não pode ser concebido como algo isolado em si mesmo, numa esfera fechada de interioridade, partindo *em seguida* para se exprimir no mundo que o rodeia. O ser humano é exteriorizante por essência e desde o início.

Assim mesmo, precisamos observar que a construção social do mundo é um processo dialético, contínuo, e “coletivo” (Berger, 2013, p. 20), pelo qual o ser humano busca criar estruturas firmes, plausíveis, nas quais a realidade se apresenta de forma ordenada e significativa. No processo de construção do mundo, a condição humana e a sua esfera simbólica são um contínuo “pôr-se em equilíbrio”, segundo a ideia que se toma de Berger (2013, p. 18) para compreender a operabilidade e a realização da questão do sentido da vida e seu conteúdo.

Em Frankl (1990, p. 29), isso quer dizer a concretude das ações humanas no sentido mais real da superação da existência humana, principalmente em situações e contextos de violência que geram frustrações em relação à “vontade de sentido”. As frustrações de sentido ocorrem em razão de multifatores: sociedade industrial, consumo e, até mesmo, pela ciência que se quer tomada como conhecimento da “vontade de sentido” do cotidiano. Aliás, “frequentemente as ciências humanas sequer chegaram ao verdadeiramente humano” (FRANKL, 2013, p. 29).

Nas histórias de vida das quatro mulheres analisadas o que se buscou foi compreender e avaliar o que há de “verdadeiramente humano” em suas realidades, tomando-se a consciência como um fato igualmente dialético: realização, vivência e significados. Essa processualidade permite preencher sentidos singulares num “voltar-se a”, individual e coletivamente no mundo da consciência e no trato das possibilidades de satisfação, seja de modo transitório, seja de caráter definitivo.

Em Rosenthal (2014, p. 219), o “voltar-se a” significa um “novo ato de atenção da consciência”, isto é, “a vivência da memória dotada de aspectos diversos aos considerados, até então e, possivelmente, mais ‘próximos’ àquilo que foi, à época, vivenciado”. Nessa direção, o “voltar-se a” implica um ato de revisão, relativo à memória que se dá por meio de presentificação, recordação e construção de outro contexto de sentido. Assim, “é justamente essa nova forma de pensar o passado, a partir da perspectiva atual [...] que determina o aspecto da vivência ao voltar ao foco da memória e o modo com que ela, a vivência, será novamente representada” (ROSENTHAL, 2014, p. 219).

Por isso, o vivido e o narrado aparecem, na análise, como algo que se interliga pelo auto entendimento ontológico e fenomenológico (Frankl, 1990, p. 46). Os sujeitos pesquisados, as quatro mulheres, não possuem apenas sentidos únicos, mas também valores “universais de sentido”, transmitidos pela tradição ou em razão da estrutura social, familiar.

#### 4.1 CONSCIÊNCIA: PROCESSO DE RECORDAÇÃO E NARRAÇÃO

Em Frankl (1990, p. 46-48), a consciência não é algo que se estrutura apenas psicologicamente; ela se interliga com os sentidos da realidade do mundo. Dialeticamente, a consciência nesse mundo humanamente construído significa operatividade de ações que se dá por meio de *realização*, *vivência* e *significados*, porque “toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive” (BERGER, 2013, p. 15).

Concebendo o homem como um ser de produção de sentido e que, “na busca de sentido só a consciência o ajuda”, Frankl (1990, p. 45-46), define que:

A consciência não é, porém, apenas descobridora de sentido, mas tem direito a veto em relação aos meios de realização de sentido. Isso vale em especial para a política. Não é simplesmente verdade que o fim justifica os meios; mais correto é que há meios cuja aplicação consegue desacreditar o mais santo fim.

Assim, a consciência como processo operacional ou como *realização* ocorre quando o indivíduo concebe a sua vida como algo que seja capaz de se tornar plena de sentido e porque isso é realizado por meio da sua ação.

Como *vivência*, a consciência se redimensiona no aspecto operacional e alcança uma originalidade total e uma singularidade de modo que o indivíduo vivencia algo ou alguém pelo sentimento que pode ser tomado como uma atitude de amar.

A consciência como elaboradora de *significados* pode transformar a vida “numa vida plena de sentido, pois podemos realizar até o mais humano no homem e simultaneamente dar testemunho das mais humanas capacidades humanas: transformar uma tragédia em triunfo, um sofrimento em uma realização humana” (FRANKL, 1990, p. 48).

Sobre o papel das formas simbólicas na vida humana, Geertz (1989, p. 21) explica a sua experiência intelectual dizendo:

É por isso que eu escrevi sobre o nacionalismo, violência, identidade, a natureza humana, a legitimidade, revolução, etnicismo, urbanização, *status*, a morte, o tempo e, principalmente, sobre as tentativas particulares de pessoas particulares de colocar essas coisas em alguma espécie de estrutura compreensiva e significativa.

Para Berger (2013, p. 34), os significados são construídos dialeticamente pelos indivíduos em diálogo com a sociedade. Portanto,

Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A sociedade é guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente na sua estruturação da consciência individual.

Geertz (1989, p. 38) adverte que é preciso descer aos detalhes e apreender o caráter essencial de vários tipos de indivíduos dentro de determinado contexto (ou de cada cultura), se se deseja “encontrar a humanidade face a face”, pois a análise teórica da vida empírica segundo a visão geertziana (1989, p. 18) exige do intérprete a elaboração de descrições minuciosas, porém sem “generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles”.

Nas formulações sobre o cotidiano, as formas simbólicas (entre elas a religião, violência, política, cultura) estão ligadas de modo estreito aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, e nessa estrutura, “é melhor permitir que os sentimentos levem a melhor”, permitindo-se “contato com as superfícies duras da vida” (GEERTZ, 1989, p. 21), tendo em vista que:

Cada dia, cada hora proporciona um novo sentido, e um sentido especial espera cada pessoa. O sentido é, portanto, sempre um outro. Mas sempre há um, até o fim. Pois não há pessoa para a qual a vida não prepararia uma tarefa, e não há situação na qual a vida pararia de nos oferecer uma possibilidade de sentido. (FRANKL, 1990, p. 46).

Enfim, a consciência como processo de recordação e narração tem a ver com os mecanismos de interpretação e os significados que o sujeito atribui aos acontecimentos vividos e vivenciados na história de vida, na qual se interligam os seus sentidos reais, historiados e socializados, pois, de acordo com Frankl (1990, p. 46), na singularidade do sentido, “o sentido é sempre um outro”.

Nas biografias das quatro mulheres, o sentido de vida por elas considerado, além suceder para “um outro sentido”, já que o vivido e o narrado se interligam, a experiência cotidiana delas não está habituada apenas a recordações negativas produzidas pela violência vivenciada no movimento da presentificação do passado, mas a vida cotidiana de cada mulher é um encontro de outros possíveis sentidos reais, presentes e concretos.

Noutras palavras, a vivência (recordação e narração) como algo em que convergem passado, presente e futuro e, ao mesmo tempo, produz um passado específico. Cada mulher realiza a sua autotranscendência e mobiliza o mais humanamente possível o seu modo singular de significados resilientes, seja no passado específico, seja no presente-futuro de totalidades originais e únicas.

#### 4.2 REALIDADE SOCIAL: UM DISCURSO DE PREVALÊNCIA

Entre a compreensão direta empírica do significado e a compreensão explicativa (Weber, 2002, p. 16), o resultado da avaliação biográfica das quatro mulheres em contexto de violência, associado à importância do papel da violência como estratégia promotora de ações e sentidos resilientes, aponta para pontos de conexões ou de interseccionalidades e apresenta questões interpretáveis pelos sujeitos pesquisados segundo a frequência de suas ações racionais orientadas a um fim, bem como pela ação e influência social considerada como sentido relevante em seu cotidiano. O mundo material ou é pertencente ou é apreendido como elemento de uma realidade subjetiva interior num processo de “autoconsciência” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 37).

A intencionalidade racional se estreita com a ação real, porém o significado interpretado dessa ação recai no limite de sentido que cada sujeito atribui. Todavia, mesmo na individualidade de sentido, o *status* da objetivação da sociedade direciona, mesmo que de modo marginal, à compreensão das ações humanas. Daí a necessidade de investigar o sentido mais profundo da motivação humana, pois

Certamente, toda interpretação esforça-se para conseguir o máximo de verificabilidade. Contudo, nem mesmo a interpretação mais verificável pode reclamar o caráter de ser casualmente válida. Permanecerá apenas como uma hipótese particularmente plausível. Assim, o que parece ser motivação consciente para o indivíduo envolvido pode tão somente servir para esconder os motivos e repressões mais profundas que estão realmente na raiz da sua ação, invalidando desta maneira as tentativas mais sinceras de autoanálise. (WEBER, 2002, p. 18-19)

Se as motivações são racionais ou irracionais dos sujeitos, é preciso perceber que tudo isso é construído com uma adequação de sentido pelos próprios sujeitos e como abordagem do que eles dão a compreender determina a clarificação, ou não, da reconstrução dos seus eventos empíricos cotidianos (vivido e narrado), bem como estabelece graus de comparação com outros fatores que podem gerar desvios capazes de subordinar a análise das suas ações intencionais ao controle da estrutura social, desprezando-se a força mutante da interiorização das ações individuais, como previsto por Berger (2013).

Aliás, “todas as mudanças de condições naturais e sociais têm alguma espécie de efeito sobre as probabilidades de sobrevivência das relações sociais” (WEBER, 2002, p. 70), tendo em vista que “a relação social de sociedade, por outro lado, é o resultado de uma reconciliação e de um equilíbrio de interesses motivados por juízos racionais, quer de valores, quer de fins” (WEBER, 200, p. 71).

Nesse compasso, interessa identificar o “caráter intencional comum de toda consciência” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p 37). Logo, pode-se dizer que as situações da vida não só introduzem tensões inteiramente diversas como “se apresentam à consciência como constituintes de diferentes esferas da realidade”.

Desta maneira, a intersubjetividade passa a ser um marcador real das diferentes realidades da vida cotidiana e “a tensão da consciência chega ao máximo na vida cotidiana, isto é, esta última impõe-se à consciência de maneira mais maciça, urgente e imperiosa. É impossível ignorar e mesmo é difícil diminuir sua presença imperiosa” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p 38). Trata-se, pois, de

compreender que “a questão que a vida nos coloca se altera de pessoa para pessoa bem como de situação para situação” (FRANKL, 1990, p. 83).

Desse modo, a realidade cotidiana intercambia motivos pragmáticos, empíricos e singulares que acabam potencializando a objetivação da sociedade, ao mesmo tempo em que passa a ser influenciada pela estruturação social de exteriorização. No processo de interiorização, baseado na dúvida, suspensão e transição, “o mundo da vida cotidiana proclama-se a si mesmo e quando quero contestar esta proclamação tenho de fazer um deliberado esforço, nada fácil” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 40).

Assim, a vida cotidiana abrange duplo significado que irrompe nas rotinas de sentido comum ou particular, compondo a biografia individual na estruturação da sociedade como também conserva a situação dominante no programa social estabelecido e esquema tipificador. Daí a razão de se perguntar sobre o sentido operacional e realizador da vida no seu plano real da vivência concreta.

Berger e Luckmann (2013, p. 48) explicam essa situação dizendo que “embora seja relativamente difícil impor padrões rígidos à interação face a face, desde o início esta já é padronizada se ocorre dentro da rotina da vida cotidiana”, tornando-se progressivamente imbricada, uma vez que, ainda acordo com Berger e Luckmann (2013, p. 51), “a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana”. Tudo que totaliza a vida constitui algum tipo de sentido que se deve reconhecer na biografia individual e na coletividade. O simples fato de o homem existir no mundo já torna a sua vida plena de sentido, pois “ativos, damos sentido à vida, mas amando também – e finalmente: sofrendo” (FRANKL, 1990, p. 72).

Conforme a teoria de Frankl (1990, p. 83), “no correr da vida o homem deve estar disposto a, de acordo com as respectivas ‘exigências da hora’, mudar a respectiva direção desta satisfação de sentido”, pois “o sentido da vida só pode ser concreto, concreto tanto em relação a cada pessoa individual como em relação a cada momento individual”.

Na perspectiva bergerniana (2013, p. 16), as suas asserções colocam a noção de mundo feito biografias individuais e a sociedade tem caráter *sui generis* pela objetivação: realidade conquistada e construída se defronta com as facticidades exteriores e distintas dos produtos objetivados e originais. Na realidade empírica, o homem é produto pela interiorização. Ele se insere na estrutura, mas também pode mudar essa estrutura, ampliando-se a sua consciência conforme ocorre a

exteriorização de suas ações. Como disse Berger (2013, p. 17), nos processos sociais, “‘torna-se homem’ no sentido de desenvolver uma personalidade e assimilar cultura”.

Isso explica o lugar do ser humano no mundo e a construção do mundo pelo ser humano. Se o momento individual é construído em um duplo movimento com os acontecimentos da sociedade, é preciso compreender a sociedade em termos dialéticos, como produto do ser humano, atividade humana, consciência humana, resultado de processos significativamente humanos, realização de vários projetos que constituem a vida humana. O ser homem precisa estabelecer continuamente uma relação com o mundo (BERGER, 2013, p. 18). Noutras palavras, é no mundo que o ser humano produz a si mesmo. Define a sua personalidade, o seu modo e jeito de ser.

A sociedade humana significativa coloca a religião como um empreendimento igualmente humano. Aliás, em Berger (2013, p. 8), a religião é significado construído, ideia que se replica da noção de que o homem constrói o mundo e seu significado social, que se dá por meio de um empreendimento coletivo. De acordo, ainda, com Berger (2013, p. 20), a sociedade ocupa, portanto, uma posição privilegiada entre as formações culturais do homem. Por isso, de um lado, percebe-se que as estruturas sociais são predestinadas a mudanças pelas ações humanas; por outro lado, “no processo da construção de um mundo, o homem, pela sua própria atividade, especializa os seus impulsos e provê-se a si mesmo de estabilidade” (BERGER, 2013, p. 19).

No encontro entre as noções dialéticas bergernianas sobre o fundamento da biografia individual e da estrutura social e as noções de Frankl, no que diz respeito à consciência como padrão e interação para a realização humana, a questão do sentido se repete como experiências em situações face a face; mas elas também distinguem os seres humanos em suas próprias biografias, porque o ser humano é dotado de vontades, de sentidos e de responsabilidade.

Assim como a realidade é originalmente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais. Esses últimos não são radicalmente diferentes dos exercidos na primeira interiorização. Refletem também o fato básico de que a realidade subjetiva deve ter com a realidade objetiva uma relação socialmente definida. (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 192).

Desse modo, a existência do mundo provoca realizações e superações na realidade dos momentos. A realidade, seja em que contexto for, “só aparentemente é “superada”, ao ter-se tornado passado”, pois a superação também é sentido “a ser preservado”. O passado pode ser a “forma mais segura de ser”. Isto é, “ao ser, que guardamos no ‘passado’, a ‘transitoriedade’ não pode ser mais causa de dano” (FRANK, 1990, p. 76). Com respeito a isso, “o que pode durar mais que nós, isto é o realizado em nossa existência, o que tem efeitos posteriores para além de nós”.

A originalidade de sentido da vida das mulheres analisadas em seus contextos de violência recai na característica singular de cada uma delas como seres plenos de valores e de crenças, tendo a vida dela sido interrogada em razão da própria existência como uma tarefa a ser realizada e que solicita superações: “a vida não é algo – é a oportunidade para algo” (HEBBEL, *apud* FRANKL, 1990, P. 79).

Geertz (1989, p. 73), colocando o ser humano como pessoa dependente de uma relação simbólica, afirma que:

A perplexidade, o sofrimento e um sentido de paradoxo ético obstinado, quando se tornam suficientemente intensos ou suportados durante muito tempo, são todos eles desafios radicais à proposição de que a vida é compreensível e de que podemos orientar-nos efetivamente dentro dela, através do pensamento – desafios que qualquer religião que pretenda substituir tem que enfrentar, por mais “primitiva” que seja.

No mundo humano, a violência atinge não apenas os limites toleráveis para a dor e o sofrimento, também causa danos que se preservam no passado. Contudo, a superação e o enfrentamento da violência tornam-se uma “realidade da qual fizemos uma possibilidade” e que somente a biografia individual da experiência reconhece como “celeiro” na realização do sentido de vida (FRANKL, 1990, p.46).

Na tarefa a ser realizada na vida, a religião passa a ser uma oportunidade significativamente humana, ao mesmo tempo como uma experiência mística. Frankl (1990, p. 79) observou em seus estudos empíricos que “o homem religioso vivencia sua vida como incumbência divina”. Essa ideia encontra ressonância na tese de Geertz (1989, p. 73) ao declarar que a religião “precisa afirmar alguma coisa” no mundo da existência. A religião não seria apenas um código de moralismo. A religião precisa distanciar-se de sentimentos estabelecidos, convencionais e artificialmente simbolizados e que foram assumidos como premissas abstratas na estrutura das

crenças. A religião, num sentido bergerniano, seria uma estrutura específica de plausibilidade e de identificação.

#### 4.3 A RELIGIÃO COMO FATOR DE RESILIÊNCIA: LEGITIMAÇÃO OU NÃO?

Nas histórias de vida das quatro mulheres em contexto de violência, abordou-se a correlação entre a religião e a resiliência, indagando sobre as experiências religiosas vivenciadas antes, durante ou depois das situações de violência que cada uma delas enfrentou e a percepção que elas tiveram dessas experiências em suas vidas. Além disso, a análise também foi no sentido de compreender a importância da religião como um papel construtor de processos resilientes, pressupondo-se que a crença religiosa daquelas mulheres desempenha, de alguma forma, um tipo de mecanismo de proteção, prevenção e até de apoio existencial, presente e pessoal na vida de cada uma delas.

Em função disso, as perguntas formuladas na entrevista biográfica, permitiram principalmente ponderar “a forma” da vivência religiosa (Brandão, 2013, p. 91) e não a pertença em termos quantitativos ou por definição institucional, embora as respostas das mulheres entrevistadas também possibilitassem fazer conjecturas sobre essa segunda caracterização da religião, até porque cada uma delas transita em expressões religiosas distintas, porém a SB e a SC denominaram-se como pessoas católicas.

A SB diz que teve experiência católica, o que veio expresso, primeiro, como: “*Eu tive católica*”, mas, em ato contínuo, afirma: “*eu sou*” (referindo-se a sua opção pela religião católica). A SC coloca: “*eu sempre fui católica*”. SA, embora tenha participando de uma igreja evangélica, após a violência sofrida, ela demonstra dúvidas na hora de definir sua experiência religiosa. Durante a entrevista ela indaga: “a igreja evangélica é uma religião?” e expressa seu desejo de ser católica, pois considera-a como o caminho certo. Nas palavras dela: “*Eu participei de igreja evangélica porque eu pensei que indo para igreja evangélica ia acontecer alguma coisa boa em minha vida, sabe? Ia-me trazer algum sentido, mas depois do que os pastores fizeram comigo, [...] eu não confio mais na igreja evangélica e nem quero participar da igreja evangélica por conta disso. Eu quero participar da igreja católica, eu quero batizar meus filhos, eu quero frequentar ela, ensinar para meus filhos o caminho certo, sabe? O caminho de Deus*”.

No que diz respeito à opção religiosa de SD, percebeu-se que, embora ela tenha transitado em diversas denominações religiosas, a sua crença aponta para uma religião espírita. Ela declara: “*A minha relação com a religião hoje, eu não sou católica, sou espírita, mas a minha relação hoje é com muito amor, muito carinho em muita sabedoria*”.

Então, para ilustrar a crença das quatro mulheres coloca-se o quadro 1:

QUADRO 1 – CRENÇAS DAS QUATRO MULHERES

SUJEITO	CRENÇAS			SIMBÓLICO
SA	sem religião/instituição antes da violência	Depois da violência: Evangélica	Intenção de pertença Católica	Divino Pai Eterno, “aquele que tem a pombinha” Nossa Senhora Aparecida
SB	Antes, durante e depois da violência: católica		Pertença: Católica	Deus Pai, Divino Pai Eterno, Santos Reis
SC	Católica Transito – igreja evangélica Antes	Trânsito: Vale do Amanhecer	Pertença: Católica	Nossa de Aparecida Divino Pai Eterno Terço A comunidade religiosa
SD	Centro Espírita Antes da violência	Trânsito: bruxaria, Evangélica, Católica	Espírita “Só Deus dentro do meu coração”	Deus imanente:

Fonte: a autora.

Segundo José Severino Croatto (2010, p. 72-73), a noção de religião pode referir-se a um “campo de estudo” para pesquisadores de diversas áreas de conhecimento, ou assumir-se como “um corpo doutrinário”, caso siga o senso comum. Este autor ainda explica que uma vez “entendida a religião como um sistema de ideias e práticas, pode-se falar de ‘religiões’ (no plural), diversificadas como o são a práxis humana e sua conceptualização no pensamento”.

Conjugada a essa última perspectiva, amplia-se a base social da religião, considerando-se a relação dialética entre o indivíduo/coletividade e o mundo social, já que a(s) religião(ões) são um produto não-material das culturas, que resultam do empreendimento humano na busca de significados enquanto organização do mundo social e experiências individuais e sociais, como afirma Berger (2013, p. 40): “a cosmificação importa na significação desse mundo humanamente incompreensível

com o mundo como tal, fundando-se agora o primeiro neste último, refletindo-o ou derivando dele nas suas estruturas fundamentais”.

A perspectiva de Berger (2013, p. 38), segundo a qual a religião se define como “o estabelecimento, mediante a atividade humana, de uma ordem sagrada de abrangência universal, isto é, de um cosmos sagrado que será capaz de se manter na eterna presença do caos”, aproxima-se da visão interpretativa da rede de significados culturais de Geertz.

Em Geertz (1989, p. 67), “a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens de ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade”; correlaciona-se com a ideia bergerniana de que a religião compõe o campo individual e social de atividade significativamente humana.

Entre Berger e Geertz, o ponto de convergência de suas ideias está na aproximação de diferentes aspectos constitutivos do campo cultural, seja de cunho subjetivo, seja de caráter objetivo. Noutros termos, aquilo que Berger compreende como processo de cosmificação para definir a religião como uma atividade humana significativamente social, Geertz concebe como a formação de padrões de significados para avaliar a importância do papel da religião nos diferentes contextos culturais, e isso permite a interdependência entre *ethos* e visão de mundo para compreender a dinâmica das relações religiosas na sociedade.

Na sociedade, a religião cumpre a função social da legitimação, já que por meio do processo de cosmificação sagrada se reforçam as estruturas ordenadoras (instituições e papéis) das relações sociais, assimiladas pelo indivíduo no processo da socialização, de tal forma que

[...] as construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim a aparência de definitiva segurança e permanência. Dito de outra maneira, os *nomoi* humanamente construídos ganham um *status* cósmico. (BERGER 2013, p. 48-49).

De forma geral, a legitimação é “o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o ‘porquê’ dos dispositivos institucionais” (BERGER, 2013, p. 42). No caso da religião, ela também serve para auxiliar os indivíduos especialmente na compreensão das “situações marginais da existência

humana” das quais a morte é a mais desafiadora de todas porque “a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida” (BERGER, 2013, p. 55).

Na produção da ordem social, a religião, constituída como uma “necessidade antropológica” (LUCKMANN; BERGER, 2013, p. 74), estrutura-se dialeticamente como um dos aspectos culturais e simbólicos da sociedade, que se move e altera segundo a socialização do indivíduo (a coletividade) nos processos de interiorização e exteriorização. O indivíduo carrega em suas ações aquilo que foi estruturado como produto, mas também pode alterar esse produto pelas suas próprias ações, num movimento de subjetivação e objetivação. Nesse movimento duplo, ocorrem ressignificações existenciais na vida cotidiana. Assim como o indivíduo pode reproduzir aspectos construtores de um sistema, da mesma forma pode reinventar outra forma de permanecer ou, ainda, se auto-reinventar no sistema. Isso porque o indivíduo é tanto produto do social, como também formador desse social.

No que tange à violência, a ordem social mostra seus aspectos negativos, porém, muitas vezes, invisibilizando-os, de maneira que a ruptura nômica provocada pela violência seja não só legitimada pelas forças do controle social como produtora de situações marginais (nesses casos, a violência sexual, maus-tratos, morte) em que o indivíduo não reconhece outro mecanismo a não ser o “voltar-se a si mesmo”, utilizando-se inclusive da mesma estrutural social construída, a exemplo da religião que “legitima de modo tão eficaz porque relaciona como a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas” (BERGER, 2013, p. 45).

Recorrer-se à religião pode ser, talvez, a última ou a única alternativa do indivíduo para continuar na existência e estabelecer legitimamente uma “configuração de significados”, expressão essa usada por Luckmann. “A qualidade significativa da experiência subjetiva, no entanto, é um produto de processos sociais” (LUCKMANN, 2014, p. 66), ao mesmo tempo em que “o significado [...] se constitui de atos interpretativos. Mediante tais atos se compreende retrospectivamente um processo subjetivo, que é inserido num esquema interpretativo” (LUCKMANN, 2014, p. 66).

Por outra parte, Berger (2013 p. 40) adverte que o cosmos, enquanto

[...] fundamento último e convalidação dos *nomoi* humanos, não precisa ser necessariamente sagrado. Em tempos recentes, de modo particular tem havido tentativas inteiramente seculares de cosmificação, entre as quais a

ciência moderna é de longe a mais importante. Pode-se afirmar com segurança, no entanto, que originariamente toda a cosmificação teve um caráter sagrado.

O sagrado na experiência religiosa, em Berger, seria a impressão subjetiva daquilo que se associa ao mundo social e que corresponderia ao cosmos. Luckmann, adotando a perspectiva da objetividade, considera a religião como resultado do nível social e que esse nível implica processos subjetivos sistematizados por mecanismos interpretativos. Entre esses mecanismos interpretativos encontra-se a construção de sentido: resiliência, fé, amor, disputa, reivindicações, proteção, defesa, etc.

O corpo e a alma da resiliência encontram-se no sistema de crenças pessoal e familiar, e deste sistema faz parte a atitude de dar sentido à adversidade – considerar a crise um desafio significativo, compreensível e manejável. (WALSH, 2004 apud SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 572).

Em todas as histórias das quatro mulheres, o sistema de crença demonstrou-se muito característico com a realidade atual, isto é, a religião no qual o pertencimento a uma instituição se apresenta fluído, remetendo-se para uma atitude religiosa de trânsito, porém a mística espiritual de proteção das quatro mulheres está baseada na crença em Deus, independentemente da instituição religiosa. Por outra parte, é preciso observar que a legitimação religiosa, esse ‘saber’ que responde aos ‘porquê’ das experiências na história de vida das quatro mulheres estão baseados na prática religiosa e não em sua teorização. Neste sentido BERGER (2013, P. 54) explicita que, de fato

[...] a interação dialética entre a atividade religiosa e a ideação religiosa aponta outro fato importante – o enraizamento da religião nos interesses práticos de cada dia. [...] a maior parte dos homens na história sentiram a necessidade de legitimação religiosa – mas só uns poucos se interessarão pelo desenvolvimento de ‘ideias’ religiosas.

Neste sentido, na história das quatro mulheres não é a definição racional do fenômeno religioso o que cria a estrutura de plausibilidade da religião, mas a construção de uma base social, capaz de produzir sentido e significado, entendendo que

A vivência de uma religião implica também a aceitação de um universo cultural, um modo particular de perceber, situar e nomear o sagrado e o

divino. A elaboração da experiência religiosa mística, conseqüentemente, incorpora esta dimensão da religião como cultura, como uma construção cultural do mundo, ao mesmo tempo em que se situa como modo particular de explicar as condições concretas da existência. Define-se uma intersecção dos planos religião-cultura e sagrado-existência concreta, o nível por excelência para a apreensão da experiência mística e mítica, a começar pela relação fundamental admitida com o deus e sua nomeação (COSTA, 1984, p. 115 apud BITTENCOURT, 2003, p. 69).

Dentre as quatro mulheres apenas SD rompeu de modo expressivo com a religião/instituição católica – tida como uma religião da tradição nos sistemas familiares brasileiros –, para se autodenominar espírita, mas sem pertencimento à instituição, pois na sua percepção “religião não salva, quem salva é Deus”.

Isso aproxima da realidade verificada na estatística do IBGE de 2010 de que, embora haja redução de números católicos no Brasil, a população brasileira permanece cristã, e, em sua maioria, as pessoas são católicas. “Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ 1989, p. 67), porque

Os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente (GEERTZ, 1989, p. 77)

O simbólico religioso de três mulheres (SA, SB e SC) está bem manifesto pela convicção religiosa de cultos a santos católicos, sendo que

Através das imagens se estabelece uma comunicação entre vivos e mortos. Fundado no dogma da comunhão dos santos, esse modelo de catolicismo cria uma cosmologia em que as fronteiras entre a vida e a morte são continuamente ultrapassadas. As relações entre os fiéis e os santos são pessoais e baseadas no princípio da proteção e da lealdade. (STEIL, 2001, p. 21).

Por uma visão sociológica interpretativa e dialética, a religião “deve ser entendida como projeção humana, baseada em infraestruturas específicas da história humana”, e a funcionalidade dela constitui uma estrutura de representações simbólicas que sustentam e ordenam as experiências do ser humano e da sociedade, cumprindo principalmente uma função social. É preciso compreender que

“a universalidade da religião, longe de constituir prova de sua validade metafísica, é explicável em termos de tais funções sociais” (BERGER, 2013, p. 130).

A religião, além de cumprir uma função legitimadora de determinados ordenamentos e realidades humanas, também é construtora de sentido, pois “a projeção humana de sentido no universo, afinal de contas, aponta para um sentido que abarca tudo e no qual o próprio homem está baseado” (BERGER, 2013, p. 186). Daí pressupor que a religião, além de ser construtora de sentidos, de significações e ressignificações da vida cotidiana e de processos resilientes, serve também como mecanismo de funcionalidade nômica social.

#### 4.3.1 A lógica da existência em contexto rememorado e de ações resistentes

Na história de vida, o contexto rememorado inter-relaciona tempos presente, passado e futuro, de tal forma que a vivência se torna uma presentificação por meio do recordar, que Rosenthal (2014, p. 218) denomina de *noema*, implicando memória e experiência cotidiana. Nessa acepção, a análise diz respeito a compreender que lógica fundamenta o sentido das ações das quatro mulheres que sofreram violência e o que essas ações significam na situação atual, por caracterizar uma nova forma de representar o passado. Noutras palavras,

Narrativas de experiências vivenciadas pelo próprio falante fazem referência, portanto, tanto à forma de lidar atual com esse passado como também ao que foi vivenciado à época. Da mesma forma como o passado também se constitui a partir do presente e da projeção de acontecimentos vindouros, o presente deve ser compreendido como produto do passado e da representação do futuro. (ROSENTHAL, 2014, p. 219).

As quatro mulheres em seu cotidiano, marcado pela violência, encontraram no passado narrado um sentido vivido no presente baseado em seus papéis sociais e uma realização pessoal voltada para o futuro e estabelecida nas relações vinculantes da história de vida, tendo em vista que a lógica temporal as levaram a transcender a condição da própria vida e responder pelos papéis que elas desempenham na sociedade, recordando que todas elas eram mães e chefes de família.

Nos papéis de mães, as quatro mulheres tiveram que desenvolver comportamentos que se esperariam em razão da condição ocupada na vida familiar

e social. Elas tiveram que desenvolver uma nova realidade cotidiana ou um novo projeto de vida. É por isso que se pode dizer que “o significado da experiência deriva da relação entre processos em curso e o esquema de interpretação” (LUCKMANN, 2014, p. 65).

Nas interpretações de SA, a sua condição de mãe tem como lógica proteger e providenciar estrutura estável para seus filhos. Em suas palavras: “*Eu queria muito um pai para meus filhos. Eu tinha medo, sabe? De eu estar com meus filhos sozinha e as pessoas julgar [...]. Então, o X<sup>41</sup> é uma pessoa de Deus que apareceu para mim no momento certo, na hora certa*”.

Em outro trecho da narrativa de SA, vê-se que ela coloca os filhos como uma razão máxima de sua vida. Em suas palavras: “*se meus filhos não existissem a minha vida não tinha sentido, nada disso tinha sentido, nada do que fiz teria sentido. Sem meus filhos o meu mundo ia acabar, não teria sentido nenhum*”. Dois aspectos podem ser analisados na narrativa de SA. O papel de mãe e a sua condição íntima associada ao temor do julgamento social, mas também à certeza de que a sua nova realidade de formar uma família (mãe, “pai” e filhos) se encontra na ordenação de Deus, na medida em que SA relata que “*X é uma pessoa de Deus*”, ao mesmo tempo em que dá ênfase à sua afirmação dizendo que ele (X) apareceu para ela “*no momento certo, na hora certa*”. A experiência familiar de SA no atual cotidiano apresenta-se valorizado quando ela se denomina feliz com a sua nova família. Ela fala: “*estou muito feliz*”.

Rememorando a vida passada e a vida que constitui a sua vida presente, SD faz uma correlação de sentimento do bem-querer e de permanecer feliz em família, relacionando isso como uma projeção para vida futura. A perda do seu filho, em razão da violência, narrada de forma antecipada numa conversa entre mãe e filho, representa uma lógica dual: SD, mesmo com a perda violenta de seu filho, foi por ele preparada para conceber a ideia de que Deus permite que seus filhos morram e que isso é de sua vontade, independentemente do que as pessoas desejam. SD narra:

*Hoje eu sou essa pessoa, tem hora que derramo uma lágrima, doi, mas eu sou muito sorridente, eu gosto muito de brincar. E meu filho pediu isso para mim: mãe se Deus nos tirar primeiro que a senhora, eu não quero que a senhora abaixe a cabeça, eu quero que a senhora continue sendo essa pessoa que a senhora é, transmitindo alegria para os outros e assim eu*

---

<sup>41</sup> Usa-se a letra “X” para representar o nome da pessoa que SA referiu-se como padrasto de seus filhos.

*continue. E assim eu quero terminar minha vida, correndo, sorrindo, gritando pelo mundo.*

SD continuou narrando que a dor pela perda do seu filho foi tratada como um acontecimento que lhe deu consciência sobre a vontade de Deus em sua vida e de que ela poderia ajudar outras mães a cuidar de seus filhos, no caso de esses entrarem em uma situação em que a violência se faça mais presente e traumática. SD cuida de si mesma expulsando o sentimento de qualquer tipo de remorso. Na lógica de um novo projeto de vida, de novas razões para viver apesar das críticas familiares, como ela mesma afirma na entrevista:

*Eu sei que uma coisa muito importante aconteceu comigo eu tive tempo de abraçar meus dois filhos e dizer a eles o quanto eu amava, o quanto isso é importante para mim em antes deles se acabar. [...] hoje eu não tenho remorso de nada e é por isso que minha família me criticou, pela experiência que eu passei e eu continuei falando e falando deles, falando em Deus, eu não escondi a dor, eu joguei a dor para fora, entendeu? Essa é a minha vida e hoje eu quero viver para as outras mães ajudar seus filhos, eu tenho mais dois filhos para mim cuidar.*

Na narrativa de SC percebe-se que a dor lhe possibilitou conhecer sua força interior e sua capacidade de resolução no processo de reconstrução de sua vida, como ela mesma reconhece: *“Não tinha assim uma pessoa para falar exatamente o que tinha que falar, porque quem tinha que tomar essa decisão era eu, então, pus Deus na frente e tomei a minha decisão”*.

SC aponta alguns aspectos como indicadores de sentido de vida, mesmo díspares na vivência atual, a paz, a felicidade e o prazer compõem o quadro das expectativas presentes e futuras:

*De ter a paz, a gente não tem. Tem assim prazer pelos filhos. Viver? Viver, vivo porque eu tenho meus filhos, eu tenho que viver por eles, tipo assim encontrei o sentido da minha vida? de viver? de ter felicidade?, não ainda não. [...] Às vezes pode ter alguma felicidade de momento, mas aí passou, aí volta tudo de novo. Já está bom, é um começo.*

SC reconhece que a dor provocada pela violência ainda está presente na sua vida e interfere na percepção da felicidade e da paz, no entanto sua esperança fundamenta-se na força de vontade e nos valores, considerando-se que *“o sentido não só se modifica de um dia para o outro e de uma hora para outra, mas também é diferente de pessoa para pessoa”* (FRANKL, 2003, p. 68).

Sobre SB, a construção de sentido foi elaborada em relação às interpretações feitas por outras pessoas significativas e que coincidiam com os seus próprios sentidos e desejos de superação. SB, referindo-se a pessoas da sociedade diz que se puseram a ajudá-la: “Ó, SB, explicava, não é só seu filho que passou por isso, não é só você que passa, não precisa ficar com tanta vergonha, não precisa. Você pode sair, levanta a cabeça e pode sair para a rua [...] vá em algum lugar”.

Nas lições de Rosenthal (2014, p. 221), analisando biografias da história de vida de um sujeito deve-se “considerar as definições construídas pelo indivíduo sobre sua biografia”, mas também deve-se “analisar interpretações feitas por outras pessoas”. Olhar, no presente, o passado com as ressignificações construídas no curso da vida, importa considerar que a condição do presente é, ainda, uma situação de inacabamento dos processos humanos, por isso o futuro projetado naquele passado se presentifica com novos significados que capacitem o sujeito a tomar decisões responsáveis e a fazer opções concretas.

O presente tem um olhar de testemunha e, como tal, um olhar parcial da realidade. O olhar do presente tangencia sentidos e padrões universais, mas os olhares do passado e do futuro o complementam pelas suas características particularizadas. No entrecruzamento da ocorrência passada, presente e futura, amplos sentidos são possibilitados para facilitar o descobrimento e as interpretações de valores que muitas vezes são acionados apenas em razão de determinada situação.

Procurar a complementariedade entre os olhares presente, passado e futuro é analisar que valores pessoais e sociais as quatro mulheres acionaram como lógica de sentido para as suas vidas. Em todas as histórias de vida, a interpretação sobre o julgamento do outro (da sociedade) em relação às suas tragédias foi definida como trabalhar de “*cabeça alta*” (SB), continuar a vida “*sem culpa*” (SD), refazer a vida, “*especialmente quando você tem filhos*” (SA) e se auto fortalecer, isto é, “*me fortalecer e seguir em frente*” (SC).

Enfim, a lógica de sentido das quatro mulheres em seus distintos contextos de tragédias consiste num reconhecimento da força subjetiva delas, mas também da descoberta de que a interpretação do outro e da sociedade acaba reforçando a forma de como elas percebem e se responsabilizam pelos acontecimentos do seu cotidiano.

#### 4.3.2 Perspectivas subjetivas de vidas reconstruídas: autotranscendência

Na perspectiva de Frankl (2003, p.77), a auto-transcendência é “uma característica ontológica da realidade humana”, pois

[...] ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do homem não é por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. (FRANKL, 2003, p. 77).

Por conseguinte, a capacidade de auto-transcendência dos seres humanos em contexto de violência, constitui-se, na busca de supra sentido. Na perspectiva de Frankl (*apud* SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 571), o supra sentido diz respeito ao fato de que “a vida tem um sentido incondicional, não obstante as circunstâncias”, que “só é apreendido pela fé, pela confiança e pelo amor”. Além dessa razão, Frankl ainda pontua que é preciso identificar respostas dos “porquês?” algo acontecer na vida de alguém, na natureza, na própria vida, etc. São respostas-sentidos a serem encontradas e descobertas. Segundo Frankl, baseado na leitura de Nietzsche, que “quem tem um porquê viver, suporta quase todo como”, e “um porquê” caracteriza-se como “um conteúdo de vida”.

Com essa acepção, busca-se avaliar o “como” as quatro mulheres, com suas tragédias em razão de diferentes tipos de violência, além de se manterem conscientes da sua situação tiveram as suas justificativas para descobrirem os seus “porquês” e “para quê”, na construção de processos resilientes de realidades suportáveis no cotidiano. Objetivamente, para se aprofundar na análise subjetiva sobre as respostas encontradas por cada mulher, é preciso perceber que “um processo subjetivo totalmente isolado é inimaginável, mas toda experiência em curso tem pelo menos um horizonte temporal de experiências passadas e esperadas” (LUCKMANN, 2014, p. 67).

Numa perspectiva subjetiva, Berger (2013, p. 34) diz que quando não há um sentido para a vida cotidiana o indivíduo entra em “um estado de anomia”, porque ele também é produto da sociedade, e a sociedade é estruturada para manter projetos socialmente ordenadores. Isso leva a compreender que, em Berger, a noção auto-transcendência teria uma dupla característica: seria, parafraseando

Kierkegaard, um estado nômico para fora, mas, dialeticamente, um estado nômico para dentro, construído na base de socialização – “o indivíduo continua a ser um *co-produtor* do mundo social, e de si mesmo” (BERGER, 2013, p. 31). Nesse aspecto, “por pequeno que seja o seu poder de mudar as definições sociais da realidade, ele deve, ao menos, continuar a dar a sua aquiescência aos que o foram como pessoa” (BERGER, 2013, p. 31).

Aproximando-se dessa realidade dialética, marcada pelos traços fenomenológicos existentes nas experiências de vida, Frankl, também, dialetiza a questão do sentido da vida, conjugada nos tempos presente, passado e futuro: se devemos perguntar-nos qual é o sentido da vida ou se a vida nos dirige para algum sentido. Assim,

Agora também entendemos como é falsamente colocada a pergunta pelo sentido da vida, quando ela é colocada desta forma, como em geral se pergunta: nós não devemos perguntar pelo sentido da vida – a vida é que coloca questões, que nos dirige perguntas – nós somos os interrogados! Nós somos os que têm que responder, que dar constantemente resposta à questão da vida, às “questões vitais”. O próprio viver nada mais é que ser interrogado. Todo nosso ser não é mais que uma resposta – uma responsabilidade da vida. Nesta perspectiva, também nada mais pode nos assustar, nenhum futuro, nenhuma aparente falta de futuro. Pois agora o presente é tudo, pois ele contém as perguntas eternamente novas que nos são feitas. Agora tudo depende respectivamente do que se espera de nós. O que, porém, nos espera no futuro, precisamos sabê-lo tão pouco, quanto nós o podemos. (FRANKL, 1990, p. 69-70).

Na história das quatro mulheres, a socialização verificada ganha relevo quanto ao aspecto da dignidade ao desempenhar os seus papéis sociais (mães e mulheres), e delas esperados. A experiência do sofrimento não deveria servir de banimento delas. Elas se descobrem e se firmam como responsáveis pela vida delas e dos que lhes são queridos. A máxima referência dessa obrigação elas encontraram na representação simbólica da força advinda de Deus. A crença em Deus apresentou-se como uma verdade realizadora de posicionamentos vivenciais e valorativos de tal sorte que elas, com isso, tiveram condições de enfrentar os seus problemas, ter consciência e responsabilidade sobre eles frente ao inevitável. É de se adequar que tanto os problemas vitais quanto os religiosos, na prática, se intercambiam e têm importância incondicional nas experiências trágicas na vida das quatro mulheres estudadas, embora a crença delas se fortalecesse não pela imposição institucional, mas, concretamente, pela livre opção de crer em Deus.

Como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer (GEERTZ, 1989, p. 76).

Nas diferentes formas de possibilidades representadas pela ideia “de algo pleno de sentido”, “para o existir feliz”, “do decidir viver de cabeça erguida” e “de amar sempre os filhos”, as quatro mulheres adquiriram seus próprios motivos para viverem até o fim. Essa atitude que pode ser denominada de comportamento resiliente, criado a cada momento ou a cada escolha, dá a entender que o ponderável na vida cotidiana daquelas quatro mulheres se condiciona, fortemente, no ato de aceitar que a crença em Deus as ajudou e as ajuda a compreender que, se a vida tem sentido, o sofrimento inevitável também o tem.

Além disso, elas (SA, SB, SC e SD) também deram respostas conciliadoras de que há sentido na vida, na sobrevivência, como foram capazes de mostrar o “sem-sentido” de suas próprias mortes, quando elas evitaram o suicídio ou superaram a vontade de morrer. Porquanto, a vida vivida, independentemente das condicionantes do destino, fica armazenada como uma realidade presente, passada e futura, e deixa-se modelar desta ou de outra forma. Como dizia Goethe<sup>42</sup> “não há situação que não se deixe melhorar, seja através de atividade ou de paciência”.

#### 4.4 A RESILIÊNCIA: UMA PRÁXIS SOCIAL SUBJETIVA E OBJETIVA

Nos significados constituídos da existência, o indivíduo sofre transformações, ou, na visão bergerniana, sofre alterações na sua biografia, pois “o indivíduo pode fabricar acontecimentos e inseri-los nos lugares adequados, sempre que forem necessários para harmonizar o passado lembrado com o passado reinterpretado” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 205).

SA, mesmo em tempo real de violência, mantinha a consciência de sua situação, depois que percebeu que os abusos sexuais praticados pelo seu pai e omitidos pela família não eram uma coisa normal em sua vida, de modo que ela, sofrendo, rezava para que alguém pudesse ajudá-la. Em suas palavras: “*ninguém fazia nada para me ajudar*”. Em seu relato narrado, a SA colocou a sua memória

---

<sup>42</sup> Frase trabalhada nas reflexões de Viktor E. Frankl ao tematizar em sua obra *A questão do sentido em psicoterapia* (FRANKL, 1990, p. 73).

dizendo *“ninguém tinha coragem de ir lá enfrentar ele, eu ficava lá sofrendo, rezando, para poder aparecer alguém para poder me ajudar e nunca aparecia ninguém”*. *“[...] eu não podia contar para ninguém”*.

No presente, a sua ação foi refletida para o futuro na medida em que a SA disse: *“eu cansei de tudo, das ameaças, das chantagens e decidi enfrentar, decidi enfrentar ele”*. Depois de ter alterado o curso de sua vida ao decidir sair de casa e ficar e amar os filhos, a SA ainda teve que enfrentar falsas promessas religiosas, pois a pastora e pessoas da igreja evangélica haviam-lhe dito que se ela batizasse esqueceria o passado, porém, segundo ela mesma, não esqueceu a violência sofrida: *“[...] que eu tinha que batizar porque se eu me batizasse ia esquecer todo o meu passado, mas não, não esqueci”*. Em relato contínuo, a SA ainda enfatiza que: *“batizei, eu confiei na palavra deles sabe? Mas, é tudo mentira não esquece não”*. Mas o interessante acontece quando a SA afirma que Deus a ajudaria.

Desse modo, novas e plausíveis realidades são construídas mesmo que em estado de superação ou de alteração, como acontece nos casos da violência. Assim, o indivíduo “subjetivamente não está mentindo a respeito do passado”, mas fazendo o passado “harmonizar-se com a verdade, que necessariamente abrange tanto o presente quanto o passado” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 206).

Mesmo tendo passado por todos os tipos de violência, medo e ameaças e sentindo-se sozinha, a SA foi capaz manter a sua esperança em Deus. Ela, narrando a sua história, compara Deus como uma pessoa. O ente transcendente místico de SA (Deus) alcança um sentido personificado e presente: *“eu não tinha ninguém, só Deus, eu contava só com Deus, era a única pessoa que podia me escutar, porque ele não podia ameaçar”*. O sujeito “ele” aqui era o pai violento e chantageador.

Sem investimento social, educacional, político e econômico, a resiliência, como um fenômeno bio-sócio-psicológico exteriorizante, liga-se à biografia individual e à mobilidade social – mundo real onde há contextos de violência e possibilidades de momentos de paz. A resiliência tende, portanto, a promover socializações (eventos passados) ou ressocializações (acontecimentos presentes), minimizando-se conflitos ou os efeitos deles. A alteração da biografia de SA pode ser percebida quando ela decide sair de casa com os filhos, porque os ama muito, e obtém apoio de uma pessoa estranha, isto é, *“receber a ajuda de uma enfermeira que nem me*

*conhecia direito e me botou dentro da casa dela, quando todo mundo me abandonou”.*

No mundo nômico das socializações, as frustrações, decorrentes de qualquer evento, também determinam a constituição dos indivíduos. As frustrações podem compelir os indivíduos agirem, ou não, de determinada forma. Todavia, é preciso conscientizar que “o nosso ser é exatamente um ser responsável” (FRANKL, 1990, p. 75), inclusive para compreender o sentido da morte.

A SA, mesmo tendo dito que conversava com Deus, também, pensou na morte dela e de seus filhos para se protegerem contra o seu agressor: *“eu queria morrer, mas eu queria levar eles junto comigo porque eu não queria que eles passassem o mesmo que eu, porque se só eu morresse eles iam ficar, ia continuar do mesmo jeito, ai a história não tinha sentido nenhum de eu ter feito aquilo”.*

No mesmo sentido, a SB, falando da morte de seu companheiro promovida por ato de seu próprio filho, no intento de defendê-la contra o padrasto, descreve que *“[...] a gente pensa em se suicidar, pensa em fazer alguma coisa, mas Deus é muito pai. Eu pensei duas vezes em me suicidar, para sair, assim para mim não escutar mais conversas[...]”.* O sentido dado da autoridade de Deus por SB ressoa de igual modo na ordenação social. SB relata que *“uma vez eu comprei até o veneno, depois fui beber e parece que Deus revogou, que eu ia beber mesmo”.*

A sociedade, por sua vez, estabelece a estrutura socialmente adequada a respeito do comportamento dos indivíduos. “Em outras palavras, a sociedade determina durante quanto tempo e de que maneira o organismo individual viverá”, ou seja, “a sociedade pode aleijar e matar” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 230). Assim, comparada a um organismo biológico, a sociedade penetra e controla o funcionamento dos sentidos da existência. De fato,

O homem é biologicamente predestinado a construir e habitar um mundo com os outros. Este mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva. Seus limites são estabelecidos pela natureza, mas, uma vez construídos, este mundo atua de retorno sobre a natureza. Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo. (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 231).

A resiliência não deixa de ser uma afirmação da dominação da estrutura social sobre a natureza biológica dos indivíduos – que, de alguma forma, passa a ser necessária “para manter a identidade social do guerreiro, objetiva e

subjetivamente”, como disseram Berger e Luckmann (2013, p. 233) ao argumentar que a resistência biológica entra em estado de subjugação em razão da exigência social, e desse confronto, a frustração biológica se perpetua na sociedade.

Nessa direção Frankl (1990) faz uma reflexão da originalidade da essência humana e enquadra a singularidade da existência numa noção relacional: o indivíduo é um ser responsável na sociedade.

Essa originalidade como valor positivo não pode, porém, fundar-se a si mesma – a originalidade do indivíduo particular, adquire valor principalmente porque (analogicamente à significação funcional de uma célula individual para a totalidade do organismo) relaciona-se a um todo superior, a saber, a comunidade humana. A originalidade só consegue ser plena de sentido quando não é originalidade para si, mas originalidade para a comunidade humana. (FRANKL, 1990, 78).

Sob a noção de socialização baseada na resistência e frustração orgânica frente ao controle social, a análise da resiliência também precisa ser colocada na estrutura da temporalidade natural da dor e do sofrimento que foram causados pela violência e dar-nos conta de que a resiliência se inclui como um fenômeno dialético interno e externo. Frankl (1990, p. 40), de modo otimista, mesmo em campo de concentração na Segunda Guerra Mundial, lembra que “o mundo não é sadio, mas curável”. Muito provavelmente a cura da violência no mundo passa pela evitação de novas violências.

Sob a ideia do agir na socialização e na comunidade humana, o jogo é dialético. É claro que se deve insistir tanto no ato de comer e dormir quanto no sentimento da dor e do sofrimento que atende às exigências biológicas do próprio organismo humano. O biológico do ser humano, contudo, se suplanta em razão da estrutura social de ordenação. SA demonstrou-se responsável pela vida dela e a de seus filhos ao afirmar que os ama muito e que o companheiro dela (que convive com ela em união estável depois que saiu de casa) lhe disse que ele amaria pelos dois, mesmo sabendo que ela não consegue amá-lo. SA retrata a fala que tem com o seu companheiro nos seguintes termos: “[...] *o que eu sinto por você é por nós dois. [...] que o amor que ele sente por mim dá para nós dois* (SA sorri)”.

Logo, o ato de resistir, de ser forte e de superar a violência e os seus efeitos (isto é, de ser resiliente), em face das exigências da ordenação social, inevitavelmente implica um tipo de ação humana cotidiana que se deve submeter às

condições construídas socialmente “em que o substrato biológico resiste e é derrotado pelo eu social dentro do homem” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 233).

Segundo Berger e Luckmann (2013, p. 232), na socialização, “a existência social depende da subjugação contínua da resistência, biologicamente fundada, do indivíduo, que acarreta legitimação”. Por outro lado,

No indivíduo completamente socializado há uma dialética interna contínua entre a identidade e seu substrato biológico. O indivíduo continua a sentir-se como um organismo, à parte das objetivações de si mesmo de origem social, e às vezes contra elas (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 232).

Portanto, não seria razoável aos indivíduos que sofrem ou permanecem sofrendo os efeitos da violência, a agirem espontaneamente e de modo irresponsável e antissocial, por considerar que a vida, afetada pela violência, se torna sem sentido e indigna de ser vivida ou que a reação dos indivíduos devesse ser a de gerar mais violência, construindo-se ciclos viciosos em forma de espirais da violência. SB reporta a nomia social dizendo que o filho dela, depois de assassinar o padrasto, foi para a cadeia para responder perante a justiça, ou seja, SB afirma que *“correu na justiça e pagou, está pagando ainda até hoje e ele ficou preso porque quem faz tem que pagar. E eu falei tem que pagar, não deixei fui em cima e ele ficou na cadeia preso, depois foi para pousar, depois foi para assinar, está pagando até hoje. [...] eu gosto das minhas coisas certas”*.

Diante da violência, da dor e do sofrimento, o sentido da vida escora a sua lógica na consciência do indivíduo para que ele possa “distinguir entre sofrer e desesperar” (FRANKL, 1990, p. 39) ou entre amar por ser mãe ou aceitar que a justiça cumpra o seu papel na ordenação da vida social. A sociedade, porém, proíbe aos ofendidos e agredidos da violência de fazerem justiça pelas próprias mãos. SB representa a força simbólica da regra e do cumprimento da lei. Essa atitude de SB teve seu confronto íntimo quando ele pensa que todas as pessoas e a sociedade vão condená-la porque não soube educar os seus filhos.

SB destaca: *“quando acontece com o filho da gente, primeiro vem para as mães e para os pais, é porque não soube educar, é porque não soube, que a gente é de família muito humilde [...]”*. Além disso, o seu companheiro assassinado foi sepultado, como “carente”, em um espaço público do município. Situação de discriminação que se firma na desigualdade social. SB fala o que vivencia: *“é porque*

*ah! não... acho que é porque a gente é pobre demais e não tem condições de fazer um enterro digno, sabe?”.*

Frankl (1990, p. 82 e 95) adverte que o ser humano precisa descobrir-se responsável pela própria vida, e, pela consciência; ele deve reconhecer que o sofrimento pertence à realidade da vida cotidiana. SB, ao descrever a sua alteração de atitude em razão da crença em Deus e por força da ordem social, deixou transparecer a marca de uma dependência do transcendente ao mesmo tempo em que explicita a marca da desigualdade social na medida em que afirma “*a gente é pobre demais*”, o que deve ser avaliado como um distanciamento discriminatório. Essa condição lhe tirou o direito de se ter um enterro digno para o seu companheiro.

Em dois momentos, SB relembra que é preciso superar a própria situação de indignidade e de culpa: “*eu pensei muito em Deus e falei assim eu vou trabalhar e ergui minha cabeça [...]. Porque você não esquece e foi indo assim [...]. Ergue a cabeça e sai, que você não tem culpa, você não ensinou isso para eles*” (eles, aqui, são seus filhos).

De modo semelhante SC, tendo sofrido a perda da jovem filha para os efeitos negativos e suspeitos da droga (assassinato inominado e corpo abandonado no mato), coloca a sua vida sob a dependência de Deus e em uma situação de responsabilidade pelo outro, no caso, os seus filhos. Ela narra: “*E a única coisa que eu tenho na minha vida é Deus e meus filhos, é eles que são minha família, é eles que eu tenho que cuidar até crescer e poder tomar um rumo na família deles [...]*”. No entanto, a violência se fez presente na vida de SC exigindo dela uma atitude na qual terá que conviver com a dor: “*porque é muito triste ter que enterrar um filho, é a pior dor do mundo e quanto mais, quando vai pela violência [...]. É muita coisa*”. Sua experiência religiosa é retratada: “*E tento caminhar, colocando Deus na frente e vou conversando com os meninos*”. O aspecto mais significativo da narrativa vivida e narrada de SC é firmado nesta declaração:

*“Eu tento esquecer aquela cena que eu vi o máximo possível, porque se você ficar lembrando daquela cena aí vem aquela revolta, aquela raiva, aquele rancor, eu sei que Deus não gosta dessas coisas, então eu vou tentando tirar, vou pedindo a Deus para tirar. [...] e se Deus me deu esse fardo é porque eu dou conta de passar”.*

No mesmo sentido retratado por SA, SB, SC acerca da concepção da violência e da forma de lidar com os seus efeitos, SD, com sofrimentos decorrentes

de doença de câncer, preconceitos e discriminações da doença de hanseníase, narra sobre seus temores e questiona, afirmando: *“mas sabe qual é a pior doença que você carrega é a alma, eu estava deixando que aquela doença tomasse conta da minha alma, porque eu estava com medo de sair [...] Eu só preciso hoje ser curada da alma”*. SD declara isso porque foi curada do câncer, porém ainda continua lutando contra a hanseníase. Além de todas as dores pessoais, SD teve que conviver com outras dores tanto agudas quanto à própria dor: filho no tráfico de drogas, prisão, perda do filho para os nefastos efeitos das drogas. Em sua narrativa questionadora sobre os efeitos violentos das drogas, SD pergunta: *“[...] Ou meu filho estava preso? Ou meu filho ia ser morto cada dia um pouquinho?”*. Essa experiência narrada é forte quando SD descreve a atitude vivida quando viu o seu filho esguichando sangue depois de baleado, e que isso *“foi a pior cena da minha vida”*. Em meio aos reveses da vida, vê em Deus uma figura de apoio, orientação e sustentação de sua vida e de sua família: *“eu tinha em que me agarrar, eu não tinha mais por quem buscar, eu sempre tive a certeza que poderia confiar em Deus”*.

Em cada contexto específico e respeitadas as características pessoais de quem passou pela violência ou sofre as consequências dela, a resiliência não deixa de ser um dos tipos invisíveis de controle social. A resiliência passa a ser um dos fatores que compõe os processos de socialização. Não se pode agir de modo espontâneo e antissocial contra a violência. Se a violência não é combatida ou erradicada por mecanismos de segurança social, isso, por si só, não autoriza os indivíduos da sociedade a abrir algum tipo de luta armada ou revidar com violência.

Enfim, a progressividade de frustrações biológicas convive ao lado da esfera pública que determina a forma de liberdade e autonomia de reação dos indivíduos diante da violência. Nesse compasso, a resiliência, embora possa ter um caráter psicológico, emocional, altruístico e de valores significativamente humanos baseados na coragem e superação, subjuga a condição espontânea de reação do indivíduo, ao mesmo tempo em que coloca o indivíduo como ser ativo, formador e reformador de realidades: o indivíduo abre oportunidades para a concretude de sentido da vida. Descrevendo o indivíduo como um ser dotado de sentido e capaz de se responsabilizar por si mesmo diante do sofrimento e da morte em meio a contexto de guerra, Frankl (1990, p. 42) declara que o indivíduo é formador e reformador da sua própria realidade. O indivíduo é capaz de encontrar um sentido independentemente da situação em que se encontra, ou seja,

Ele é também formador de si mesmo; pois o homem é o ser que tem sempre de decidir o que ele é. É verdade: o homem é o ser que inventou a câmara de gás. Mas isto é apenas meia verdade; pois ele é também o ser que, de pé e com uma prece nos lábios, foi ao encontro da morte nessas câmaras de gás. (FRANKL, 1990, p. 42).

Na rotina da vida, SA afirma “[...] *eu digo para as pessoas que sofrem igual eu sofri para não ter medo, para não ficar calada, que sempre vai ter alguém para te ajudar, vai demorar, mas vai te ajudar. E faz toda a diferença, você refazer sua vida, especialmente quando você tem filhos*”.

Entre sofrer e desesperar, deve-se buscar um sentido para viver, mesmo desafiando a morte, mesmo esperando por muito tempo até alcançar apoio de alguém ou de Deus. Sem fugir deste mundo, mas se garantindo vivo nele, o indivíduo resiliente encontra a sua motivação no sentido ativo e profundo da vida para continuar vivendo, transcendendo o sofrimento do cotidiano: auto transcendendo-se na existência, pois

O que importa é a atitude e a postura com que a pessoa encara um destino inevitável e que não pode ser alterado. A atitude e a postura lhe permitem dar testemunho de algo de que somente o ser humano é capaz: transformar o sofrimento num mérito. (FRANKL, 2003, p. 71).

Muito embora haja no mundo destinos inevitáveis (como, por exemplo, sequelas da guerra), as situações de desigualdades sociais não deveriam ser encaradas como destino dos seres humanos. O inevitável disso é traduzido pelo descaso e o pouco que é feito para alterar os elementos que agravam a desigualdade, como é o caso da violência no mundo. Como responsabilizar as quatro mulheres que vivem em contexto de violência a serem resilientes para garantir a estruturação social se o que se tem é a própria sociedade silenciada sobre as ocorrências geradas pela violência?

Mesmo assim, as quatro mulheres mostram-se resilientes, independentemente de as suas motivações estarem baseadas na mera frustração biológica em razão da subjugação da exigência social que inibe reações antissociais contra os efeitos devastadores da violência em suas vidas. As quatro mulheres são resilientes porque são dotadas significativamente do humano em sua existência como um sentido último: a vida. O incondicional da existência dessas mulheres transcende no próprio ato fenomenológico de auto transcender. É um ato de

realização no cotidiano. O viver, para elas, é sentido, está no campo do sentimento humanamente transcendente, ao mesmo tempo produtor de sentidos significativamente construídos na sociedade.

As quatro mulheres vivenciam valores e não se permitiram coisificar-se no contexto de violência; não se colocaram como vítimas da própria vida ou do destino. Ao contrário, em situação derradeira, elas não estão em estado de acomodação diante da desigualdade social e das omissões dos poderes públicos. Não houve silêncio em seus contextos de dor e sofrimento. Tiveram-se diferentes pedidos de socorro. O silêncio é da estrutura social subjugadora.

Entretanto, a dor, o sofrimento e os sentimentos humanos foram traduzidos de diversas maneiras, sem perder o valor dos sentidos compartilhados. Elas, cada uma a seu modo, realizam o seu sentido de vida por meio da fé, da crença, dos diálogos com Deus e com a vida mesma. Não perderam o gosto pelo mundo. A resiliência das quatro mulheres consiste num surgimento original de conexões: passado, presente e futuro. Tais conexões modelam de modo plausível a consciência sendo realizada no cotidiano e que intercambiam a questão do sentido vivido, narrado, e colocado em suas biografias individuais. “O ser humano tem de estar continuamente se exteriorizando na atividade” (BERGER, 2013, p. 74).

Na forma de presentificação do vivido e narrado, a interpretação da consciência não está apenas na facticidade objetiva, mas numa instância de transcendência pela qual as pessoas se reconhecem como seres responsáveis por si mesmos e pela vida, com Deus ou sem Deus. Os agentes de suporte para superar a anormalidade da existência são eleições realizadas individualmente. Não há um padrão universal definidor para a resiliência. Porém, se escolhida alguma religião, Deus, essa opção passa a ser oferecedora de sentido, ao mesmo tempo em que fundamenta os mecanismos construtores da própria resiliência. Na existencialidade de suas vidas, as quatro mulheres são conhecedoras e reconhecem, criticamente, seus contextos de violência, bem como as omissões das instituições (família, sociedade, órgãos públicos, escolas) que lhes deveriam garantir segurança e pacificação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida das quatro mulheres entrevistadas, situadas no contexto amplo das estatísticas do Brasil, confirmam que a violência possui uma natureza *política*, porque é um instrumento de arbitragem no estabelecimento das relações de poder e, ao mesmo tempo, *racional*, porque define os meios para a manutenção do poder de determinados sujeitos – como objetivo primordial – no âmbito das relações sociais, no qual as mulheres (principalmente as mulheres negras) e os homens jovens e negros são os principais sujeitos-alvos da violência. No Estado de Goiás o crescimento acelerado da violência denuncia um modelo de governança baseada nas políticas do medo e do silêncio social, ao mesmo tempo em que mostra os desafios sociais que representam a migração interna do Brasil (assim como migrantes e refugiados estrangeiros) e o conseqüente crescimento desordenado dos municípios, o aumento do tráfico de drogas e de pessoas, as desigualdades de oportunidades, a criminalização das vítimas e de suas famílias, a corrupção, a inconsistência ou inexistência de políticas públicas e a ineficiência da estrutura do controle social.

De igual forma, as relações patriarcais vivenciadas pelas mulheres são veiculadas por diversas formas de violência doméstica e social que atingem diretamente suas vidas, seus corpos, suas vontades, seus sonhos, e, especialmente, a vida de seus filhos e filhas assassinados, presos ou maltratados, pelo qual elas também são culpabilizadas em razão do papel da maternidade. Em alguns casos, de forma simultânea, as mulheres se mostraram reprodutoras das relações patriarcais no âmbito doméstico pelo exercício da violência física e verbal.

Por outro lado, as quatro mulheres coincidem em afirmar que a dor ocasionada pela violência não se supera totalmente, uma vez que as experiências vivenciadas não se apagam da memória, não se esquecem. No entanto, na sua vida cotidiana as mulheres interpretam e (re) significam os fatos do passado, de tal forma que o mundo, e suas relações, se torne coerente e provido de sentido, amenizando ou diminuindo desta forma a dor.

Sem embargo, a dor das quatro mulheres não foi provocada unicamente pela perda do ente querido de forma violenta ou pela violência sofrida em seus próprios corpos, mas pelas ações esperadas e não realizadas pelo sistema de justiça institucional aparentemente indiferente a tais violências, e, particularmente,

nos casos de homicídio vinculados ao tráfico de droga, causando-lhes estigmas sociais ou danos morais irreparáveis como uma delas declara.

Sendo assim, a busca pela justiça por parte das mulheres e das suas famílias fica restrita pelo medo do assassino (agressor), envolvendo a sociedade toda num silêncio conivente e justificador. Não há uma interação comunitária e estratégica de iniciativa pública para comunicar e combater o rebaixamento e a desvalorização do humano nos indivíduos.

Além disso, a resiliência, tida como habilidade de superação e atitude de enfrentamento efetivo de circunstâncias adversas (no caso, a violência), se expressa nas quatro mulheres a partir de procedimentos interpretativos de história de vida, reconstruída subjetiva e objetivamente de forma individual dentro do espaço familiar restrito. Neste sentido, a religiosidade apresenta-se como um aspecto dinamizador de processos resilientes nas quatro mulheres, tendo em cada uma delas traços particulares, bem seja do catolicismo popular e suas devoções, ou pela procura do “caminho do bem”, pela sublimação dos sentimentos de ódio e revolta como busca da vontade de Deus ou, ainda, pela certeza pessoal de que unicamente Deus salva.

Desta forma, o aspecto da religião observado na história de vida das mulheres não se refere às formas institucionais, mesmo que estas tenham sido mencionadas pelas entrevistadas. Na história de vida narrada percebe-se que as fronteiras entre as instituições religiosas são fluidas, em alguns ritos e orações elas encontraram semelhanças, como no caso da oração do Pai Nosso. Também, três das quatro mulheres entrevistadas transitaram por diversas igrejas e expressões religiosas, mostrando-se inconstantes num seguimento ou adesão única, apresentando adaptações pessoais na sua vivência religiosa.

Além disso, as quatro mulheres encontram nas suas crenças orientação, força e motivação no processo de refazimento de suas vidas após a violência. Deus é o Outro presente, um interlocutor nas horas de sofrimento, um Pai que cuida, um colo que aconchega na dor, uma testemunha ouvinte dos clamores, uma voz que revoga, consola, pacifica e que, de fato, a maioria das mulheres desta pesquisa encontrou fora da instituição religiosa, e sem a mediação de agentes religiosos, ampliando-se significativamente para este estudo a compreensão do campo religioso. Nas entrevistas também apresentaram características do deslocamento da religião por meio do processo de mediatização, dado que as mulheres acompanham programações religiosas (cultos e rezas) pela televisão.

Nas histórias de vida narradas pelas mulheres não aparece a religião como um elemento moral que constranja as iniciativas de começar novos relacionamentos afetivos e, por conseguinte novos arranjos familiares, Deus – o Outro – é considerado membro da família, e outras vezes ele é quem providencia essas novas possibilidades. Neste sentido, a religiosidade das mulheres e a busca dos bens de salvação fazem referência às realidades históricas de suas próprias famílias e não a uma salvação após a morte, estes bens de salvação referem-se principalmente à superação da violência, à vida em segurança, ao desenvolvimento dos membros da família em longo prazo, que a tragédia não se repita, nem atinja nunca mais seus lares, e ainda validar “a família” em seus diversos arranjos como um lugar de vida e de proteção, no qual permanecem vigentes os papéis da paternidade e da maternidade.

A legitimação da violência por meio da religião se apresenta com certas ambiguidades na história de vida das mulheres porque, afirmando-se que Deus permitiu tal fato, as situações marginais – enquanto empreendimento social negativo dos homens – isentam as estruturas que promovem a violência de suas precariedades e da responsabilidade social aos protagonistas que as executam, com o qual acaba por se aceitar ações punitivas que ocultam as raízes das desigualdades e a fragilidade das relações sociais construídas pelos homens. Neste ponto de vista, torna-se necessário um novo empreendimento social que permita aos indivíduos exteriorizar sua vontade de sentido, mas também estabelecer novas objetivações não apenas em função do poder, mas de ações racionais que conservem a vida e a dignidade dos indivíduos, assim como a satisfação de suas existências humanas superando.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato S. de. Novos canais de participação juvenil no Brasil contemporâneo. IN: SILVA, Lourival Rodrigues da; DICK, Hilário (Orgs.). **Visibilidades juvenis**. 1ª Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, 2010.

ALMENDRA CA da C, BAIERL LF. A dinâmica perversa da violência e do medo social. **Rev Serviço Soc Soc**, 2002;(72).

ALVES, Júlia F. Cidades maravilhosas, cheias de violências mil. **A violência urbana**. IN: KUPTAS, M. (Org.). *Violencia em debate*. São Paulo: Moderna, 1997.

ALVES, José E. D., Cavenaghi, Suzana. Família brasileira: plural, complexa e diversa. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 406, Ano XII, 29 / 10 / 2012. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/406> > Acesso em: 08 out. 2017.

ARENDT, Hannah. **Da violência**: pensamento político. Brasília: Ed. UnB, c1970.

BASTOS, Agnaldo de. **Ontologia da violência**: o enigma da crueldade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, Ricardo P.; CARVALHO, Mirela de; FRANCO, Samuel. **Pobreza Multidimensional no Brasil**. Texto para discussão nº 1227. Rio de Janeiro: IPEA, 2006. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1227.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1227.pdf).> Acesso em 14 out. 2017.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1986, pdf. Disponível em: <[https://kupdf.com/queue/peter-berger-perspectivas-sociol-oacute-gicas-uma-vis-atilde-o-human-iacute-sti-pdf\\_591126acdc0d605e7a959eb3\\_pdf?queue\\_id=-1](https://kupdf.com/queue/peter-berger-perspectivas-sociol-oacute-gicas-uma-vis-atilde-o-human-iacute-sti-pdf_591126acdc0d605e7a959eb3_pdf?queue_id=-1)> Acesso em 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. L. Desseccularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1), 9-24, 2000, Disponível em: <[www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/desseccularizacaoLERR.pdf](http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/desseccularizacaoLERR.pdf).> Acesso em 10 out. 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970. Disponível em: <[brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf](http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf)>. Acesso: 20 maio 2017.

BITTENCOURT Filho, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. Família. In: **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis–RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Espaço social e gênese das “classes”. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

\_\_\_\_\_. A “juventude” é uma apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões e movimentos**: o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei n. 11.340/2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)> Acesso em: 19 maio 2017.

CÁCERES, Pedro Antonio Chagas. Religião e as raízes da violência no Brasil. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; COSTA, Celma Laurinda Freitas; CÁCERES, Pedro Antonio Chagas. **Religião, etnicidade e violência**. São Paulo: Edições Terceira Via, Fonte Editorial, 2017, p. 11-31.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira **Família e ....**São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CERQUEIRA et al. **Atlas de violência 2017**. Ipea. Rio de Janeiro, jun. 2017. pdf. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>> Acesso em: 30 jul. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher** “Convenção de Belém do

Pará" (1994). Disponível em: [http://cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/convencao\\_de\\_belem.pdf](http://cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/convencao_de_belem.pdf). Acesso em: 25 maio 2017.

CROMBERG, Renata Udler. **Cena incestuosa: abuso e violência sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. Coleção Clínica Psicanalítica. pdf. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=FAQwBCrrypKC&pg=PA28&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=FAQwBCrrypKC&pg=PA28&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 04 maio 2017.

CRAWFOR, Robert. **O que é religião?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **A urgência da “interseccionalidade”**. Vídeo disponível em [https://www.ted.com/talks/kimberle\\_crenshaw\\_the\\_urgency\\_of\\_intersectionality?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br). Acesso em 27 jul. 2017.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismo e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DELL’AGLIO, Débora Dabosco; KOLLER, Sílvia H.; YUNES, Maria Angela Mattar. **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

ERICKSON, Victoria Lee. **Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião**. Tradução Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996. (Sociologia atual).

ESTATUTO DA JUVENTUDE. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm) Acesso em 14 out. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

\_\_\_\_\_. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas, SP: Papyrus, SP, 1990.

\_\_\_\_\_. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Ltda., 1989.

GIFFONI FILHO, Jose Alexander Ribeiro. *A resiliência e seus desdobramentos: a resiliência familiar*. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0806.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

GLANZ, Semy. **A família mutante** – sociologia e direito comparado: inclusive o novo Código Civil. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

GUEDES, Maria Luiza. **A lógica da violência em René Girard**. In: Serviço Social & Sociedade, n. 70, Ano XXIII, Julho 2002.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin et al (coord.). Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. *Revista Educativa*. Goiânia: Editora da UCG, v. 5, n. 1, jan./jun. 2002.

MAGALHÃES FILHO, Glauco Barreira. Uma análise antropológica e política do imaginário puritano na Inglaterra do século XVII. In: GUERRA FILHO, Willis Santiago et al. **Estudos do imaginário jurídico**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conceitos**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>> Acesso em 14 out. 2017.

ISLAS, José Antonio Pérez. Juventude: um conceito em disputa. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes. (Orgs.). **Juventude e Contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Universidade Federal de Goiás: Cênone Editorial, 2009.

HERRERA, Maria Belela. Desafios que o tema direitos humanos coloca para o século XXI. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio et al. **Direitos humanos no século XXI**. Brasília: IPRI – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.

HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia cultural**. São Paulo: Editora Mestre JOU, 1973. Tomo I.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. IN: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n.1. junho 2014, p. 61-73.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião e tecitura da vida cotidiana**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982. Disponível em: <<https://classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/lc3a9vi-strauss-claude-as-estruturas-elementares-do-parentesco.pdf>> Acesso em: 20 maio 2017.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; CASTRO, Bernardo Monteiro de; COELHO, Angela Elizabeth Lapa. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: DELL'AGLIO, Débora Dabosco; KOLLER, Sílvia H.; YUNES, Maria Angela Mattar. **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LIMA, Antônio Carlos. **Por que o incesto não é crime no Brasil?** Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=4574](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4574)> Acesso em: 20 maio 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOBATO, Josefina Pimenta. A proibição de incesto em Lévi-Strauss. In: **Psicologia, o portal dos psicólogos**. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0180](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0180)> Acesso em: 04 maio 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d. Biblioteca de Ciências Sociais.

MOUGEOLLE, Léa. **O conceito de “interseccionalidade”**. Texto produzido em 2015. Disponível em: <<http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>>. Acesso em 16 jun. 2017.

MUSSKOPF, A.; STRÖHER, M. (Orgs.) **Corporeidade, etnia e masculinidade**. Reflexões do I Congresso Latino-americano de Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NABUCO FILHO, José. **Incesto: no Brasil é crime?** . Disponível em: <http://josenabucofilho.com.br/incesto/>. Acesso em: 20 maio 2017.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religião, etnicidade e violência. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; ECCO, Clóvis. **Religião, violência e suas interfaces**. Goiânia: Kelps, 2012.

OLIVEIRA, Irene Dias de; COSTA, Celma Laurinda Freitas; CÁCERES, Pedro Antonio Chagas. **Religião, etnicidade e violência**. São Paulo: Edições Terceira Via e Fonte Editorial, 2017, p. 11-31.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PINTO, Ana Flavia M., **O SUS e a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens no Brasil**. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/biblioteca/publicacoes/populacao-4>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social: uma introdução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violencia domestica ou a lógica do galinheiro. IN: KUPTAS, M. (Org.). **Violencia em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

\_\_\_\_\_. Ontogênese e filogênese do gênero. In: **Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade**. Reflexões derivadas de pesquisa, em co-financiamento da FAPESP e CNPq. São Paulo, s/d, pdf.

SAMPAIO, Tania M.V. Gênero e religião – no espaço da produção de conhecimento. Corporeidade sob o prisma de Gênero, etnia e classe. IN: MUSSKOPK, A.; STRÖHER, M. (Orgs.) **Corporeidade, etnia e masculinidade**. Reflexões do I Congresso Latino-americano de Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod\\_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2017.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Categorias analíticas principais. In: \_\_\_\_\_. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SILVEIRA, Daniel R.; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. In: **Estudos de Psicologia**. Campinas 25 (4), p. 567-576. Out./dez., 2008.

SIMMEL, Georg. **Religião**: ensaios volume 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SILVA, Lourival Rodrigues da; DICK, Hilário (Orgs.). **Visibilidades juvenis**. 1ª Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, 2010.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura popular. In: VALLA, Victor Vicent (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOUZA, Marilza T. Soares de. Família e resiliência. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 5, n. 1-2, nov. 1994.

VANDENBERGHE, Frédéric. Prefácio: misticismo sem Deus. In: SIMMEL, Georg. **Religião**: ensaios volume 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Os fundamentalismos são filhos da modernidade? **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 407, Ano XII, 05/11/2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao407.pdf>> Acesso: 08 out. 2017.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VIEIRA, Liszt. **Os orgonautas da cidadania**: a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WACH, Joaquim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulina, 1990.

WASELFISZ, Julio J. **Mapa de violência 2014**. Os jovens do Brasil. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Mapa-2014-Jovens-Brasil-vers%C3%A3o-Preliminar.pdf>> Acesso em 09 ago. 2017.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 1991.

\_\_\_\_\_. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

TAGUIEFF, Pierre-André. **O racismo**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

TEIXEIRA, Agda. L.; TEIXEIRA, Carmem L.; SILVA, Miriam F. de., O ser jovem em Goiás: diversidade de condições. IN: TEIXEIRA, Carmem L.; SILVA, Lourival Rodrigues; ALVES, Miriam Fábria (Orgs.). **A juventude quer viver**: condição juvenil e redes de proteção em Goiás. 1ª Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, PUC Goiás, 2010.

TEIXEIRA, Carmem L.; SILVA, Lourival Rodrigues; ALVES, Miriam Fábria (Orgs.). **A juventude quer viver**: condição juvenil e redes de proteção em Goiás. 1ª Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, PUC Goiás, 2010.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. Os caracteres da violência e do preconceito. In: **Racismo em mente** / organizado por Michael P. Levine e Tamas Pataki. São Paulo: Madras, 2005.

**ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quais são as características sua família de nascença?
3. Como está constituída sua família atualmente?
4. Quais são as experiências de violência que você experimentou ao longo da sua vida e especialmente nos últimos 10 anos?
5. Pode descrever os fatos violentos que mais marcaram sua vida?
6. Como você se sentiu diante da violência?
7. Quais foram os elementos que contribuíram para você se refazer da violência?
8. Você pode descrever que coisas, pessoas, situações a ajudaram a (re)encontrar o sentido de vida?
9. Você teve alguma experiência religiosa antes, durante ou depois da violência sofrida?
10. Você pode descrever essa experiência?
11. Hoje, como é a sua relação com a religião?

## ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DE QUATRO ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS

### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

#### ENTREVISTA: HISTÓRIA DE VIDA – SUJEITO A (SA)

**1. Qual é o seu nome completo?**

TLF

**2. Quais são as características sua família de nascença?**

*Eu tenho um pai, tenho uma mãe e tenho mais seis irmãos. Esses seis irmãos são contando você? Não, somos sete com tudo. E você ocupa qual lugar entre os filhos? eu sou a segunda, abaixo da mais velha.*

**3. E hoje, como está constituída sua família?**

*Hoje, tenho um esposo, tenho seis filhos, tenho uma vida normal.*

**4. Quais são as experiências de violência que você experimentou ao longo da sua vida e especialmente nos últimos 10 anos?**

*Tem alguma coisa se eu chorar? Quando eu era criança, meu pai me levava para o serviço dele, para ajudar, trabalhar com ele, junto com ele. Ele trabalhava de pedreiro, aí ele colocava eu para ajudar ele e também eu sofri violência, eu fui abusada quanto eu tinha 10 anos, começou quando eu tinha 10 anos, só que na época eu não sabia se era certo ou era errado, porque minha mãe nunca conversou sobre isso com nós, nunca explicou nada disso para nós e na escola também não ensinava isso, então quando começou eu pensei que era normal, aí eu fui crescendo e fui vendo que não era normal.*

*Aí ele começou com as ameaças dele, ele me chantageava falava que ia matar minha mãe que ia separar eu dos meus irmãos que ia levar eu para ir embora e eu nunca mais ia ver minha mãe e meus irmãos e foi assim que começou a violência. Aí eu fui crescendo, aí quando eu estava com 14 anos eu engravidei da minha primeira filha, filha dele comigo, e escutava mais ameaças e mais chantagens se eu contasse alguma coisa para alguém ele matava minha mãe, matava meus irmãos, nunca mais eu ia ver eles. E quando minha filha nasceu eu estava com 15 (anos) ele ameaçou de tirar ela de mim e entregar para um cara que ele arrumou para registrar ela como pai. Aí eu ficava com medo, eu nunca contei nada para ninguém. Aí eu resolvi contar minha história para minhas duas irmãs caçulas, menor do que eu, aí eu contei para elas pensando que elas poderiam me ajudar e elas não me ajudou, saiu esparramando pelo colégio inteiro onde eu estudava e não me ajudou e ainda ficavam me chantageando dizendo que iam contar para ele que eu tinha contado para elas o que é que estava acontecendo que minha filha era filha dele, que ele abusava de mim e elas ficaram me ameaçando. Aí depois a gente se mudou para roça e ele me privou de todos meus direitos: não deixava sair com minha mãe, não deixava ir na igreja, ele deixava minhas irmãs mas não deixava eu, ele não deixava nem eu conversar com minha mãe, nem chegar perto, se chegasse perto ele dizia que eu estava contando alguma coisa para ela, ele batia nela e batia em mim. A gente se mudou para roça, mudando para lá eu estava grávida do meu segundo filho já, aí ele brigou comigo insistindo que o filho que eu estava esperando não era dele, era de um cara que ele arrumou para mim namorar porque as pessoas já estavam comentando da história que ele estava tendo um caso comigo, aí ele arrumou esse rapaz para namorar comigo, mas era namoro assim de pegar só na mão, ele ficava perto o tempo todo, a gente não podia nem dar um beijo; aí eu tive meu segundo filho, e a gente voltou de volta para Itaberai. Aí em 2011, engravidei da minha terceira filha e começou as ameaças de novo, continuavam, não pararam nem um dia, não deixava sair, não deixava levar meus filhos para passear, não me deixava ir no médico, lugar nenhum, eu tive minha terceira filha e continuavam as ameaças, chantagens e nunca podia contar para minha mãe, nunca, jamais. E aí fui indo, indo e em 2014 eu tive meu quarto filho, meu príncipe, meu anjo. (Silêncio) E todo mundo sabia da história, sabia e ninguém fazia nada para me ajudar, (chorando) todo mundo tinha medo dele. Quando você fala que todo mundo sabia você se refere a que pessoas? (chorando muito TLF respondeu) a minha família, as minhas irmãs, os meus parentes, o povo da rua, o conselho tutelar, mas ninguém fazia nada. Ninguém tinha coragem de ir lá enfrentar ele, eu ficava lá sofrendo, rezando para aparecer alguém para poder me ajudar e nunca aparecia ninguém. Eu vi minhas irmãs, todas, indo embora de casa, todas fugiu porque não agüentava mais as brigas com*

*ele, com meu pai e eu fui agüentando por conta das ameaças, por conta dos chantagens e para proteger meus filhos, proteger meus filhos e minha mãe, porque ele dizia se eu contasse alguma coisa, se alguém ficasse sabendo de alguma coisa ele matava minha mãe, se ele fosse preso ele ia matar minha mãe e minha mãe não tinha nada a ver com a história. (Silencio) Até que chegou um dia que eu cansei de tudo, (chorando) das ameaças, das chantagens e resolvi enfrentar, decidi enfrentar ele. Eu peguei meus filhos, todos quatro, sai do jeito que a gente estava, sem comer, sem beber, sem tomar banho, peguei meus filhos, enfiei dentro do coletivo e sai, não voltei mais. Encontrei, cheguei lá no postinho, encontrei uma pessoa que tinha me prometido que se eu precisasse de alguma coisa podia contar com ela, eu cheguei lá e disse que estava saindo de casa, que não ia voltar mais não. Aí ligaram para o conselho tutelar, aí me levaram para lá. Você estava com quantos anos de idade? Eu estava com 23. (Silencio) Chegou lá, eles levaram a gente para um abrigo, eu fiquei lá um mês, por conta da minha idade não podia ficar mais me afastaram de meus filhos, fiquei 8 meses longe de meus filhos. Quanto tempo? 8 meses (chora muito), sem poder tocar neles, abraçar, beijar. Depois de oito meses que eles foram devolver eles para mim. E agora voltou a vida, arrumei um esposo que conheci na igreja, conheci na igreja evangélica e lá eu conheci uma pastora também que disse para mim que eu tinha que me batizar porque se eu me batizasse ia esquecer todo meu passado, mas não, não esqueci.*

##### **5. Pode descrever os fatos violentos que mais marcaram sua vida?**

*(Silencio prolongado) Não existe nenhum que eu posso falar sabe? Porque todos para mim foi marcante sabe? O que mais me marcou foi ele proibir, privar eu de meus direitos sabe? Não ter contato com minha com minha própria mãe.*

*Com respeito a violência, ao abuso, quando você tomou consciência de que uma coisa errada? Com meus 12 anos. Você podia se defender? Eu falava que não queria mais ficar com ele, aí ele me ameaçava, falava que ia matar minha mãe se eu não ficasse com ele, nesse dia em diante ele começou dormir com uma faquinha debaixo do travesseiro para poder me ameaçar. (chorando) Ele dopava minha mãe, enchia minha mãe de comprimido para poder ficar comigo. Esperava todo mundo dormir para poder entrar no meu quarto, é um monstro. Você não podia se defender? Não, nem de um jeito nem de outro, porque se eu pensasse contar para alguém ele ameaçava, e ele não me deixava sair com ninguém, eu era vigiada 24 horas, ele me levava para o serviço dele para não conversar com minha mãe nem com minhas irmãs. Ele me levava na porta da escola e me buscava dentro da escola para não poder conversar com ninguém, não deixava ter colegas, eu era privada de tudo, eu fui privada de todos meus direitos.*

##### **6. Como você se sentiu diante da violência?**

*Eu sentia muito medo. (Silencio). Medo de contar para alguém e ele descobrir e ir atrás, que ele ia mesmo. Sentia-me sozinha, não tinha ninguém, eu tinha minha parte de mim, mas não tinha (chorando), tinha as minhas irmãs, mas não tinha, estava ali todo mundo, mas eu não podia contar para ninguém. Eu vivi sozinha durante todo esse tempo que eu fui abusada, que eu sofria essa violência, não tinha ninguém, só Deus, eu contava só com Deus, era a única pessoa que podia me escutar, porque ele não podia ameaçar. (silencio). Você teve algum aborto espontâneo? Dois. Estava trabalhando com ele quando aconteceu e depois que eu perdi, ele voltou lá em casa para buscar eu para trabalhar com ele de volta. No mesmo dia? No mesmo dia, eu falei para ele que eu estava sentindo cólica, muita cólica, eu disse para ele que estava com dor de barriga, porque eu não sabia o que era um aborto né? Que foi o primeiro, aí quando eu perdi, eu cheguei lá em casa, eu peguei na minha mão, é uma coisinha, sabe? Só que eu senti muito, sabe? Doeu muito de ver aquilo na minha mão! (chora muito), e saber que era um bebê, sabe? Não estava grandinho ainda formado, mas era um ser. Eu peguei coloquei numa sacolinha, botei numa caixinha e enterrei no fundo do quintal onde a gente morava. Aí quando foi 4 da tarde, ele me ligou falando que eu tinha que voltar aqui, que ele não agüentava mais de trabalhar agachado, que a coluna dele estava doendo e voltou lá e me buscou para terminar de sentar piso ainda, eu fui e não contei nada para ele. Depois de três dias que a gente estava lá rebocando, terminou de rebocar a parede do homem eu comentei com ele que eu tinha perdido um bebê e ele falou assim: se eu perdi é porque não era filho dele, por isso é que eu tinha perdido. Aí ele falou que era para mim continuar trabalhando que eu já tinha ido então não era para ficar parada, quando ele chegou lá em casa ele começou brigar. A brigar com quem? comigo, dizendo que eu perdi o bebê, não era filho dele que era filho de outro e pediu para eu desenterrar do buraco onde eu tinha enterrado a caixinha. (chorando) Eu desenterrei, só que na hora que eu abri a caixinha não tinha nada mais lá. Eu chorei tanto, me doeu tanto. E a segunda perda TLF? Foi depois do Samuel. Samuel é o segundo filho? O quarto, essa perda eu nem comentei com ele.*

*Eu nunca vou perdoar ele por uma coisa sabe? Ele falou que meu filho tinha nascido deficiente porque eu tinha dado para traficante. O Samuel nasceu com glaucoma no olho, ele é diferente dos outros. (Chorando) Ele falou isso para mim, meu filho chegou novinho lá em casa, ele nasceu e foi daqui para Goiânia eu não pude ir junto com ele e minha mãe que foi, ficou seis dias internado na UTI, eu não tive resguardo dele, nem um pouquinho. (chorando) No outro dia ele chegou lá bêbado em casa falando que meu filho tinha nascido deficiente porque eu tinha dado para traficante, eu nunca vou perdoar ele por isso, nunca. Deus pode perdoar, mas eu não perdoou, não.*

#### **6. Como você se sentiu diante da violência?**

*Culpada, porque depois que minha mãe ficou sabendo da história, ela falou que eu que era culpada, porque nas horas das brincadeiras quando ele ia brincar com a gente, ele brincava comigo de uma forma diferente, ele brincava com todas nós, lavava nossas cabeças, mas a hora que chegava a minha vez ele me alisava, passava a mão em mim e quando ia lavar minha cabeça, ele lavava das minhas irmãs todinhas no tanque junto com minha mãe e na hora que chegava minha vez ele dizia que tinha que ser no banheiro porque meu cabelo era muito grande, enrolava e eu não sabia lavar. E quando ele ia para o banheiro comigo, lavar minha cabeça ele aproveitava para abusar de mim. Você acredita que conseguiu enfrentar essa situação? Consegui enfrentar esta situação, não por conta das pessoas, mas por conta de Deus.*

#### **8. Você pode descrever que coisas, pessoas, situações a ajudaram a (re)encontrar o sentido de vida?**

*Eu nunca gostei de ver meus filhos sofrer, ele negar comida para meus filhos, negar o banho, negar tudo, quando eu vi ele negar um pedaço de doce para meu filho aquilo para mim acabou, ele bateu no meu filho por conta por conta de um doce. Por conta de um pedaço de doce resolvi entregar tudo, (chorando) acabar com tudo, não agüentava mais aquela história aquela situação e de ver sozinha, todo mundo sabendo, todo mundo vendo, minhas irmãs, meus parentes e não ter ninguém para me ajudar. Só sabia falar que ia tirar meus filhos de mim, se fosse verdade ou julgado, dizia que eu que era culpada que porque é que eu não saía de dentro de casa, eu não saía não porque eu não queria, porque eu não tinha jeito, não tinha saída. Eu era vigiada 24 horas, dia e noite, eu não podia pisar nem na porta da rua, conversar com ninguém. Ter amizade? Nunca!*

O que contribuiu para você enfrentar a violência?

*Entreguei tudo por conta de um pedaço de doce Katuska, ele negou um pedaço de doce para meu filho e bateu nele, eu resolvi entregar tudo. Hoje meu filho também, o Samuel, que tem problema no olho, me deu muita força para mim poder sair de lá. Eu só ia descobrindo que meu filho tinha isso, tinha aquilo, que ele ia ficar cego com aquela coisa dele, (chorando) foi ele que me deu força para poder sair de lá mais ainda, por isso é que eu falo que ele é meu príncipe, meu anjo, ele é tudo para mim. Meu caçulinha. Outra questão, foi o fato de ficar longe de meus filhos, durante 8 meses e receber a ajuda de uma enfermeira que nem me conhecia direito e me botou dentro da casa dela, quando todo mundo me abandonou.*

Você acha que viver faz sentido? Viver faz todo sentido. O que te faz pensar assim? meus filhos, se meus filhos não existissem a minha vida não tinha sentido, nada disso tinha sentido, nada do que fiz teria sentido. Sem meus filhos o meu mundo ia acabar, não tinha sentido nenhum.

*Como o Cláudio se encaixa nessa tua busca de sentido de vida? Um pai para meus filhos, eu queria muito um pai para meus filhos. Eu tinha medo, sabe? De eu estar com meus filhos sozinha e as pessoas julgar "ah aquela mulher ali foi aquela menina daquele caso do abuso que o pai abusou dela, teve quatro filhos com ela e agora ela está sozinha com eles". Eu queria muito de um pai, uma pessoa que cuidasse dos meus filhos, amasse meus filhos, não precisava gostar de mim, mas gostando de meus filhos era o que importava. Eu queria um pai para eles, que eles tivessem uma figura masculina para eles chamar de pai, que quando eles fossem para escola os coleguinhas deles perguntassem cadê seu pai, teu pai não veio te buscar não? Ai eles iam ter um pai sabe? Ia ter uma pessoa para falar assim meu papai vem me buscar, meu pai vai vir comigo, vai me levar na escola, vai passear comigo. Então, Cláudio é uma pessoa de Deus que apareceu para mim no momento certo, na hora certa. Eu gosto dele, mas eu não amo ele. Qual que é a diferença TLF? Não sei, não sei explicar a diferença. Ele gosta de meus filhos, ama meus filhos, trata eles bem, mas mesmo assim não consigo amar ele, não consigo, eu falo para ele e ele fala assim para mim assim: tem nada amor, o que eu sinto por você é por nós dois (sorriso de TLF). Como ele diz, o que eu sinto...? Eu digo para ele que eu não amo ele sabe? Ai ele disse assim: tem nada não, que o que ele sente por mim dá por nós dois.*

**9. Você teve alguma experiência religiosa antes, durante ou depois da violência sofrida?**

*A igreja evangélica é uma religião? Eu participei da igreja evangélica, conheci. Participei, conheci pastor, pastora eles me disseram que se eu me batizasse esqueceria todo meu passado, foi assim uma nova pessoa, eu ia viver uma nova vida como Jesus fez. Mas não aconteceu nada disso. Você se batizou? Batizei, eu confiei na palavra deles sabe? Mas, é tudo mentira não esquece não.*

*Durante a violência não tive nenhuma experiência religiosa? Não. E depois que participou dessa igreja evangélica? Qual é nome da igreja evangélica? Inovar para Cristo. Depois dessa igreja evangélica teve alguma outra experiência religiosa? Não. Alguma pratica preces, alguma outra forma de alimentar sua fé, reza, assiste, você faz alguma outra experiência religiosa? eu rezo, há um canal de televisão que passa sobre Deus eu também assisto, mas eu não frequento igreja.*

*Quais foram teus motivos para participar ou não? Eu participei de igreja evangélica porque eu pensei que indo para igreja evangélica ia acontecer alguma coisa de boa na minha vida sabe? Ia me trazer algum sentido, mas depois que os pastores fizeram comigo, falando que eu tinha que me batizar para poder participar de tudo, do... de tudo em relação a igreja, de cantar igual os jovens sabe? Que estão lá no negócio de jovens, eu esqueci que é que era? Um coral? É, um coral de jovens. Eu queria participar, eles disseram que tinha que me batizar, eu falei que eu queria esquecer meu passado, mi história, eles disseram que eu tinha que batizar. Eu não confio mais na igreja evangélica e nem quero participar da igreja evangélica por conta disso. Eu quero participar da igreja católica, eu quero batizar meus filhos, eu quero frequentar ela, ensinar para meus filhos o caminho certo, sabe? O caminho de Deus. Por que você acha que é o caminho certo? Não sei, eu nunca participei sabe? Não sei, eu confio, eu tenho dois santinhos lá, eu tinha, aí a pastora chegou lá na minha casa e pediu para jogar tudo fora, jogou meus papeizinhos tudo fora, aí minha mãe esta semana, semana passada me deu um Santo Expedito, não, Divino Pai Eterno, aquele que tem a pombinha e Nossa Senhora de Aparecida, e tudo o que acontece, toda vez que vou sair, toda vez que levo os meninos na escola eu peço antes de sair de casa né? Quando o Cláudio vai trabalhar, eu peço, eu rezo por eles pedindo para Deus protegê-los, Deus os abençoe e que meus santinhos também proteja eles. Então eu confio neles, sabe? Nas imagens e eu quero participar da igreja católica.*

**11. Hoje, como é a sua relação com a religião? Por que você acha que é importante?**

*Penso que é importante, porque depois de todo o que eu passei eu sempre conversava com Deus e toda vez que eu conversava com Deus, parecia que meu coração aliviava, sabe? Meu coração estava doendo, eu pensei, tentei muitas vezes me jogar na frente de um carro com meus filhos todos, porque eu queria morrer, mas eu queria levar eles junto comigo (chorando) porque eu não queria que eles passassem o mesmo que eu, porque se só eu morresse eles iam ficar, ia continuar do mesmo jeito, aí a história não tinha sentido nenhum de eu ter feito aquilo. Eu parecia que vinha uma voz que falava assim, eu pedi a Deus muito para proteger meus filhos... aí vinha uma voz que falava assim: não faz isso não, um dia tudo isso vai fazer sentido e parecia que conversava comigo sabe? Eu comentei com a pastora sobre isso, ela não me respondeu nada, ela dizia que era coisa do capeta falando isso para mim que não era Deus não. O que era o capeta a voz que você escutava? A voz. Eu comentei com minha madrinha... qual madrinha? A mãe da minha mãe, ela disse para mim rezar muito que só Deus faz toda diferença e minha avó já está idosa sabe? Só que não comento mais, só que toda vez que eu rezo, que eu peço eu escuto uma voz. Quando estou nervosa a voz vem e fala comigo e eu acalmo, e não sei explicar sabe? O que que é, eu só sei que eu escuto. Te deixa em paz? Deixa. te coloca bons sentimentos? Acalma meu coração. O que essa voz fala? Disse para mim não ter medo, disse para mim esperar a hora certa, disse que está comigo, que eu não estou sozinha. As pessoas falam que eu sou louca, a pastora fala que é coisa da minha cabeça igual eu falei que é coisa do capeta, mas eu não acredito que é.*

*Tem algum outro aspecto que você gostaria de deixar registrado aqui na entrevista sobre as pessoas que sofrem a violência que você sofreu, parece que socialmente ninguém percebeu que estava acontecendo, e quem percebeu ficou em silencio, você tem alguma coisa para dizer, quais são os sinais que podemos ver dessa violência dessa casa, que nos pudesse ajudar para reconhecer em outros momentos?*

*Quando aconteceu comigo, eu ficava num canto, eu vivia com medo, cada palavrinha que eu dizia eu ficava com medo. Então eu digo para as pessoas que sofrem igual eu sofri para não ter medo, para não ficar calada, que sempre vai ter alguém para te ajudar, vai demorar, mas vai te ajudar. E faz toda diferença, você refazer sua vida, especialmente quando você tem filhos.*

*Estou muito feliz com o Vitor e Artur sabe?*

## INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

### ENTREVISTA: HISTÓRIA DE VIDA – SUJEITO B (SB)

#### 1. Qual é o seu nome completo?

MNPS

E o teu apelido? C

#### 2. Quais são as características sua família de nascença?

*Nós todos somos 12 irmãos, faleceu 6 e tem 6, aí minha família é de Bahia, sou bahiana, meus pais também, meus pais é falecidos.*

*Outras características? Meus pais se separaram só na morte. Morreu um e depois morreu o outro, aí que separaram. Vocês também vieram de Bahia, todos os filhos? Eles veio e nós fomos criados aqui, no Goiás. Mas vocês nasceram na Bahia? E nós foi criado aqui.*

#### 3. E hoje, como está constituída sua família?

*Eu tenho três filhos. Você mora com um companheiro? Tenho.*

#### 4. Quais são as experiências de violência que você experimentou ao longo da sua vida e especialmente nos últimos 10 anos?

*Uai, aquela do filho (D). Você quer falar sobre ela? Mas antes de falar dela, quero lhe perguntar, teve alguma outra forma de violência ao longo da tua vida, tipo assim por razão de teu sexo, da tua condição...? Teve! Um desses maridos que faleceu bateu meu olho ficou todo roxo. O teu marido? O Z que bateu aquela vez. O Z te bateu? Bateu e pôs meu olho todo roxo. E porque o Z ele bateu, o que ele falava de motivos? O motivo é que ele bebeu e ficou agressivo. E essa outra experiência que você indicou sobre o filho (D), ela está situada nos últimos 10 anos da tua vida? Você poderia contar sobre essa experiência? Posso. O (D), meu filho, ele tinha bebido quando aconteceu o fato dele chegar de matar o companheiro meu, né? Aí ele fala que foi porque ele bateu em mim, e ele falou que um dia vingava, eu falava não, não é para fazer isso não, é para pôr nas mãos de Deus. E esqueceu, nós esqueceu. E aí foi até que chegou o dia que ele fez. Foi muito triste, muito doído para mim, para ele, que um estava debaixo do chão outro estava na cadeia, foi sofrido, foi... Que a gente quase perde a cabeça, a gente pensa em suicidar, pensa em fazer alguma coisa, mas Deus é muito pai. Eu pensei duas vezes em suicidar, para sair, assim para mim não escutar mais conversa, nem coisas né? Porque dói demais, Zé o que foi, e eu com medo da família revoltada arriba de mim, e foi aquele sofrimento e com muita fé eu venci, mas eu tive muitas vezes de falar, que... Uma vez eu comprei até o veneno, depois fui beber e parece que Deus revogou, que eu ia beber mesmo. Passou aquele branco na minha cabeça, e eu falei não que eu bebo que acabo com isso, aí Deus é pai, não desampara ninguém e naquela hora parece que tocou no meu coração que não era hora de eu ir, não era hora de eu ir, que esperasse que dera a hora de eu ir, que Deus sabia.*

#### 5. Pode descrever os fatos violentos que mais marcaram sua vida?

*Foi o aniversario de meu genro. O (D), teu filho tinha bebido? Tinha, estava na casa dele e tinha bebido. Pode se dizer que não teve briga de tapa, não teve essas coisas. E como é que aconteceu? Como é que aconteceu? Ele estava na casa dele, nós estávamos lá em casa, fomos para casa, que a casa de P (filha de MNPS) era perto. Ele chegou, ele estava bem ruim, estava ruim mesmo, eu não sei se era só bebida, porque eu não estava junto... estava muito ruim. A P falou que ele falou um negócio, disse que começou discutindo tipo assim só de palavra de boca e pronto, foi só isso. E ele veio correndo de lá com a faca na mão, minha irmã estava na porta ele passou e já furou. Ele furou o que? Com a arma branca. Ele furou o que? O José. Depois que ele furou o José o que aconteceu? O José levantou, pegou e jogou uma panela de pressão nele. Aí eu falei para ele, os meninos chegou, tinha dois, um sobrinho meu e outro: "assegura ele". Ligou para polícia, "assegura ele, pode mandar... para prender". Aí nisso chegou ambulância levou ele (José) para o hospital, ele chegou no hospital já sem vida e o filho (D) foi para cadeia.*

*O processo do filho (D) correu na justiça? Correu na justiça e pagou, está pagando ainda até hoje, ele ficou preso porque quem faz tem que pagar. E eu falei tem que pagar, não deixei, fui encima e ele ficou na cadeira preso, depois foi para pousar, depois foi para assinar, está pagando até hoje.*

*Ficou quanto tempo preso? Dois anos, depois ficou no semi-aberto pousando, agora está assim, cumpriu todo direitinho porque eu não deixo, eu gosto de minhas coisas certas, não deixo. Agora está assinando de dois em dois meses.*

*Quando o José morreu vocês não tinham onde sepultar né? Não. Não tinha condição? Eu só pagava*

*a Pax, só pagava o caixão. E o que aconteceu então? Aí aconteceu que, porque nós não tem terreno ele foi enterrado no terreno da prefeitura, que nós não tinha condição de comprar um terreno para pôr ele. E depois que ele foi sepultado aí o que aconteceu, colocaram alguma identificação? Só colocaram uma plaquinha. E essa plaquinha falava o que? A idade dele e o dia que ele morreu. E o que mais tinha? Escreve a data do falecimento, o nome dele. E eles escreveram também a palavra carente? Carente, carente é quando a gente não tem né? O que significa essa palavra carente? É porque a gente não... acho que é porque a gente são pobre demais e não tem condição de fazer um enterro digno, sabe?*

MNPS na descrição desses fatos violentos que você experimentou eu queria te perguntar: sobre a violência que você sofreu com o José, quando o José te bateu. É assim, quando Z te bateu, como é que aconteceu, o que foi que aconteceu? O que ele te falou? *Não, eu trabalhava, eu cheguei do serviço e ele já estava bêbo, tinha bebido na rua e quebrou uns pratos e enfezei, chamei a mãe dele para dar jeito nele aí eu di um empurrão nele e ele me deu um murro, eu chamei a mãe dele para ver que eu estava cansada, que eu cheguei cansada do serviço e ele me bateu.*

#### **6. Como você se sentiu diante da violência?**

*Eu senti acabada, acabada assim que parece que estava tudo acabado para mim assim e até hoje que eu penso doe, que a gente não esquece não, fica na memória da gente, a gente não esquece, o que a gente passou a gente não esquece.*

Tem algum outro sentimento, por exemplo, na experiência com Z aquela vez da violência você se sentiu como? *Eu senti assim, eu apelava assim: ai meu Deus como é que eu estou passando por isso que é muito difícil, a gente... é difícil ficar pelejando com uma pessoa que quer que a pessoa cresça, faça alguma coisa e a pessoa não entende né?*

Teve algum outro sentimento, além de sentir que estava tudo estava acabado na tua vida, com respeito a o que aconteceu com o filho (D)? *Nossa eu fiquei, a gente fica assim envergonhada, a gente fica envergonhada que as primeiras coisas que o povo fala para a gente, a gente que é mãe que a gente não soube assim... Quando acontece com o filho da gente, primeiro vem para as mães e para os pais é porque não soube educar, é porque não soube, que nós é de família muito humilde, nós foi mais criado na roça, trabalhando, que nem leitura nós não tem, mas é isso.*

#### **7. Quais foram os elementos que contribuíram para você se refazer da violência?**

*Eu pensei muito em Deus e falei assim eu vou trabalhar e erguer minha cabeça, vou trabalhar para ver se eu esqueço, a gente esquece um pouco, é o que eu fiz fui trabalhar para os outros, trabalhar e... vou trabalhar que a gente vai esquecendo que a gente vai... que a gente tem um trabalho, tem dia que eu trabalho você vê, você esquece mais, porque se não você faz besteira.*

#### **8. Você pode descrever que coisas, pessoas, situações a ajudaram a (re)encontrar o sentido de vida?**

*A Silvia e o Arcângelo que foi lá em casa me procurar, que quando eu estava de cabeça baixa chegou lá em casa e falo: MNPS não quero que... não é porque você está viúva que eu estou chamando você, que é bom que você distrai. Eles que me ensinou erguer a cabeça e ai eu fui trabalhei para eles, limpei a igreja e convivi com o povo, um conversava o outro conversava, mas sempre o sentido estava sabe? Porque você não esquece e foi indo assim, eles me deu muito apoio. O que mais te ajudou encontra o sentido da vida? A Maria Helena que deu muita força, Maria Helena ficava lá da Itália ligando dando força para mim, conversando e, que tem outro amigo nosso que faleceu também Ostavito que era muito bom para mim, ajudava eu, conversava, ajudava até nas coisas assim quando a gente é muito fraco, me ajudava muito, sabe?. Ele me ajudava e fala assim para mim: Ô MNPS, explicava, não é só seu filho que passou por isso, não é só você que passa, não precisa ficar com tanta vergonha, não precisa. Você pode sair, levanta a cabeça e pode sair para rua e pode, vá ao supermercado, vá em algum lugar, porque a gente ficava assim perdida você não sabia para que lado você... aí eu peguei e fui, aí saí. Ergue a cabeça e sai porque você não tem culpa, você não ensinou isso para eles. Foi assim que eu...*

#### **9. Você teve alguma experiência religiosa antes, durante ou depois da violência sofrida?**

*Eu tive católica eu sou. Já fiquei muito assim na comunidade são Francisco, no Santo Antonio e naquela nossa lá.*

#### **10. Você pode descrever essa experiência?**

*Foi boa. Foi ótima, uma vez rezava na casa da gente, ai ia fazer celebração, ia um dia era na casa de um, outro dia era na casa da gente. Era bom.*

### 11. Hoje, como é a sua relação com a religião?

*Aqui faz poucos meses que eu estou morando, aqui já fui na nossa católica, primeiro não estava tendo, agora tem todo fim de mês tem a missa. Eu sempre que era fim de mês ia de ônibus para Trindade assistir a missa no nosso Divino Pai Eterno e era muito bom.*

Com a experiência dos filhos, você teve três filhos e a mais velha não foi criada contigo?

*Teve três filhos e a mais velha foi criada com as tias dela e sou muito grata a mais velha (filha), a mais velha hoje tem um bom emprego, tem a casinha dela mobiliada de tudo, tem o carro dela, os trem dela trabalhar, tem a bis, tem o menino no colégio, está com 11 anos meu netinho, o esposo dela trabalha no super frango uma pessoa excelente, e ela é de dentro da comunidade.*

Porque você acha que o filho (D) tornou-se essa pessoa violenta naquele dia? *Ele falou lá no dia que foi preso, estava falando com o doutor que passa para ir preso falou que tinha fumado um trem lá. Fumado qual trem? É droga que eles falam né?, não sei que droga que foi, não sei se foi maconha não sei falar.*

Na época você foi ferida, não ficou? *Fique no pé, mas eu não sei qual porque chegou um menino com outra faca e jogou lá eu não sei qual foi, eu não posso falar que é ele porque eu não vi, e assegurando o outro lá e eu passando por perto, nem vi, nem doeu. Foi no pé.*

Você visitou ele (filho D) no tempo que ele esteve na cadeia? *Não. Quem que cuidou dele na cadeia? Eu mandava comida os dias que era preciso e a mulher dele que mandava trem para ele, mas que eu falei para ele: que eu não ia visitar, eu fazia tudo de fora, mas levar não! Arrumava roupa, mandava para ele. Eu sentia vergonha de estar tirando roupa lá da cárcelagem, nossa família nunca passou por isso, só eu passei por isso, que uma dona dessa idade ficar tirando roupa lá e coisa, aí ele falou que não era para mim ir lá, que ele estava com vergonha.*

Porque ele sentia vergonha? *Assim disse ele que sentia, porque aquele não é lugar... é lugar que quem faz trem errado tem que pagar, mas ele disse que para gente ficar no meio, assim e eu que não tenho costume de ficar no meio dos detentos, no meio daquelas coisas não dá certo. Aí ele sentia vergonha, todo mundo de fora olha aí a mãe dele, não a senhora não precisa vir aqui. É igual eu falo, o Pe. Chico sempre falava, visitava. O Pe. Chico que ia visitar o padre falava: não, a pessoa que cai lá dentro fica pior, porque eu vou lá celebrar e eu sei o que é, alí era o maior sufoco.*

O que significa que fica pior? *Porque de lá já vem sabendo é mais coisas ainda. Porque um que entra lá e faz um trem errado aqui, um já passa para outro, nossa eu acho. Se lá cada um ficar no seu cantinho... não dá, eu penso!*

Olhando para o filho (D) você acha que realmente isso que o Presbítero X afirmava e também você acha que a pessoa sai pior da cadeia...? *Não, têm uns que não saem, têm outros que saem porque tem uns que no momento que sai já volta, então é porque não está pensando bem, não está coisando bem, tem uns que saem num dia e volta no outro. Agora, aqueles que querem, aqueles que ergue a cabeça, que passou, que pressentiu que aí não é para eles, não é, e ele sai de lá com a cabeça erguida, sabe não vai né? Lá tem gente de todo jeito, né?*

Como é que você vive sua experiência religiosa?

*Uai minha religião é muito boa, eu não vou sair dela, só vou sair dela quando morrer, não troco da minha religião. Gosto muito das minhas folias, das folias dos Santos Reis, sou muito devota ao Divino Pai Eterno, aos Santos Reis.*

Você reencontrou o sentido da sua vida depois das violências sofridas?

*Uai! Eu sim eu acho que agora eu encontrei, eu firmei mais, eu peço a Deus que vou vencer lutando, trabalhando de cabeça alta. Pedindo a Deus para nunca acontecer mais a tragédia.*

## INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

### ENTREVISTA: HISTÓRIA DE VIDA – SUJEITO C (SC)

#### 1. Qual é o seu nome completo?

MMC

#### 2. Quais são as características sua família de nascença?

*Marcantes? Geralmente minha família sempre foi eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Nós nunca foi assim de casa de tio essas coisas nunca teve, nós vivia muito no mundo, meu pai era operador de máquina e sempre estava num lugar, aí tinha que ir para o outro que ele era firme e tinha que acompanhar, aí nós sempre viveu longe da família. A família nossa era só nós. Agora é que nós está tendo mais contato, mas toda vida era só nós.*

#### 3. Como está constituída sua família atualmente?

*Uai, é eu, meus três filhos e Deus em primeiro lugar. E assim tem minha mãe que eu vou muito na casa dela e não tem meu pai mais, mas sempre estou lá na minha mãe. Atualmente ela fez uma cirurgia, está com 23 dias que ela fez a cirurgia, mas está bem, eu não sou muito de ir lá porque ela mais o marido dela, não dou muito certo com o marido dela, eu evito problema. Mas, a minha mãe eu tenho que ir sempre lá para ver ela.*

#### 4. Quais são as experiências de violência que você experimentou ao longo da sua vida e especialmente nos últimos 10 anos?

*Na verdade, assim na minha infância, graças a Deus foi tranquilo, aquelas tacas que eu tomava, é taca de pai e mãe mesmo que a gente merece. Mas é assim, quando eu casei, 14 anos atrás estava grávida da K, na verdade 16 anos, aí eu casei com o pai do Igor, já estava grávida da K e ele era muito violento, nossa, mas eu sofri na mão do pai do Igor, morava na chácara, ele sai, voltava eu ia falar alguma coisa e ele me batia, nossa sofri demais na mão dele, tanto que eu larguei dele quando o Igor tinha um aninho porque não agüentava mais, aí ficou eu e a Stefane e o Igor né? A K, né? É, eu a K e o I. E ficamos uns 7 anos, só eu e eles, logo eu engravidei da Stefane, ficou quase escadinha os meninos. Chegando isso, eu fiquei 7 anos da minha vida só namorando, me divertindo, nunca tive esses tipos de violência mais né? Mas, que nem você sabe agora tive a de K que foi muito pesada, que nem ela se envolveu com pessoas que não devia se envolver, mexeu com droga e acabou sendo matada né? Com muita violência mesmo, foi terrível né? Pegaram minha filha, mataram e posto fogo, foi muito cruel, mas Deus proverá né? Mas agora está tranquilo e como eu era casada e separei do L por violência que ele quis fazer com meu filho, tipo assim não de por a mão, mas verbal de ficar falando as coisas. Só teve um dia que quis avançar em mim e eu revidei e falei tem que separar porque desse jeito não dá não. Eu não vou largar meu filho por causa de homem né Katiuska? De jeito nenhum, porque meus filhos vem em primeiro lugar, então se falar alguma coisa para eles está falando para mim. E a única coisa que eu tenho na minha vida é Deus e meus filhos, é eles que são minha família, é eles que eu tenho que cuidar até crescer e poder tomar um rumo na família deles né?, na vida deles.*

#### 5. Pode descrever os fatos violentos que mais marcaram sua vida?

*Uai, o pai de meu menino, meu ex-marido ele era muito agressivo sim, ignorante você ia falar as coisas para ele e teve uma vez, que eu me lembro mesmo, que nós discutiu, nossa ele jogou eu no chão e pisava na minha cabeça tanto, Katiuska, eu estava grávida do Igor, filho dele. E ele pisava na minha cabeça assim ó sem parar, eu fiquei sangrando, sangrei pelo nariz, pensei ó meu Deus eu vou morrer desse jeito né? Até consegui ligar para minha mãe e minha mãe chegou lá e tinha fralda cheia de sangue, porque ele tinha tirado sangue de meu nariz né? E foi muito, essa foi a primeira vez que tinha feito isso, aí eu passei a mão na cabeça separei e voltei de novo. Continuou do mesmo jeito, um dia deu dois tapas em mim que eu fiquei assim, mas muito grande, e ele falava que se eu saísse da casa ele ia me matar. Eu peguei um dia, morava em fazenda, aí foi também uns... foi a ultima vez que eu aceitei, um dia deu um murro tão grande assim no meu olho foi o dia dessa ultima briga, ficou roxo assim todinho meu rosto (tocou na cara). Eu peguei e falei assim Senhor essa não é vida para mim não, por mais que eu não tenha apoio da minha mãe, assim porque não falava nada assim que era para ir para casa dela, eu vou caçar um rumo, meu filho já tem um ano, eu vou por ele na creche, eu vou ver o que eu posso fazer. Aí eu peguei e vim embora, escondido dele, porque ele punha eu em cárcere privado, tipo assim fechava eu dentro de casa. Aí eu falei que ia na rua e ele ia tirar leite, peguei duas sacolinhas de roupa dos meninos escondi na mata e falei tem que ir na rua*

vacinar o Igor e amanhã eu volto se não da tempo né? Aí ele pegou e então tá, nunca mais voltei, isso vai fazer, tem 13 anos que separei dele. Nunca mais (olhando para o céu) ele pôs a mão em mim porque sofri demais, demais, demais mesmo. Aí separei dele, fiquei esse tempo tudo namorei, festei, passei bastante, estava nem aí não porque solteira, quero mais é me divertir né? Tinha uma pessoa que sempre me ajudava, nas horas ruins, financeiramente, então ele é uma pessoa muito boa, gostava demais dele, mas a vida da gente segue né? Aí logo eu arrumei o L e ficamos namorando muito tempo. Aí não sei o que aconteceu, não sei dizer se a K revoltou, porque K era uma menina muito boa, nunca tinha me dado trabalho e com 12 anos eu descobri que ela não era moça mais, nossa para mim foi a pior coisa da minha vida foi ter ouvido isso, eu quase matei ela de tanto bater para ela poder falar para mim, eu lembro como se fosse hoje eu falei assim se você não falar para mim minha filha eu vou pisar no seu pescoço aqui até você falar, e ela falou para mim, e a pior decepção ainda é que eu fiquei sabendo que era um homem casado, colega meu da infância, pai de duas filhas; nossa foi a pior coisa, foi na porta da casa dele fiz o maior estrago, falei para ele que não ia ficar do jeito que foi, eu fui pegando ela pelo cabelo para ela me mostrar e ele desmentiu e falei não foi. Ele falava na cara que não foi, e ela falava assim "mãe foi", era uma menina muito boa não precisava de mentir, só que desde aí ela estava me dando trabalho na escola, estava andando com certo tipo de amiga que eu não sabia, aí logo eu fiquei sabendo. Ai teve um dia, o primeiro dia que ela saiu, ela saiu eu peguei e falei assim: gente não tem condição que até agora não chegou, aí ela voltou, então tá! Eu falei onde você foi? Estava na igreja, falava que ia para igreja. Eu deixava, que ela sempre gostou de ir para igreja. Aí eu fui fazer um curso em Nerópolis, que eu entrei no Tabacão e o JL já estava com 4 meses que tinha nascido, aí o L me ligou: ó a K saiu e até agora não apareceu não, eram 11 horas da noite isso foi um sábado, na sexta para sábado, eu ia embora no sábado eu estava fazendo o curso e não podia sair do serviço, e essa menina nada de chegar no domingo trabalhei, cheguei, que eu cheguei me deu o maior trabalho para mim achar essa menina. Ela estava dentro de uma casa de uma menina que foi muito custosa parece que ela matou o padrasto, um trem assim, falei meu Deus o que é que essa menina... que eu cheguei lá eu vi que ela estava com o pescoço meio roxo, tipo assim os meninos meio drogados, sabe? Eu tenho certeza que naquele dia eles tinham tacado droga nela, mas chamei a polícia e a policial me falou: não sua menina não está drogada não, chega em casa conversa com ela, falei então tá! E levei ela embora, sabe? Conversei com ela, ela sempre negava tudo. Depois disso ela saía constantemente. Saía não dava satisfação, se ela tinha uma amizade dela já não atendi o telefone, e foi isso numa luta de mais o menos quase um ano, nessa luta: K você não pode fazer isso com a mamãe, não me importa com você namorar filha, não importo. Não gostava do L de jeito nenhum, era uma revolta porque no começo ela gostava, depois eu acho que era porque ele me ajudava olhar ela, e ele ia falando as coisas, ela foi tomando raiva dele falar, porque eu sempre trabalhei, não tinha tempo né? Mas sempre responsável, cuidava dos irmãos, por fim já não estava cuidando mais, já saía não tinha responsabilidade mais, eu não tinha sossego no serviço, porque ela que olhava o nenê eu tinha que sair correr atrás dos outros para olhar e assim foi, muito tempo, teve uma vez que ela ficou 5 dias fora de casa eu não sabia notícias dela e eu corri atrás dela. Um dia eu cheguei busquei ela na casa do meu irmão que tinha aparecido na casa do meu irmão com o conselho. Outra hora eu achei ela dentro da casa dos meninos que eram uns traficantins cheio de droga lá, busquei ela, inclusive foi um desses aí que matou ela, que eu fui lá buscar ela, sabe? Ai eu sempre falava para ela: minha filha eu tenho medo dessas companhias com que você está andando, eu tenho medo de achar você morta minha filha. Não, eles gosta de mim, eles faz tudo para mim, eles é meus amigos, desse jeito né? Um dia caiu de moto, machucou tudo, pouco tempo antes dela morrer aí eu peguei e cuidei dela, achei ela, ela caiu de moto e ficou com medo de voltar para casa e eu danar, eu fui atrás dela, eu descobri que estava no Fernanda Park longe, dessa casa então tá! Fui lá busquei, ela ficou uma semana comigo, eu cuidando, levava para fazer curativo, todinho. Aí, um belo dia, sai ela, nós estava nesse negócio de assar uma carninha, e ela falou: mãe vou na festa de Itaçu, e eu falei: vai não minha filha, você está com a perna machucada, os outros vão machucar sua perna. Aí ela falou assim: "então tá Mãe! Não vou não" e ficou emburrada, aquele tipo de adolescente. Nisso eu vendo ela conversando pelo facebook, mas eu nem suspeitei né? Ai ela gostava de tomar um energético, aí eu peguei e comprei o energético, ela bebendo seu energético. Pensa que não, ela saiu escondido. Ela saiu escondido? Eu falei: a K saiu escondida de novo meu Deus? Mas amanhã aparece porque ela já é acostumada fazer isso. Não vou nem ligar para polícia mais não, não agüento mais ir atrás de polícia, ir atrás de Conselho, amanhã ela aparece, vou cuidar de meus convidados aqui e deixa que Deus sabe o que faz. Nisso eu fiquei né? Aí eu nem prestei atenção ao facebook dela, nunca deixava o facebook aberto, no outro dia o facebook estava aberto. Aí fui trabalhei ate três horas, uma ruindade, um trem ruim, aí passou peguei o JL porque o L tinha um casamento no grupo que nos ia, cheguei lá, não estava bom e o L bebendo, bebendo, aí falei ai Deus do céu vamos embora, ah não

você está chata você não quer passar no bar, não vamos embora se você quiser sair me deixa lá em casa com os meninos, nós vá embora, deixa meus meninos tudo lá em casa, E, I e JL. Ai eu peguei, ele ficou quieto em casa, eram 10h da noite do domingo já. Ai meu telefone tocou o W policial, W policial uma hora dessa? E já pensei na hora, eu já estava sentindo né Katiuska? Ele ligou e falou assim: você mora onde? Você está morando no mesmo lugar? Estou Wagner, estou morando no mesmo lugar. Você está em casa? Estou. Posso ir na sua casa? Pode. Na maior tranquilidade porque eu sabia né? Nessa a foto de K já estava no facebook, no portal de Itaberai que eles tinha posto todinho para encontrar a família da garota que eles tinham encontrado, aí, mas eu não sabia né? Que eu não estava mexendo nesse trem. Aí ele foi, ele chegou lá em casa e falou assim: ah, sua mãe está aí?, você tem algum companheiro seu aí? Tenho, o L saiu agora foi dar socorrer um amigo que furou o pneu, mas já está vindo na estrada. Não, então tá! Liga para ele vir que nos achamos uma menina ali e nós quer que você vê! Cadê a foto de sua menina? Eu mostrei a foto da minha menina, mas eles já sabia que era minha menina na verdade, porque eles viram, mas é uma forma que eles teve para não me falar. Incluso eu sabia e falava para o Wagner, falava para Pedro: Minha filha está morta, não está? Não vamos precipitar as coisas, tem que ter calma e o L bêbo e não vinha, eu gritei minha vizinha, nisso uma das minhas melhores amigas já morava abaixo da minha casa e já estava mais o menos sabendo o que estava acontecendo e a outra ligou e falou corre lá, que ela correu ficou comigo e eu chamei a outra vizinha minha e falei assim: fica, olha meus filhos que estão todos dormindo que eu tenho que ir. Ai o L chegou, eu acho que a pinga dele sarou de tal forma na hora que eu falei que estava achando que podia ser a K morta, ai ele veio. Que ele veio a polícia disse assim: nós vai esperar você lá no posto Araguaia. Então tá, pode esperar então. E o L foi e nós foi e essa amiga minha Isabel foi junto comigo e com o marido dela já acompanhando eu. Aí quando passei no posto, quando cheguei no trevo de Santa Rita, eu falei assim: meu Deus minha filha está morta, é certeza que é minha filha...eu avisei tanto para ela. Cheguei né? Quando eu cheguei, já de longe eu vi o IML, a vontade que você tem é que tenha o corpo, mas você quer que não seja ela. Cheguei lá, desci do carro, aí a polícia falou assim: pode ir lá. Quando cheguei assim perto dela assim no mato, da cerca que eu vi o pezinho dela eu falei essa daí é minha filha, sem dúvida, essa daí é a K. Aí eu cheguei mais perto, eu lembro só que eu ajoelhei no desmaiei nem nada não, só sei que eu gritava, demais, falava assim: minha filha eu te avisei tanto, tanto, tanto. Aí os policial ficou com dor né? De mim e falou tira ela daqui porque essa mulher é trabalhadeira e não merece ver isso aí e lutou demais por essa menina. E para quem me conhece sabe o tanto que eu lutei por ela realmente. Eu retirei, eu virei para trás e o vi o IML catando ela e as mãozinhas queimadas que tinha tacado fogo nela, mas dava para reconhecer né? Aí pôs dentro daquela van e levou para Goiás e foi embora. Aí eu já entrei em desespero, fui lá na casa do meu pai, contar para ele e meu pai falou assim: minha filha, mas ela que caçou, você fez a sua parte, mas pai eles não podiam ter feito isso com minha filha e na hora lá eu falei mesmo, falei eu quero matar quem fez isso com minha filha, a gente pega uma revolta e como se diz ai quando foi pra lá não caia a ficha, não queria acreditar, fui para casa, com meus amigos esteve comigo a noite inteira, Isabel e ficou comigo lá. Cinco dias para tirar ela do IML, porque o IML estava de recesso né? E uma burocracia danada e era para demorar, mas como graças a Deus eu tenho muita gente que eu conheço foi intervindo e eles liberou. E depois o povo saiu falando com conversa que eu estava sendo ameaçada, nunca teve essa conversa que eles me ameaçou e foi saindo isso tudo. Aí a gente sofre muito, que os meninos sofrem. Aí liberou o corpo, fez o DNA da arcada dentaria, deu que era minha filha mesmo, infelizmente ela não quis me escutar e foi cair no mundo de droga, de amizades falsas, infelizmente levou ela a óbito, mas eu lutei muito quase um ano, lutando para... tinha arrumado até clinica para tentar por ela, nossa estava... o que eu podia fazer, mas eu tinha um nenê de um ano de idade, não podia fazer mais e minha condição financeira não dava para pagar um clinica particular, aí deu no que deu. Aí Deus chamou ela para perto dele, aconteceu isso. Mas aí nove meses depois foi outro baque muito grande foi o falecimento do meu pai, nossa que foi outro que eu não esperava, mas o meu pai eu acho um pouco mais foi desgosto, porque meu pai me ajudava olhar aqueles meninos, que meu pai era o pai deles na verdade, infelizmente sofreu um enfarte fulminante e Deus levou ele né?. Mas, o meu pai eu compreendo, antigamente não compreendia não, uns meses, um ano atrás que ele faleceu, mas agora eu compreendo que meu pai foi a vontade de Deus, já estava com 70 anos, sempre foi um homem trabalhador, trabalhou até o ultimo dia de vida dele e quando Deus chama não adianta né? Então a gente tem que entender, aí quando eu estava tentando superar o falecimento de meu pai, dois meses depois meus dois filhos sofreu acidente, nossa misericórdia foi outro baque que eu achei, eu falei agora eu fico louca mesmo, agora não sei mais o que eu faço, eu pensava e falava... Aí a E falava assim para mim, no dia do acidente: mãe a senhora já passou por coisa pior, não é agora que a senhora não vai agüentar, com a boca toda machucada do acidente, toda assim que eu achava assim ó meu Deus... falava com Deus assim: Deus leva minha filha não, o

Senhor já levou a outra, eu preciso dela eu preciso que ela fique aqui perto de mim, não faz isso comigo e pedia e chorava, e gritava e não sabia o que eu fazia. Fiquei com ela 8 dias na UTI, o povo já estava dando minha filha como morta, o povo da rua que conversa né? Porque graças a Deus ao hospital que eu fui ela foi bem atendida pelos melhores médicos, fui e graças a Deus ela está aí. Tem seus problemas, passa pelo psicólogo, ainda vai fazer cirurgia plástica para rosto, mas são coisas que o tempo vai né? Aí ontem mesmo, uma colega minha conversando comigo na festa do dia das mães falou assim: MMC aonde você arruma tanta força para passar por tanta coisa né? E eu falei assim: primeiramente Deus, segundo meus filhos. Porque o que adianta eu parar a minha vida, têm mais três filhos para eu cuidar, eu não tinha só ela. Tenho minha mãe para cuidar, não tinha só meu pai. Então, tenho que pensar nessas coisas, porque se eu não pensar nessas coisas é lógico que eu entro em depressão. É lógico que você quer sumir do mundo, você tem problemas, você tem contas para pagar, você tem muita coisa para fazer. Tem dia que você quer ficar sozinha, tem dia que você não tem paciência nem para os filhos, mas são coisas da vida não tem jeito. Tem vez que o que você ganha não dá, mas é normal brasileiro tem essa mania de ganhar 800,00 e gastar 1000,00 né? Isso não sou só eu, aí a gente fica com cabeça quente.

Mas, graças a Deus, não está assim superado, porque passou uns tempos depois que minha filha morreu, eles mataram o rapaz, um dos rapazes que foram dois, mas ficou o outro, o outro de menor dizem que ia pegar pouco tempo de cadeia, uns falam que ele está solto outros que não, minha revolta é essa porque tem um ano e sete meses que minha filha faleceu e um cara desses, o que ele fez com minha filha e ele está solto? Mas, isso é a justiça no Brasil. Não tem jeito, você não vai passar por cima e a gente acaba ficando com medo, vivo com medo porque tenho os outros filhos, não sei o que tem por trás disso né? Mas eu não posso ficar pensando nisso, se eu pensar nisso eu não vivo Katiuska. Se eu ficar pensando né? É, eu não abro meu portão para qualquer um, eu morro de medo, porque eu tenho medo não por mim, por causa de meus filhos, né? Eu preciso cuidar deles. E eu peço sempre a Deus que me dei força e saúde para cuidar deles até que estiverem maior e para mim não enterrar nenhum filho não, porque é muito triste ter que enterrar um filho, é a pior dor do mundo e quanto mais quando vai pela violência né? Da tal forma que foi. É muita coisa.

#### **6. Como você se sentiu diante da violência?**

Só que é diferente a descrever, a dor é tanta sabe? Só dor, aquela dor na alma, aquela dor no peito, aquela agonia, aquela sensação que você não está neste mundo, sabe? Aquela coisa assim que não cai a ficha não e até hoje eu sou assim, para mim eu tenho uma sensação acho que alguém me consola, que uma hora minha filha vai entrar naquele portão, que eu vou ver meu pai uma hora é isso que me faz consolar, mas ainda não superei, a gente não supera não, passa 10, 20, 30 anos eu acho que não supera. A gente só tenta amenizar pensando dessa forma que um dia você vai ver, que um dia você vai sentir, sonho tem, a gente sonha, mas hoje o que eu sinto é só aquele vazio que eu tenho no peito, que não tem alegria assim aquela alegria que eu tinha não tenho mais, né? Às vezes até assim, eu acho até que da minha parte somente quando K faleceu eu achava que era culpa minha, que eu não tinha feito mais, que eu tinha que ter feito mais e mais, porque se tudo o que tinha acontecido era culpa minha, se ela não gostava do L eu tinha que ter separado, se ela saía eu tinha que ter saído com ela, essas coisas que eu me sentia culpada e certos amigos falavam para mim: MMC você não tem culpa, você fez tudo o que você tinha que fazer, por que você está sentindo culpada? Mas, a gente acaba sentindo culpada, mas isso no começo, agora não sinto essa culpa mais. Eu sinto assim agora, o que eu tinha que ter feito para ela eu fiz, não me arrependo das tacas que eu tinha dado nela, não me arrependo de nada porque tudo o que eu tinha feito por ela era foi por bem. Infelizmente aconteceu o que aconteceu, tudo o que eu fiz para ela, eu acho que eu sinto a falta dela demais né? E tento caminhar, colocando Deus na frente e vou conversando com os meninos, só que eu sou muito estressada, muito nervosa. Fui numa psicóloga por causa disso, porque tem dia que eu estou em tempo de explodir. Mas é normal, a psicóloga disse que é normal, que eu tenho que mudar algumas rotinas dentro de casa, comigo, com os meninos para ver se vai melhorando, porque se não cada dia que passa piora, você está pensando, maquinando. Eu tento esquecer aquela cena que eu vi o máximo possível, porque se você ficar lembrando da cena aí vem aquela revolta, aquela raiva, aquele rancor eu sei que Deus não gosta dessas coisas, então eu vou tentando tirar, vou pedindo a Deus para tirar. Eu sofro com cada data, data de falecimento, data de aniversário, algumas coisas que ela vai de comer tanto que há muita coisa que ela gostava de comer que eu não faço mais, só que aí eu ponho na minha cabeça ela gostava de comer e os outros meninos também gostava de comer, então tenho que fazer por eles, porque ela não vai querer que eu largue de fazer por causa dela para os meninos, eu tenho que por isso na minha cabeça, é difícil porque você sente falta disso, o abraço, o beijo, um aperto no dia das mães, meu aniversário, é complicado não ter né? Mas a gente vai tentando aí devagarzinho, com Deus na frente. Mas a dor é

grande, a dor aqui (tocou o peito) não cabe, essa dor aqui é para o resto da vida.

### **7. Quais foram os elementos que contribuíram para você se refazer da violência?**

*Primeiro Deus, muitos amigos nunca pensei que eu tinha tanto amigo desse jeito. Foi Deus me ajudando, o L também que pode ter os defeitos dele, mas me ajudou demais o tempo inteiro comigo e os seus amigos também que falavam: ó MMC o que você precisar, tanto que eu tenho uma grande amiga que é ela que estava organizando a clínica e depois da morte dela, ficou, me ajuda até hoje, eu chamo como se diz aquela palavra, uma madrinha que eu não tenho, é ela, sabe? E não fico só, direto é um amigo, tem outro liga, tanto faz homem como mulher.*

*E meus filhos, segundo elemento principal depois de Deus foram meus filhos, porque eles me dão força para mim poder ficar em pé para mim poder prosseguir, que se eu não tivesse eles o que eu ia pensar da vida? O que eu ia querer fazer? Deitar numa cama, prostrada, não queria saber de mais nada! Na hora que eu olho para a cara de meu nenê, olho para Estefane, olho para meu filho que já está adolescente, 14 anos que é uma barra, também que não é fácil o tal de adolescente que agora é que estou enfrentando com ele, mas é totalmente diferente da K. Então foi os principais elementos para poder meu sustentar: Deus, meus filhos, na época meu marido L e os amigos.*

*Minha comunidade, nossa a minha comunidade quando eu morava na Nossa Senhora de Lourdes foi as que me ajudou o tempo inteiro acima de mim depois da violência, porque comigo... se não estivesse ai comigo me dando apoio de Deus, palavra amigas, não sei não, eu acho que eu teria ficado doida.*

### **8. Você pode descrever que coisas, pessoas, situações a ajudaram a (re)encontrar o sentido de vida?**

*A verdade é que o sentido da minha vida fui eu mesma que pôs na minha cabeça, depois que eu pôs na minha cabeça que eu não tinha culpa, que eu tinha que enfrentar, que eu tinha que passar por isso e que se Deus me deu esse fardo é porque eu dou conta de passar. Eu pus isso na minha cabeça e L falava: não, você tem que seguir sua vida, você tem que trabalhar, com 9 dias fui trabalhar. Meu serviço também me ajudou bastante, pessoas do meu serviço me ajudavam a passar e eu que fui pondo, pedindo a Deus: Deus, o Senhor tira isso de mim, eu não quero tomar remédio nenhum, eu não quero ficar depressiva, até hoje eu não tomei remédio para dormir, não quis porque eu ia tomar remédio e ia ficar direto tomando, dependente, uma droga, um químico se ficar tendo que tomar remédio para dormir né? Então fui eu mesma, mais Deus e minha opinião que eu sou muito forte que fez me fortalecer e seguir em frente. Meus filhos, né? Olhava neles, eu tenho que levantar Senhor e pronto. Foi o meu sentido mesmo, forte de eu seguir em frente, foi eles, né? Não foi assim, vinha ó MMC você tem que seguir a vida, muitos falaram. É aquela coisa que não tem ninguém como falar nada, ele só vem te dar um abraço e o que vai falar para mim? Tem jeito de falar nada né? Me dar um abraço e ó MMC eu não sei a dor que você está passando, você Sabe a dor que você está sentindo, então eu estou aqui só para falar pra você o que precisar estou disponível e força. Não tinha assim uma pessoa para falar, exatamente o que tinha que falar porque quem tinha que tomar essa decisão era eu, então, pus Deus na frente e tomei a minha decisão.*

*Você acha que você (re)encontrou o sentido da vida depois da violência? Não! De ter a paz, a gente não tem. Tem assim prazer pelos filhos. Viver? Viver, vivo porque eu tenho meus filhos, eu tenho que viver por eles, mas tipo assim encontrei o sentido da minha vida, de viver, de ter felicidade, não ainda não. Talvez para frente possa encontrar esse... mas tirando meus filhos e minha casa para cuidar de meus filhos não tem aquele sentido em mim de falar assim: eu sou feliz. Não tem como falar, porque não sou, não tem como falar isso eu sou feliz, a gente vive, a gente vai tentando mas felicidade (Não – balançou a cabeça). Às vezes pode ter alguma felicidade de momento, mas aí passou, aí volta tudo de novo. Já está bom, é um começo.*

### **9. Você teve alguma experiência religiosa antes, durante ou depois da violência sofrida?**

*Uai, eu sempre fui católica, sempre fui. Quando eu era criança tinha uma senhora que era evangélica e a gente ia na igreja, a gente era menina e sempre fui católica, só que era uma católica meio afastada, não ia na igreja, não rezava todo dia, até hoje eu não rezo todo dia tá? E só falo com Deus e também não era de ficar indo para igreja assim, mas quando morava na roça eu sempre participava de comunidade, sempre gostei né? Até que por último eu participava muito na Nossa Senhora de Lourdes. Atualmente e mais eu vim buscar Deus mesmo mais na dor, fiquei mais forte com Deus mesmo depois da dor. É? Eu participava, participo agora não assim bastante mas freqüentemente, mas em vista vou em missa, levo meus filhos, só que tenho o meu menino no gosta mesmo de ir, eu tento puxar e é complicado, ele é mais assim, mais seção, não gosta. Eu falo para ele tem que ir para igreja, mas estou conseguindo. Já teve missa no setor e eu levei ele. E agora eu*

tento seguir mesmo, pedir a Deus para me dar força para seguir o caminho (06:09). E quando era pequena minha mãe gostava muito de ir em centro espírita, já fui, participei no Vale com ela, mas eu era pequena né? E fui lá já depois do acontecido umas duas vezes, mas a gente tem que seguir uma coisa, eu gosto da minha igreja mesmo, da católica e tento seguir, mas estou precisando seguir mais, participar mais. É aquela questão eu não tenho tempo né? Que todo brasileiro é assim, não tem tempo de ir na igreja, não tem tempo de rezar, não pode ser assim, eu sei que é errado né? Todo dia tem que rezar, todo dia não come? Então tem que rezar, eu sou falha nisso.

**10. Você pode descrever essa experiência?**

A MMC está falha de ficar rezando, e gosto... Quando eu vou gosto de participar, sou participativa. Lá no Vale eles rezam com a gente que nem a católica mesmo e eu rezo, fico lá, passo pelos seus médiuns lá em suas sessões, e eu gosto, eu acho bonito a forma deles servir, não é aquela coisa antigamente eu achava que o vale era que nem macumba e esses trem, não tem nada a ver Katiuska, tem o pai nosso interessante, pai nosso a mesma coisa, só que você para pelos médiuns deles, os espíritos deles e na católica você tem... tem o nosso Divino Pai Eterno, tem Nossa Senhora Aparecida que eu sou apaixonada então assim eu posso sempre pedir a eles, é tanto assim que todo o que eu vou fazer eu peço a eles: Divino Pai Eterno, tudo o que vou fazer, a gente tem essa mania né? Eu descrevo que eu não sou uma boa seguidora de Deus, assim que possa falar assim não eu estou apta, tenho que melhorar bastante rezar mais, pegar meu terço e seguir mais porque quando minha filha faleceu, todo dia eu ligava a televisão e rezava o terço. Hoje pode contar quantas vezes eu ligo a televisão e rezo o terço, então todo dia eu fazia isso, então tenho que pegar o hábito de todo dia fazer isso, cinco horas eu ligo a televisão enquanto arrumo os meninos para ir para escola e sempre vi o terço de Nossa Senhora de Aparecida, então minha rotina sempre era essa, agora já estou falha, tem tempo que não faço isso. Rezei agora, estes dias procurei a Deus na dor que meu sogro faleceu, rezei meu terço para ele e pedi muita oração por ele, mas a gente não pode fazer só na hora que precisa. Você tem que agradecer quando está ruim, agradecer quando está bom e agradecer imensamente todos os dias.

**11. Hoje, como é a sua relação com a religião?**

É sou católica mesmo, eu gosto de participar aqui com o Pe. Daniel que até gosta demais de mim, só que estou assim meia parece que eu estou lá no mundo da lua sabe? Mesma hora que eu estou querendo uma coisa, parece que estou querendo outra, mas eu gosto de participar na católica e fica assim sem saber o que faço tem hora, Senhor eu tenho que ter uma posição com a minha vida, pegar firme. Parece que eu estou assim, flutuando, até comentei isso com a psicóloga. A psicóloga: tem que rezar mais e pedir a Deus que seja o caminho que ele quiser com tanto que você siga não importa religião, tem que seguir firme. Eu vou tentar, mas eu gosto mesmo é da católica que é para onde meu pai sempre foi, meu pai era que nem eu, meu pai não era de ir em igreja Katiuska, mas pensa num velhinho católico, todo começo de mês ele estava no Divino Pai Eterno, todo dia estava em Trindade, todo começo de mês, não era de ir na igreja era de pedir em casa era que nem eu. Eu não sou de ficar indo para igreja, mas eu gosto de ficar pedindo em casa, ler a minha bíblia em casa, também pode contar às vezes que eu leio, tem que saber. Mas é isso que devagarzinho vai se encaixando.

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO**

**ENTREVISTA: HISTÓRIA DE VIDA – SUJEITO D (SD)**

**1. Qual é o seu nome completo?**

RADS

**2. Quais são as características sua família de nascença?**

*Minha família veio, assim, marcada com primeira página com muito amor pelos pais, aí com o passar do tempo já foi marcada com a dor que foi as perdas. Comecei a perder os entes queridos muito jovem, perdi dois irmãos. Aí a gente veio tendo mais um pouco mais de sossego com muito amor, aí logo eu comecei a perder de novo a família, a gente foi marcando cada ano era uma perda, aí a gente teve mais um momento de felicidade, aí eu percebi que tinha mais perda pelo meu pai, adoeceu foi muitos anos de tratamento, a gente lutando por ele e com a enfermidade fatal que foi o câncer, aí veio a perda dele. Quando a gente pensamos que estava superando a perda do meu pai, ao passar os anos veio outra tragédia na minha família a perda do um ente querido, meu irmão, essa perda me marcou muito. Hoje faz sete (7) anos que ele nos deixou tirado pela mão do homem. Aí eu percebi que a dor não poderia me derrubar porque acima de mim existe um Deus e eu lutei junto com a minha mãe para superar. Sete (7) anos se passou e eu tive mais outra dor, terrível, que eu não esperava por elas, que foi a perda dos meus dois filhos. Aí eu fiquei sem chão para pisar, não queria mais viver, mais lembrava sempre que Deus existia, aí eu busquei recurso em Deus para superar. Hoje eu vivo aqui marcada pela dor, pelos meus filhos. Acho que eu luto, choro, sorrio, mas falta algo para mim.*

**3. E hoje, como está constituída sua família?**

*Despedaçada, porque após a perda desses entes queridos a gente foi cada vez se afastando mais um do outro, nós não conseguimos mais unir essa família que um dia nós foi muito unida. A perda foi afastando. Hoje eu me sinto só, sinto falta daquela família unida, e foi pela perda que minha família foi desunindo.*

*A tua família, está constituída hoje por quais pessoas? Hoje para mim, construindo a minha família é a minha mãe, a minha filha e a minha irmã. Porque eu tenho dois irmãos que ficam muito ausentes de mim.*

**4. Quais são as experiências de violência que você experimentou ao longo da sua vida e especialmente nos últimos 10 anos?**

*De dez anos para cá eu tive experiência muito ruim, dolorosa. Eu sempre fui uma pessoa muito batalhadora, eu vim de uma família muito humilde, comecei a trabalhar muito jovem para sustentar. Eu sempre tive bom emprego quando tinha força para trabalhar, de dez anos (para cá) eu comecei a fraquejar pela doença também.*

*Fui muito discriminada, rejeitada pela sociedade, porque o povo tem muito preconceito, e a minha enfermidade para eles era uma doença que pregava, aí eu perdi o emprego, eu já não era bem vinda mais nos locais, não pela minha família porque eles me apoiaram, me deram total apoio para mim vencer mas, os colegas, a sociedade lá fora não me aceitava no meio do grupo. Eu comecei a tratar, a buscar ajuda para vencer, mas essa não foi a pior experiência da minha vida.*

*E logo em seguida, para me fazer eu não sei se foi uma prova de Deus, para que Deus estava me dando para ver se eu capaz de vencer, aí eu descobri que meu filho mais velho estava envolvido com coisa errada, eu não tive mais em que me agarrar eu não tive mais por quem buscar, mas eu sempre tinha a certeza que poderia confiar em Deus. Eu já não dormia mais a noite, eu não me alimentava pela dor da enfermidade e pela dor de saber que meu filho estava num caminho errado. Chorava dia e noite, pedindo a Deus para tirar aquela enfermidade minha e colocar meu filho num bom caminho.*

*Eu percebia que cada dia eu estava enfraquecendo, tinha um ótimo companheiro dentro de casa e de repente meu companheiro me deu as costas para mim, ele não queria mais saber, eu sentia que eu estava só, sozinha lutando. Eu perdi a vontade de viver, eu não queria mais viver, eu não queria mais tratar, eu não queria mais cuidar do meu filho, eu me entreguei.*

*Fiquei fraca demais e olhava pelo aquele jovem e não podia mais fazer nada por ele mas, sim pedir a Deus que Deus poderia sim transformar meu filho. Eu fiquei quinze dias trancada dentro da minha casa, sem falar com ninguém, eu não queria ver ninguém, não tinha mais força para caminhar, foi quinze dias e eu aqui, como se diz agonizando. E um dia eu parei porque já não tinha mais as minhas mãos para tocar, para pegar, em lágrimas eu pedi a Deus que me fosse (pusesse) em pé que eu ia caminhar, só que eu não sabia que a pior dor vinha pra mim. Fui em busca de um tratamento mais sério e comecei a percorrer e correr no dia 9 de novembro eu tive uma consulta, foi aonde saiu o diagnóstico sobre minha doença, eu voltei para casa, e reuni a minha família e contei a verdade, o médico disse que eu estava com câncer no sangue, mas eu não ia desistir, eu ia lutar. O meu filho caçula chegou, me abraçou e falou: - Mãe a senhora não tem essa enfermidade porque Deus tocou*

nela e vai te curar, pela senhora daria a minha vida. Isso foi no dia 9 de novembro, no dia 10 de dezembro a pior dor vinha para mim, às 9h da noite meu filho caçula que disse que dava a vida para me salvar, estava se acabando nos meus braços, eu senti mais uma vez para que lutar? Mas eu não cobrava de Deus, cobrava de mim naquele momento eu não tive força para chorar nem para gritar, eu só agradei a Deus por tudo o que estava acontecendo comigo. Passamos. Eu não quis mais cuidar, com a perda do meu filho eu me adormeci, eu me acongelei.

Trinta dias se passou e eu voltei para o hospital porque eu não quis tomar o meu medicamento, quase perdi a minha vida de novo porque não queria mais tratar, a minha mãe sofrendo junto comigo, a minha mãe chorando, gritando, mas eu não queria mais, veio o meu filho mais velho e disse para mim: Mãe por tudo o que a senhora passou, pelas dores que a senhora passou de hoje em dia eu vou ser um homem honesto, eu vou cuidar; e até aí meu esposo tinha me abandonado, ele achou que eu não era mais capaz, meu filho disse que ia cuidar de mim, que ia ser um homem honesto e minha mãe me estendendo cada dia a mão, me ajudando. Mas, outra experiência estava para vir, ajudei meu filho no que eu pode, para ele seguir a vida dele. Ele trabalhava para os outros, ele decidiu montar o seu próprio negócio, mas ele não teve tempo. Quatro meses que ele estava com seu próprio negócio, seu próprio serviço e nós dois caminhando lado a lado, o homem veio e tirou ele de mim. O filho que me estendeu a mão também, que estava ali para poder-me ajudar me disse: mãe não abaixa a cabeça, a senhora vai vencer, a senhora é guerreira, mãe a senhora está aqui porque confiou. Mas, ele também estava próximo a partir de mim. Outra vez eu fiquei para trás, deixei o tratamento de novo, mas sempre tinha alguém me estendendo a mão, aí eu continuei. Hoje eu vivo aqui, (fechando os olhos) sem meus dois filhos, sem meu irmão, buscando a paz o consolo para esse coração, hoje eu vivo para minha mãe e uma filha que Deus deixou comigo. Essa é minha passagem de dor que ela foi marcada desde meus quinze anos hoje tenho 47 anos, de 15 anos até hoje eu fui marcada pela dor, ferida pela dor. Essa gente é a dor de uma mãe.

##### **5. Pode descrever os fatos violentos que mais marcaram sua vida?**

De 15 anos até agora, como eu te falei, minha vida foi marcada por dor. Só, um fato que aconteceu comigo, é difícil para mim falar, mas eu sei eu tenho que falar para desabafar. Eu estava com 16 anos, fui trabalhar na casa de uma família, e nessa casa dessa família estava com oito meses que eu trabalhava quando fui agredida pelo patrão, eu conversei com minha patroa e fui jogada na rua como uma vagabunda, ela disse que errada foi eu, fui eu que seduzi o marido dela, mas disso naquela época nada disso tinha sido, porque eu era uma menina boba da roça, do interior e fui para capital para trabalhar, não tinha nenhuma experiência na época, mesmo aos 16 anos não tinha nenhuma experiência. Ao retornar para casa dos meus pais eu conversei com eles, eles não conseguia entender, não sei se era pelo modo como eles foi criados eu fui castigada, aos 16 anos, aí eu decidi a sair de vez de casa, e tomar um rumo para minha vida, mas, até aí eu não sabia o que que era dor, eu não sabia o que era uma dor. Aí eu fui para a casa dos outros mendigar o pão de cada dia. As vezes eu tinha um lugar para dormir, um lugar para comer, as vezes eu não tinha, pelo orgulho não queria mais voltar para casa dos meus pais. Até que um dia encontrei uma família boa, na capital e fui morar com eles cuidar de um casal de velhos, fiquei quarto (4) anos com eles, aí venho a perda eu não pode mais trabalhar com eles, aí fui para casa de uma tia lá em Goiânia, era só dor e só sofrimento.

Aos 20 anos eu engravidei do meu primeiro filho, e fui trabalhar, trabalhei até na hora de ir para o hospital dar a luz essa criança, eu não tinha mais para onde ir, eu tive que voltar para casa dos meus pais. Eu precisava de trabalhar para dar o sustento para meu filho, eu não poderia arrastar ele comigo para um serviço porque as pessoas não aceitavam a criança ao lado, eu tive que entregar para meus pais cuidar. E ele foi crescendo ao lado de meus pais e eu trabalhando, encontrei um casamento e me casei, ele já tinha seus 8 anos mas meus pais não quis me entregar ele mais e eu deixei com eles, ele começou me odiar e me criticar por eu ter abandonado ele, na cabeça dele eu tinha abandonado ele, eu não tinha dado amor nem carinho para ele e assim foi aumentando a minha dor, meu castigo. Eu tive mais dois filhos, vivi 12 anos num casamento, aí veio minha separação com duas crianças eu tinha novamente que voltar a trabalhar e meus pais cuidaram de meus filhos, mas meu filho nunca me perdoou por ter deixado ele pa' trás. Eu já era angustiada, triste pelo fato que tinha me acontecido, já estava bem madura. Encontrei outro segundo casamento, mas eu não dei certo, não fui feliz, separei, continuei trabalhando. Fui embora para Goiânia, quando meu pai adoeceu, eu tive que abandonar tudo e voltar para casa para ajudar cuidar dele, quatro anos depois ele faleceu. Eu fiquei cuidando da minha mãe e de meus filhos, tinha um irmão que cuidava muito dela, aí veio uma tragédia e meu irmão partiu. Eu continuei cuidando da minha mãe e dos meus filhos.

Encontrei esse outro casamento, ao qual hoje tem 14 anos que eu vivo com ele. Então, essa foi a

*primeira página minha que eu passei. Aí comigo, eu pensei que eu estava superada de tudo, não! Aos 39 anos eu descobri que tinha uma doença, eu estava com 39 anos, mais a ignorei, não quis saber o que era, trabalhando, trabalhando, eu fui enfraquecendo, fui perdendo as minhas vistas, percebi que não dava mais certo, procurei um médico de rotina para saber, eu fiz uma bateria de exames e não deu nada, mas, eu sempre sentido dores muito fortes, aí me deram um encaminhamento para buscar mais foi vários dias de labuta, exames e muitos tratamentos, aí comprovou que eu tinha o câncer, eu digo eu tinha porque hoje eu não tenho ele mais. E, logo em seguida eu descobri que estava com hanseníase, aí veio o preconceito da sociedade lá fora e da própria família, era o que mais me matava era o preconceito das pessoas.*

*Então sobre o preconceito, quando eu chegava nos locais a minha mão era seca e as pessoas olhavam e procuravam se era algum acidente que eu tinha sofrido para mão estar daquele jeito eu simplesmente respondia que não que era hanseníase, a pessoa afastava, a pessoa não tocava na minha mão, ia ficando distante de mim. Na minha casa, as pessoas que vinham que tinham conhecimento da doença não tomavam um copo de água na minha casa tinha nojo, não comia na minha casa porque tinha nojo, e sempre dizia para mim cuidado ao pegar uma criança, cuidado ao você tocar, aquilo me matava cada dia. Aí eu fui entendendo, que era o preconceito, eu não sabia o que era a palavra preconceito aí eu fui entendendo, aí eu comecei esconder a minha mão. Eu não tinha mais vontade de sair, eu comecei esconder a mão para ninguém ver que eu carregava uma doença na minha mão, mas sabe qual é a pior doença que você carrega é da alma, eu estava deixando que aquela doença tomasse conta da minha alma, porque eu estava com medo de sair e agüentar para vão. Aí eu fui secando, secando, esmagrecendo, esmagrecendo e algumas pessoas me atiravam pedras dizendo que eu tinha Aids, porque eu era uma mulher gorda dentro de 30 dias emagrece, as pessoas não queriam saber ou que eu tinha ou deixava de ter.*

*Eu perdi muito amizade, perdi muito, as pessoas que diziam que era minha amiga, nunca! (com lágrimas nos olhos) afastou de mim, menos a minha mãe porque ela lutou comigo o tempo todo, ela me dava colo, ela nunca teve preconceito, ela nunca teve nojo de mim e nem a minha irmã, ela estava ali para pode me abraçar, (chorando) aí eu senti que eu não valia nada naquele momento, que eu era só uma matéria podre que estava na terra. Aonde estava minhas amigas? Aonde estava minhas patroas? Que ninguém me apoio e eu venci ela (enxugando as lágrimas) foi pela fé, pelo amor.*

*Foi um dia eu cheguei para (enxugando as lágrimas) fazer minha última bateria de exames, para mim ir no Araújo Jorge fazer minha quimio, o meu médico levantou, e então aí até dentro de um ano, menos de um ano gente, eu passei por cinco cirurgias, tirava de um lado e brotava do outro, eu comecei a ter tumor, quatro anos de labuta foi para mim, eu tomando droga, eu só dopando todo o dia, mas eu nunca perdi a fé de Deus.*

*Quando um dia eu chego no hospital, para pegar minha papelada fazer os exames para eu ir no Araújo Jorge definitivo, fiz todos os exames, quinze dias depois veio o resultado para mim, que eu cheguei no consultório do médico, o médico abriu todos e olhou, pela primeira vez na minha vida eu ganhei um abraço de um médico de felicidade, aquele médico levantou e me deu um abraço e me procurou que milagre foi esse Dona RADS seus exames estão limpos, limpos!. Eu não sabia se eu sorria, se eu chorava, se eu gritava, sem entender o porquê. (enxugando a lágrima do rosto) ele não conformou, ele novamente pediu outra bateria de exames e aí estava eu fazendo e novamente os meus exames deu limpo. Hoje eu luto contra a hanseníase porque ele atingiu meus nervos, mas o câncer, aquela enfermidade que estava no meu sangue, que estava na minha carne eu não tenho ele mais, eu fui curada, eu só preciso hoje ser curada da alma. Essa é a minha história da perda e a saúde.*

*O preconceito hoje, eu não sei descrever ele não, eu não sei o porquê o tamanho preconceito, eu não sei descrever o preconceito, mas eu vivi com ele em minha própria família, eu não vou citar o nome deles, mas eu tive gente da minha família que não tocava na minha mão, que não tomava um copo de água na minha casa, que não tomava uma xícara de café na minha casa. Eu até coloquei na minha porta, na época, "a minha doença não é contagiosa, não tenha medo", eu tinha um cadarço na minha porta e desse dia eu entendi que eu não tinha vergonha, eu não tinha porque ter vergonha de mostrar a minha mão para ninguém, ela era seca mesma é a verdade, mas eu tinha o maior orgulho quando eu mostrava para o pessoal, (mostrando sua mão) esta é a minha mão todo olhava em mim espantado, e foi assim que eu venci, foi andando, foi falando, foi correndo que eu tive tudo para ter me entregado encima de cama, mas não me entreguei. Essa é a história de quem passa gente pelo que eu passei, não abaixe a cabeça, levanta a cabeça, segue em frente porque o câncer hoje tem cura, o hanseníase tem cura, depende nos querer tratar.*

Quando você falou que teu filho pegou um caminho errado e ele foi levado, essa situação deixou

também uma marca na tua vida, gostaria para você descrever quais foram as escolhas de teu filho, que caminho errado é esse e como acabou a vida dele.

*O meu filho mais velho... Eu vou contar a história do mais novo. O meu filho caçula era um menino meigo, muito trabalhador. Ele até os 20 anos dele, ele era comigo, ele não cresceu muito lá fora, ele decidiu ir para Goiânia a trabalho com a equipe, ao chegar em Goiânia ele ficou uns quatro meses trabalhando e ele vinha em casa de quinze em quinze dias. Eles, quatro deles, arrumaram viagem para Mato Grosso, eu não quis deixar meu filho ir. Nesses quatro meses eu percebi muita mudança no meu filho, já não era aquele menino meigo, carinhoso mais, ele estava distante, eu pensava que era mudança né? Um belo dia ele liga para mim de Goiânia e disse: "mãe eu conheci uma mulher aqui e vou levar para senhora conhecer". Ele veio sim, um final de semana com essa mulher, de Goiânia, chegou, me apresentou: "mãe tá aqui, conheci em Goiânia, assim, assim, terminando o serviço eu venho com ela para Itaberaí, eu venho morar aqui. Logo, assim a primeira vista a mulher parecia uma pessoa muito boa, humilde, muito educada. Eles passaram o final de semana comigo e foi embora para Goiânia, mas achava, já estava achando meu filho muito estranho. Quinze dias depois eles terminaram o serviço e ele veio embora com essa mulher para Itaberaí. Ele alugou uma casa perto da minha, mas muito estranho. Eu sempre percebia que o entra e sai na casa deles era muito grande, era muita gente estranha, eu comecei comentar com minha mãe que ai tinha coisa errada, o meu filho era um menino muito forte, assim gordo, ele começou perder quilos rápido. O meu filho já não estava trabalhando mais, eu conversava com ele e ele dizia que não era nada, nada. Eu pensava que não era nada. E o tempo foi passando, e aquela mulher que começou apresentar coisas estranhas que eu não aceitava e até um dia me disseram, chegaram para mim e disse que meu filho estava usando droga. Eu não quis acreditar, mas também não duvidei que meu filho não poderia estar usando droga. Eu chamei a minha mãe, porque tudo o que passa comigo, passa pela minha mãe, porque não escondo nada. Eu chamei a minha mãe, falei com ela, minha mãe chorou demais "eu não acredito", pois é me falaram. E daquele dia eu comecei a falar com Deus, se meu filho estava usando mesmo aquelas porcarias, eu não queria acreditar o que o povo de fora estava me falando, mas que ele me levasse até ele para mim ver.*

*Um mês já se passou, e eu não conseguia ver, mas o meu filho estava estranho. Um belo dia, Deus me mostrou, não foi o pessoal lá de fora que chegou em mim e contou não, eu vi com meu próprio olho o meu filho fumando droga, eu fiquei arrasada, arrasada, mas também na hora eu não falei nada para ele eu simplesmente voltei para casa e cheguei e falei para minha mãe: "é verdade mãe o meu pequeno está usando droga". Uma ou duas horas depois ele chegou em casa com aquele olho vidrado, brilhando e foi para casa dele. Eu falei hoje não vou conversar com ele nem com a esposa dele, mas outra experiência pra mim. A esposa dele chegou na minha casa, eu fui conversei com ela, porque há mais de 5 meses que os dois estavam juntos ela foi e falou para mim "a senhora é louca o Fábio não mexe com isso". Eu falei "mexe". Eu não sei por qual o motivo, que ela chegou a casa dela e encheu a cabeça do meu pequeno, às 19h meu filho tentou suicídio pela primeira vez. Eu estava em casa assistindo televisão, quando meu telefone tocou dizendo que era para ir no barracão dele, que tinha tentado suicídio. Eu catei meu filho, praticamente morto e levei para o hospital, passei a noite com ele no hospital o outro dia foi liberado para casa, ai eu fui e conversei com ele, ele não me escondeu, ele me disse: "mãe há dois anos que eu uso droga", "há dois anos mãe que eu uso droga". Eu me fiz a pergunta na mesma hora, "aonde eu estava dentre esses dois anos?" que eu nunca descobri; "que tipo de mãe foi eu?" que nunca enxerguei que meu filho estava usando droga. Eu não bati no meu filho, eu não humilhei o meu filho, eu simplesmente di um abraço nele e disse: "nos dois vamos lutar juntos para você sair, eu quero que você confie na sua mãe a partir de hoje; eu não sou só sua mãe e sou sua amiga, estou aqui para te ajudar". Ele me abraçou chorando e disse: "mamãe a senhora não vai me pôr na rua, a senhora não me vai bater?" eu disse: "não, porque eu te amo demais, por eu te amar demais, se você insistir nas drogas eu vou fumar com você, mamãe vai fumar com você; se eu te pegar na boca de fumo você pode saber que eu vou estar ai também. Não, eu não vou te jogar na rua, eu não vou te moer no cacete, por que é que você não me contou há mais tempo?" e ele disse: "eu tive medo". Eu procurei para ele: como é que ele chegou até essa droga, ele me disse: "colegas de trabalho mãe. Mãe eu fumei a primeira vez eu achei bom, a o segundo dia eu estava ali trabalhando e eles me oferecia e fumei a segunda; e, hoje mãe eu estou viciado.*

*E a mulher de meu filho era uma traficante, para acabar com meu resto da vida, a mulher de meu filho era uma traficante. Eu tirei meu filho dela e trouxe para minha casa e fui cuidar do meu filho, mas eu não dava conta eu não pode acorrentar ele dentro de casa e ele saía e fumava droga, mas ele nunca me maltratou, ele nunca deu um grito comigo, ele nunca me humilhou, nos dois chorava junto quando via meu filho chegar em casa do jeito que ele chegava. Eu lutei junto com ele para tirar ele do mundo das drogas, mas eu não tive tempo, meu filho usou droga 5 anos, ele foi dependente das drogas, aí para finalizar no dia 10 de novembro eu não sei qual tipo de droga meu filho usou, qual o*

tipo de droga que deram para ele, o coração dele não resistiu a tal droga, no dia 10 de dezembro às 19h meu filho estava acabado por uma droga, a droga destruiu, acabou com a família, então eu entreguei para Deus naquela hora, essa foi a história de um pequeno, de um filho amado. Agora nós resumindo, a do meu menino mais velho, meigo também, trabalhador, muito divertido, não tinha tempo ruim com ele, mas aos 18 anos meu filho caçou um médio de ganhar dinheiro fácil, meu filho passou a traficar droga, a ser traficante. As mães, os pais, são os últimos a saber o que é que os filhos fazem lá fora e meu filho traficou a droga durante três anos sem eu saber, meu filho pegava serviço para longe, mas era tudo disfarce dele. Até que eu descobri, porque um policial bateu na minha porta procurando por meu filho mais velho, eu não sabia de nada, simplesmente indiquei o local de trabalho dele e ele sorriu e disse: “trabalho mãe? Você não sabe por que é que eu estou aqui?” Eu disse: “Não, meu filho trabalha, sai de manhã e chega em casa a noite”. Ele pegou uma ficha do tamanho de uma semana e disse para mim: o seu filho é um traficante, estou aqui para prender teu filho. Não! Meu filho? Naquela hora eu descobri quem era meu filho. Eu disse: “ele não está”. O policial agradeceu, foi embora. Uma hora, duas horas, mais o menos, veio o mandato. A rua da minha casa cercaram de polícia como se meu filho fosse um dos pior bandido que estava ali, só que meu filho não estava, toda minha casa foi revirada, eles caçava droga, eles caçava droga na minha casa, eu simplesmente sentei e falei para eles: revira tudo, mas vocês não vão encontrar nada, porque eu não tenho nada, eu não sabia que meu filho mexia com isso, e assim foi passando. Meu filho fugindo, fugindo, até que um dia ele foi preso sim, meu filho foi preso em minha frente e eu não pode fazer nada para ele. Foi levado, ficou preso, tirou o tempo dele, foi posto em liberdade, respondeu o processo, pagou, estava pagando só que ele estava enterrado até o pescoço aí ele falou para mim: “mãe eu cansei dessa vida, mãe eu vou sair. E eu louca, desesperada pra ver esse filho num bom caminho, eu perdia noites e noites de sono sem saber onde meu filho estava. Eu fui e falei com ele, treina sua equipe de trabalho, eu vou te ajudar a montar seu próprio negócio. Ele chorando, que meu filho até então nunca tinha derramado uma lágrima, ele chorando me disse: mãe, a senhora vai ter o maior orgulho de mim, que aquela vida minha lá fora eu estou deixando para trás, mãe eu vou ser um novo homem de agora para frente, mãe eu vou trabalhar noite e dia para mim pagar até o ultimo centavo que eu devo, mãe de hoje em dia não compro mais um tênis, não compro mais uma camisa nem uma calça mãe enquanto eu não pagar tudo o que eu devia. Esse era o sonho do meu filho, ele saiu, mas ele viveu só quarto meses depois que ele saiu. Só que eu não sabia, eu tinha conhecimento muito com um policial a quem dediquei quatro anos de trabalho na cada dele; aí eu conversei com esse policial, falei para ele: “não quero conversar com você como polícia, mas como pai, mãe, amigo. Eu estou com um filho assim, assim, assim... pelo amor de Deus me ajuda e a resposta dele foi trazida para mim como amigo, não como fazendo parte da polícia: “RADS eu só tenho uma coisa a te falar, esse caminho, quem entra só sai no caixão”. Aquela palavra me doeu tanto, tanto, e olhei para ele: “você está brincando”. E ele: “não, quem entra RADS só sai no caixão”. E meu filho tinha saído. Parece que eles contaram ali quatro meses após a saída dele, o menino vendendo saúde. Ele amontou a própria equipe dele de trabalho, ele não tinha horário, nem de dia nem de noite, ele pegava essa equipe ia aí trocava um fio levantava um poste, era assim a vida de meu filho nesses quatro meses. E um belo dia, tudo tinha que acabar, ele chegou do serviço seis horas da tarde e procurou: “mãe a senhora vai fazer janta?” Eu lavando muita roupa, eu e avo dele, “fizemos não”. Ele falou “não faça janta hoje, eu vou no supermercado, vou comprar um lanche mãe, eu preciso de fazer regime comer coisa mais leve”. Mas, as coisas leve dele (rindo) era muita comida, aquele sorriso dele tão bonito, e ele simplesmente montou naquela moto e saiu buscar o tal de lanche. Ele trouxe tanta salsicha, molho e pão e preparou aquele lanche, coca, e ele sentou, é como se a ultima vez que vou me alimentar nessa mesa e ele comia, comia; ainda brinquei com ele: “puxa, você é tão grande, mas não tem mais espaço para comida”, aí ele no sorriso, ele estava bem barrigudinho, ele falou assim: “mãe, eu gastei nove meses para fazer ela” (pondo a mão na testa), foi a ultima palavra de meu filho comigo naquela hora. (Emocionada) Ele comeu, comeu e levantou e deitou no sofá, eu peguei e fui para casa é de parede com a casa da minha mãe (enxugou os olhos) e ele ficou lá deitado. E mãe parece que sente né as coisas? Eu comecei ficar agoniada não parava nem na minha casa nem na de minha mãe, mas eu ia lá e estava tudo bem e de repente eu fui e fiquei, conversando como a minha mãe, minha mãe lavando as louças no tanque e eu conversando com minha mãe e muito calor, o meu filho passa por mim, e fala para dois primos dele, pegou uma cadeira e disse: “vamos sentar debaixo da árvore está muito calor, até dar um quilo para mim banhar”. Ele foi, mas ele não ia voltar naquele momento, ele sentou ao lado de dois primos e deu as costas para meu lado e eu entrei conversando com minha mãe naquele momento, mas observando ele lá fora e de repente (respirou profundo) eu vi que uma moto chegou, mas ele era costumado estar ali, era costume dele ficar e os amigos dele chegar. Uma moto chegou e no silencio assim longe eu escutei um barulho (fechando os olhos por um breve instante, com a voz chorosa, continuou) e na

minha cabeça naquele instante era um bombinha, (enxugando lágrimas os olhos) eu virei para falar para minha mãe: que eu achava estranho porque o colega de meus meninos mal chegava e já soltava bombinha, mas não falei, só pensei e continuei conversando com minha mãe, mas foi tudo rápido, escutei o segundo, o terceiro... ai eu percebi que não era uma bombinha, que era coisa estranha mesma que estava acontecendo, mas eu não sabia qual dos três, porque estava em três naquele momento ali. Aí quando eu vejo, eu tenho um filho de criação e meu outro filho foi caindo da cadeira, eu só gritei por Deus naquele momento e minha mãe não tinha noção também. Ai meu menino, o outro, levantou e veio na minha direção, eu vi que, olhava ele não tinha nada nele, mas eu olhava e estava vendo meu filho sentado normal e só ouvi o barulho daquela moto correndo. Quando eu cheguei perto do meu outro menino, ele me falou o Bruno mãe, mãe o Bruno. Eu, “o Bruno? O que aconteceu com o Bruno?” “Mãe aquele cara matou o Bruno mãe”, aquela foi a palavra mais doída do mundo. Foi naquele momento, eu lembro bem que eu gritei: “o Bruno não!, o Bruno não!”, foi três gritos, “o Bruno não!” Eu simplesmente não sei se foi isso, eu entrei em estado de choque, porque eu olhava e via meu filho sentado, eu não conseguia ver o sangue no meu filho, eu via ele sentado igual ele estava, mas no impulso eu cheguei frente a frente com meu filho e foi a pior cena da minha vida, foi aquela uma, porque eu vi o sangue de meu filho se espicha longe, a reação nervosa? Eu comecei a correr, correndo e gritando, e minha mãe sem saber o que tinha acontecido e foi atrás de mim dizendo e ela fala hoje com as palavras dela: “ela passou pelo meu filho e não viu”, ela foi atrás de mim dizendo: “não corre não minha filha, porque você está correndo?” Eu não tinha noção mais do que estava fazendo em aquela hora, não, não sei quem me pegou, se eu estava longe correndo, gritando e me trouxeram de volta para casa, ao chegar ali (chorando muito) meu filho sentado eu só queria pegar, a polícia já estava ali, eu só queria pegar ele nos meus braços, igual o outro, porque meu caçulinha acabou nos meus braços. Eu queria tocar nele, eu queria abraçar ele, mas a polícia não deixou pegar nele não. Eu fui fraca, eu falei: “ó meu Deus está com três meses que o Senhor tirou o meu pequeno agora leva meu grandão”, porque era assim que eu chamava meus filhos: pequeno e grandão; “eu vou embora com eles, eu vou ficar fazendo aqui, agora?” Não sei o que ia fazer naquele momento, naquela hora, não, não sei, ai olhei por um lado, eu vi meu filho, o outro o de criação em estado de choque, olhei para o outro lado, vi minha filha em estado de choque, olhei ao lado do meu filho estava minha mãe paralisada, naquele momento olhei para cima e falei: “Deus me perdoe! (enxugando os olhos) Mas me dá força, você levou de mim, o Senhor me deu, deixou ele viver comigo 27 anos, mas foi 27 anos de amor, de alegria, agora eu te devolvo nos teus braços com muito mais amor”. Foi assim, eu simplesmente entrei dentro de casa, peguei o documento e fui para aquele hospital, para tratar de arrumar para liberar, ao chegar ali eu recebi um abraço daquele mesmo policial com que eu trabalhei, só que foi diferente porque ele estava na farda, ele me disse: “ó minha irmã que te falei? Que foi o que eu te falei naquele dia que você me procurou para conversar? Que ele só saia no caixão”. Ai eu faço hoje a pergunta para mim, mãe, para mim: “se ele tivesse ficado ele estaria vivo? Se ele não tivesse optado de sair, meu filho estava vivo? Ou meu filho estava preso? Ou meu filho ia ser morto cada dia um pouquinho?” Porque meu filho sabia demais, eu não vou citar o nome dele, mas meu filho sabia muito e foi por isso que meu filho pagou com a própria vida o que ele devia. O meu filho se partiu com 27 anos de idade, uma vida toda pela frente, eu perdi sim para as drogas dois filhos amados, dois filhos. E a dor é diferente, a dor do caçulinha que morreu com o enfarte, (tocando no peito do lado esquerdo) doe muito; mas, a dor da morte do que morreu pela mão do homem, ela rasga meu coração, a cada dia ela rasga um pouquinho assim, ela destruiu meu coração. Hoje, para finalizar essa entrevista de meu filho, eu digo para todas as mães: mãe que ama seus filhos, não tenha vergonha, não tenha medo de sentar, conversar, se teu filho está na escola mãe olha a mochilinha deles, olha os bolsinhos da roupa deles. Eu sei que uma coisa muito importante aconteceu comigo eu tive tempo de abraçar meus dois filhos e dizer a eles o quanto eu amava, o quanto isso é importante para mim em antes deles se acabar. Essa é a experiência de uma mãe que sofreu, hoje está com um ano e quatro meses que eu perdi meu menino mais velho, um ano e oito meses que perdi meu filho caçula, essa é minha experiência de vida com os filhos.

#### **6. Como você se sentiu diante da violência?**

É uma etapa difícil para mim, muito difícil. Eu me senti desprotegida, todos desprotegidos pela própria lei que no nosso país não existe lei. A nosso país no existe a palavra proteção, não, existe sim discriminação. Quando eu venci essa etapa da perda, um dia eu falei, fui falando, foi amando, mas o primeiro passo que eu tive foi confiança em Deus, foi agarrar nas mãos de Deus, porque eu aprendi uma coisa na minha vida a confiar em Deus e não na lei da terra mais, porque justiça na terra nós não temos, não. A justiça da terra ela só protege aos mais fortes, os poderosos, então foi assim que eu encontrei, eu não quis mais saber sobre a perda do meu filho, porque um ano se passou e a própria justiça nunca sequer bateu na minha porta para dizer por que meu filho morreu, não. Eu

deixei que Deus só sabe o por que, que isso aconteceu com meu filho, segurança não, nós não temos. Aí eu me senti assim desprotegida, porque não posso falar muito pela perda do meu filho, ainda tarde que eu esqueci de te avisar, porque ele sabe quem eu sou, ele sabe aonde eu moro. Sobre a perda do meu filho eu não posso falar muito, porque ele sabe quem eu sou, sabe aonde eu moro e minha casa foi cercada e vigiada depois da morte do meu filho, entendeu? Eu quase não sou muito de falar sobre a perda dele, eu não tenho nenhuma segurança aqui, eu não tenho nenhuma proteção aqui, tem de Deus, a qual todos os dias eu entrego a minha vida e a vida da minha família nas mãos dele; segurança nós não temos, pode ter certeza que você vence, você supera mas a dor ela nunca acaba, ela diminui um pouquinho, mas ela nunca vai passar, ela nunca vai acabar, porque ela nunca vai passar essa dor, que seja ela a que for, o tipo de dor, qual o tipo de danos morais que você sofre, ela marca, ela traz a marca da dor, ela não passa, ela vai diminuir um pouquinho, mas ela não vai passar. Então, por isso é que hoje eu falo nesta entrevista contigo deixo eu não posso falar muito sobre a perda do meu filho.

#### **7. Quais foram os elementos que contribuíram para você se refazer da violência?**

Enfrentar a violência para não foi um passo fácil não, entendeu? Eu tive que começar abandonando muitas coisas para trás. Eu vou começar tirando pelo meu alimento para mim ficar mais fácil. Eu passei até hoje, para mim chegar no alimento para vencer ela, a minha alimentação foi balanceada, eu comecei engorda fora do limite, aí ficou assim minha comida balanceada, eu não posso comer carne vermelha eu posso comer ela só uma vez na semana. É muito tipo de alimentação que eles tiraram de mim, eles passaram me por uma droga muito forte no meu organismo eu não tinha mais vontade de alimentar, porque meu organismo habituo com o remédio que eu estava me engordando fora do limite e começou atingir meu coração, que eu tenho problema de coração. Eu parava e pensava é certo? Eu gosto desse alimento eles tiraram de mim. Eu gosto tomar uma cervejinha eles tiraram de mim, eu gosto de tomar uma caipirinha em família eles tiraram de mim... Eu vou sobreviver do que? Eu ficava assim: puxa se eu não alimentar eu vou, se eu alimentar eu vou, mas todo era na mente, entendeu? Um dia eu me olhei no espelho, que eu faço essa piadinha comigo, olhei no espelho bem gordinha, pera aí eu sou linda e maravilhosa e gostosa (riu muito), eu vou me cuidar, eu me amo, entendeu? Eu me amo, eu vou me cuidar. Todo aquele alimento eu peguei e “yup” não te quero mais. Aí peguei meu caderno o que eu posso comer ou que eu não posso comer e comecei preparar o que eu poderia comer. No primeiro mês foi horrível, foi ó como falou as meninas, no segundo mês já era delícia. Aí comecei a perder quilos eu estava alcançando os 80 kg hoje estou com 70 kg, aí eu falei puxa sabe que o trem é até bom e comecei a falar com as pessoas para me ajudar a vencer. Fui buscando aqui, busca ali igual te falei sobre o preconceito, aí comecei buscar para mim mesma, eu me acordei para a vida. Falei puxa eu tenho 48 anos, vou fazer 48 anos, aqui (tocando o rosto) está ruscado, mas aqui (mostrando o coração) está jovem, aqui dentro (tocando o corpo) está jovem, eu vou me cuidar. Doença você não existe, você está abaixo de meus pés, você não existe mais. E foi assim Katuska os alimentos que eu busquei me encarando num espelho. Aí começou sair uma ferida aqui outra aqui, porque minha pele ficou muito fina com o tratamento, sentava meio de ladinho porque saía uma de uma lado, outra de outro, eu falava não vai dar lepra no meu corpo, nunca. Eu cobrava, (apontando do dedo para cima) eu falava Deus onde tu estás numa hora dessas? Era. Em vez de eu chorar de eu gritar, nem com a perda dos meus filhos eu chorei muito na hora. “Eu falei Deus onde tu estás? Seca isso aqui (mostrando os olhos), calenta isso que está aqui dentro gritando (mostrando o coração)”; sempre foi assim que eu superei muita coisa na minha vida, porque eu sou desbocada, sou. Um dia levantei aqui toda torta, escaimbada, fui lá para casa da minha mãe ela. Minha mãe olhou e falou: é hoje não está boa, eu falei tou boa. Ela até riu e falou você é doida! Eu falei: “onde tu tá Deus, não vai concertar isso aqui? Eu não quero ficar torta o dia todo não”. Minha mãe fez assim (girando o dedo em sinal de doidura), minha filha é doida. Doida? Não mãe! Uai eu não vou ficar, e aquilo, gente levou quase na brincadeira mas quando levantei estava boa, não tinha dor. E assim quando eu comecei dar a dar escama no corpo eu falei para Deus, onde tu estás? (tocando no braço), eu não aceito isso aqui não ô, limpa isso aqui uai. Aí tomei meu remédio e você pode ver que eu tenho minha pele limpinha, limpa minha pele. Então foi assim o alimentos que eu encontrei. Eu brigo com Deus, assim brigo, brigo com Deus, não sei se estou certa com ele ou errada com ele, mas eu brigo com ele (risos). E você sabe que nesta etapa da minha vida eu tenho muito que agradecer porque eu fui muito amada e muito feliz porque encontrei muita gente boa neste tratamento. Foi assim os alimentos que encontrei na minha vida foi, e a fé para seguir, para continuar nela, que já teve dia que eu não chegava nessa porta.

#### **8. Você pode descrever que coisas, pessoas, situações a ajudaram a (re)encontrar o sentido de vida?**

O que me ajudou muito a reencontrar o sentido de voltar viver, primeiramente foi a minha mãe, foi ela. Eu tive gente após as perdas, duas perdas recentes que me criticou sim, que me pus lá no chão (mostrando no chão). Mas gente que eu nunca vi, na minha vida, que nunca tinha tido contato um dia bateu na minha porta, eu abri e perguntou e eu falei sou eu mesma, eu tenho permissão de entrar? Fica a vontade. Essa pessoa entrou na minha casa e começou conversar comigo e eu comecei a derramar lágrimas, essa pessoa levantou humildemente e fez assim no meu rosto (passou a mão pelos olhos) e me disse: você está chorando por quê? Porque você está derramando essas lágrimas? Eu fui e falei hoje está com tanto tempo que eu perdi. E me disseram: não, você não perdeu, você perde um objeto, um objeto você perde então você não perdeu. Naquela angustia, naquela dor eu falei que pessoa ignorante é essa, falei no meu pensamento, entendeu? que pessoa ignorante é essa, não sabe da minha dor, de certo, porque a gente é falho, a mente é suja. E falou para mim, não, outra vez, você não perdeu, você perde um objeto. Você simplesmente mãe entregou para Deus, você entregou para Deus o que Deus te deu. Deus te deu para você, mas teve o tempo e a hora deles ficar aqui, você apenas devolveu para Deus, o que Deus te deu. Isso não era seu, isso era de Deus. Deus te emprestou aqui na terra. E olha que Deus está cuidando daquelas alminhas não importa o que seus filhos fez ou deixou de fazer aqui na terra, não importa! E seca tuas lágrimas mãe. Aquela palavra de mãe, e eu olhava, assim puxa mas eu nunca vi essa pessoa, quem é? Quem é essa pessoa, meu Deus? Eu nunca vi esse rosto, porque os rostos que passaram na minha mente eu gravo na minha mente. Eu nunca vi essa pessoa, quem é? Que bate na minha porta pedindo permissão para entrar e me falar da perda, da dor. Será que essa pessoa já perdeu igual eu? Será que essa pessoa está sentindo a dor que eu estou sentindo? Conversando e a mente trabalhando. Ai eu entendi o significado da palavra eu não perdi meu filhos eu entreguei eles para Deus. E foi longa conversa entre eu e essa pessoa, na hora que ela despediu falou respira fundo mãe, sempre falava mãe, respira fundo mãe e pára de chorar por eles. Na hora que chegou na porta, virou para mim e me disse com um sorriso muito bonito: "a mesma dor que você está passando agora está com 15 dias que eu passei por ela, eu vim trazer consolo para seu coração que nós não chora pelos que partem, nos chora pelos que fica. Você ainda tem dois filhos!" E aquela palavra me marcou, muito. Eu levei até minha mãe. fiz assim (limpando os olhos – as lágrimas) e hoje em dia não choro pelos meus filhos que partiu, hoje em dia sou sorrir pelos meus filhos. Nunca descobri quem é esta pessoa que me visitou. E nunca mais Kati eu vi esse rosto aqui em Itaberá. Eu ando, eu procuro, eu procuro esse rosto sim, mas eu mais nunca eu vi. Tá ai minha mãe que não me deixa mentir. Nunca mais eu vi, foi um anjo que veio naquela hora eu estava com mês Kati que eu tinha perdido meu filho, melhor que eu tinha entregado meu filho para Deus que essa pessoa bateu na minha porta e pediu, porque é raramente a pessoa pedir licença para entrar na minha casa e humildemente essa pessoa pediu licença para entrar dentro da minha casa, nos conversamos no máximo umas três horas sentados aqui e levantou e falou para mim, e ainda voltou para meu lado, eu vim trazer o consolo para seu coração, hoje está com 15 dias que eu passei por essa dor. Mas eu não sei. E é assim, a minha irmã também foi muito guerreira comigo nessas perdas, meus dois irmãos me apoiaram, meu esposo me apoio também e a sociedade lá fora. Foi assim, mas eu só superei mesmo com as palavras amiga porque eu busquei muito em Deus também, muito em Deus para superar essa perda e essa violência deles aqui fora. Eu tenho medo de me cair de novo, tenho. Não deixei que uma depressão me pegasse? Não, não deixei. Eu fui mais forte do que ela, porque para mim foi muito, assim, rápido. Eu enfrentando uma doença eu perco, o caçulinha se parte, no meio de um tratamento para chegar a etapa final minha o grandão se vai. Ai eu misturei tudo na minha cabeça, a perda, a enfermidade, eu misturei tudo na cabeça, mas agradeço hoje muito a Deus pela amizade que eu tive, que eu constrói nesse local onde eu moro, porque aqui tudo mundo é humano, aqui é humano, a sociedade toda me acolheu, me apoio no momento que eu precisei, nenhum me desamparou. Foi assim Kati que eu consegui, eu não vou falar para você que eu superei, não, que eu diminui a minha dor, foi falando, foi buscando. Não vou para igreja? não, mas em casa, no grupo de oração em casa, agradeço a Deus por tudo que ele me deu de bom, e por tudo o que passei de ruim na minha vida. Foi maravilhoso? Foi! Eu tive um, viveu comigo uns 24 anos, foi o maior amor que eu tive na minha vida e agradeço a Deus por ter tirado ele de mim também naquele momento. E agradeço muito a Deus pelo grandão que viveu comigo até os 27 anos. Mãe e filho. E hoje eu sei que ele vive com Deus.

#### **9. Você teve alguma experiência religiosa antes, durante ou depois da violência sofrida?**

Tive. Eu tive a primeira experiência com religião, quando eu descobri que ele estava no caminho errado eu percorri vários lugares. Eu achava que estava fazendo a coisa certa, mas eu esqueci que ele estava lá encima (colocou a mão apontando para o céu). Eu fui para centro, eu fui para bruxaria, na minha cabeça eu tinha que salvar meu filho, eu deixei Deus naquele momento e fui em busca de outra coisa, eu percorri centro, ah tem uma coisa... eu ia, eu estava disposta colocar minha casa em

negócio para salvar meu filho, tava, salvar do que? De quem? Eu vi que não dava certo eu fui para evangélica, eu vinha buscando o pastor, coisa que eles não tinha a me oferecer, coisas que eles não tinha, nada a me oferecer a não dizer para mim ah é o demônio que está com seu filho, o demônio que esta com seu filho... era aquelas palavras que eu ouvia. Foi uma experiência muito difícil, muito dolorosa. Eu gastei, eu não vou ter vergonha de falar justo que estou falando sobre religião, há 6 anos atrás eu gastei mil e quinhentos para tirar meu filho dessa vida e não consegui. Eu gastei não, dei de graça eu derramei isso aqui (fiz o gesto de limpar o suor do rosto). Meu filho ficou pior do que ele estava. Eu di meu dinheiro num centro espírita, eu dei 1.500 reais, num centro espírita, não resolveu. O caçula, o pequenino foi do mesmo jeito, eu queria, não eu não dei conta, por uma parte que eu não falei, eu cansada já de percorrer, percorrer doente e tudo, eu cansei, eu estava cansada e um belo dia, como eu falei eu não dormia mais, eu levantei meia noite o meu filho caçula estava na rua, estava-se drogando, (tocando-se o joelho) coloquei isso aqui no chão, nos pé da cama e lágrima desceu quando eu falei para o Pai que ele tivesse misericórdia de mim, que era uma mãe desesperada, uma mãe que já não sabia mais o que fazer porque eu olhava no relógio, era meia-noite, e meu filho não tinha chegado em casa, sem medo, sem remorso eu pedi para Deus naquela hora na oração, se fosse para mim ver o meu filho na boca de fumo, se fosse para ver meu filho arrastado pela polícia, se fosse para ver meu filho ser espancado pela mão do homem lá fora, que Deus tirasse ele de mim, na quarta feria, na quinta feira às 9h ele foi recolhido de mim. Esse pedido eu fiz para Deus e não tenho remorso de falar e já tinha gastado muito como o meu mais velho também, só porque eu não esperava que a do mais velho fosse trágico. Quando eu descobri e tive tudo nas mãos, sobre a mudança, que até quando ele ia se assegurar e a mesma proposta eu fiz com Deus naquela noite também, 16 de março, melhor 15 de março dobrei novamente meu joelho no chão e tornei falar com Deus: o Senhor recolheu um de mim, o Senhor me deu, o Senhor tirou, o Senhor me deu força, eu estou aqui, não tou? O que você tem na vida do meu menino mais velho meu Pai? O que você tem na minha vida? Ó meu Deus tenha misericórdia de mim de novo! Qual que é o destino de meu filho? Ó Pai se for para mim ver... até então eu sabia da perda dos colegas, que tinha acontecido outros assassinatos, também igual ao meu filho, a menina que eles cortaram que eles colocaram fogo. E eu falei com Deus: ó Meu Deus eu não quero ver meu filho morrer dia sim, dia não nas mãos dos bandidos. O que você tem para mim, meu Pai? Outra vez meu Deus entrego nos teus braços outra vida, veja o que você pode fazer pelo meu filho mais velho. Kati No dia 16 de março, todo tinha que acontecer né? Mas, religião Kati não salva, religião não salva ninguém, religião não cura ninguém, mas Deus sim. Uma palavra amiga ela é gostosa? É, a pessoa vem te deixa uma palavra amiga, ela é muito boa, mas o consolo vem do Pai lá encima, e foi assim que eu busquei em Deus, quando me dava tristeza, vontade de chorar eu ia para meu quarto e dobrava o joelho no chão e falava com Deus para ele tirar a dor, a aflição que estava no coração, foi assim que superei. Hoje eu sou essa pessoa, tem hora que eu derramo uma lágrima, doe, mas eu sou muito sorridente, eu gosto muito de brincar. E meus filhos pediam isso para mim: mãe se Deus nos tirar primeiro que a senhora eu não quero que a senhora baixe a cabeça, mãe eu quero que a senhora continue sendo essa pessoa que a senhora é, transmitindo para os outros alegria, e assim continuei Kati. E assim eu quero terminar a minha vida, correndo, sorrindo, gritando pelo mundo.

Essa foi a história de minha perda de meus filhos e eu superei a doença foi assim, religião não, não salva, porque eu percorri, fui em vários lugares, já foi para espírita, só porque eu esquecia de Deus, eu esquecia que Deus poderia fazer alguma coisa por mim, entendeu? Eu achava que ali, naquela casa de espírita ali eu chegar lá e eles iam fazer tudo para mim, não! Eles só quis meu dinheiro, eu falei a perda desse menino, se Deus não tivesse permitido naquele momento uma só bala tivesse saído, ela saiu porque Deus também permitiu, porque o inimigo não é mais do que Deus, entendeu?

#### **11. Hoje, como é a sua relação com a religião?**

A minha relação com a religião hoje, eu não sou católica, sou espírita, mas a minha relação com ela hoje é com muito amor, muito carinho e muita sabedoria porque foi preciso de eu perder para mim enxergar o quanto Deus é maravilhoso, o quanto Jesus transmite a paz para gente, entendeu? Hoje a minha relação com a religião é de muito amor, eu não sirvo a igreja católica, eu não sirvo a igreja evangélica, eu não sirvo a espírita entendeu? Mas é Deus dentro do meu coração.

Mesmo sendo espírita não participo mais, porque a partir desse momento eu passei a dedicar somente a Deus. Eu entendia que a religião, essas coisas, igual eu te falei sobre espírita, é só enganosa porque eles só queriam o dinheiro, porque se quisesse, se fosse verdadeira mesmo tinha salvado meus filhos, eu entendi: não, centro espírita engano! Nós temos que crer no Deus vivo, no Deus verdadeiro, não no pó da terra. Essa mesma pessoa que passou na minha casa que me disse do "pó viemos no pó retornaremos" foi o que me deu mais firmeza para continuar, porque nessa

*jornada minha ainda não tinha ouvido essas palavras: "do pó viemos, do pó retornaremos, do pó seus filhos veio ao pó você entregou o seus filhos, que é a terra né?*

*Tem alguma outra coisa que você gostaria de acrescentar a essa nossa conversa?*

*Só assim, eu sei que não vi ajudar muito, mas por essas mães, por essas mães que passou pelo que eu passei, porque quando eu estava passando aqui outra mãe estava passando ali que ela saiba encarar com amor, dignidade em Deus, que elas nunca abaixe a cabeça delas por mais que doa, que ela levante a cabeça e continuem, que somente uma mão pode sustentar o nosso peso a mão de Deus, que essas mães não murmura, não cobra de Deus, agradeça a Deus que se eu fosse cobrar de Deus essas duas perdas eu estava louca, que portanto, para finalizar a minha própria família, não vou falar que foi gente fora não, a minha própria família me considerou doida, louca, porque eu agradeço a Deus todos os dias, as vezes é porque eu não vou no túmulo dos meus filhos chorar não, não vou não, em vez de ir no túmulo deles chorar eu vou fazer de comer dentro de casa, é. Eu nunca deixei de fazer as coisas que meus filhos gostavam, também não, o alimento que eles gostavam, eu preparo como se meus filhos estiveram aqui dentro de casa. Eu não vou deitar no túmulo. Um dia eu fui ao cemitério, eu vi o desespero de uma mãe no túmulo de seu filho, gente, nós não vai trazer nossos filhos de volta, não, posso ir lá sim, visitar, mas não para chorar encima do túmulo de meus filhos gente não. É isso que eu deixo para todas as mães, que Deus console o coração de cada uma delas e que elas sejam vitoriosas.*

*É o que eu penso os jovens de hoje tenham mais amor, tenha mais sabedoria com a vida, eu costumo falar aqui Kati, a vida é tão curta para viver de cara amarrada, entendeu? É tão gostoso você chegar num ambiente e sentir bem, você poder respirar o ar puro sem poder se esconder o rosto. Eu peço para todas as mães do mundo, que um dia é para ver essas mensagens, fala mais com o filho, ama mais seus filhos, não deixa para amanhã o que você possa fazer hoje, se você possa dar um abraço no seu filho hoje, não só no seu filho, na sua mãe, no seu pai, no seu irmão, no seu vizinho e diga para ele o quanto ele é importante para você, você vai encontrar muita paz, porque foi assim com meus filhos, eu tive tempo de dar um abraço e dizer o quanto eu amava, se eu não faço isso quanto eu tive tempo, se eu fosse escorraçar o que seria da minha vida hoje? Hoje não tenho remorso de nada e é por isso que minha família me criticou, pela experiência que eu passei e eu continuei falando e falando deles, falando em Deus, eu não escondi a dor, eu joguei a dor para fora, entendeu? Essa é a minha vida e hoje eu quero viver para as outras mães ajudar seus filhos, eu tenho mais dois filhos para mim cuidar e converso muito com meus dois filhos, um começou também a dar uma deslizada e eu coloquei os pés na frente dele e falei: viu o destino do seu irmão na sua frente? Você quer que a mamãe passe por essa dor de ver o sangue de outro filho dela correr na terra? Ele simplesmente encheu o olho de água, me abraçou e disse não mãe. É assim que eu vou tirar meu filho das drogas também..*